



*Talvez o ditado que diz que
quem desdenha quer comprar
não esteja totalmente errado*

Inimigos não se beijam

CÁSSIA CARDUCCI



Copyright © 2019 Cássia Carducci

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos de imaginação do autor. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência.

INIMIGOS NÃO SE BEIJAM

Cássia Carducci

Revisão: Rebecca Pessoa

Capa: E S Designer

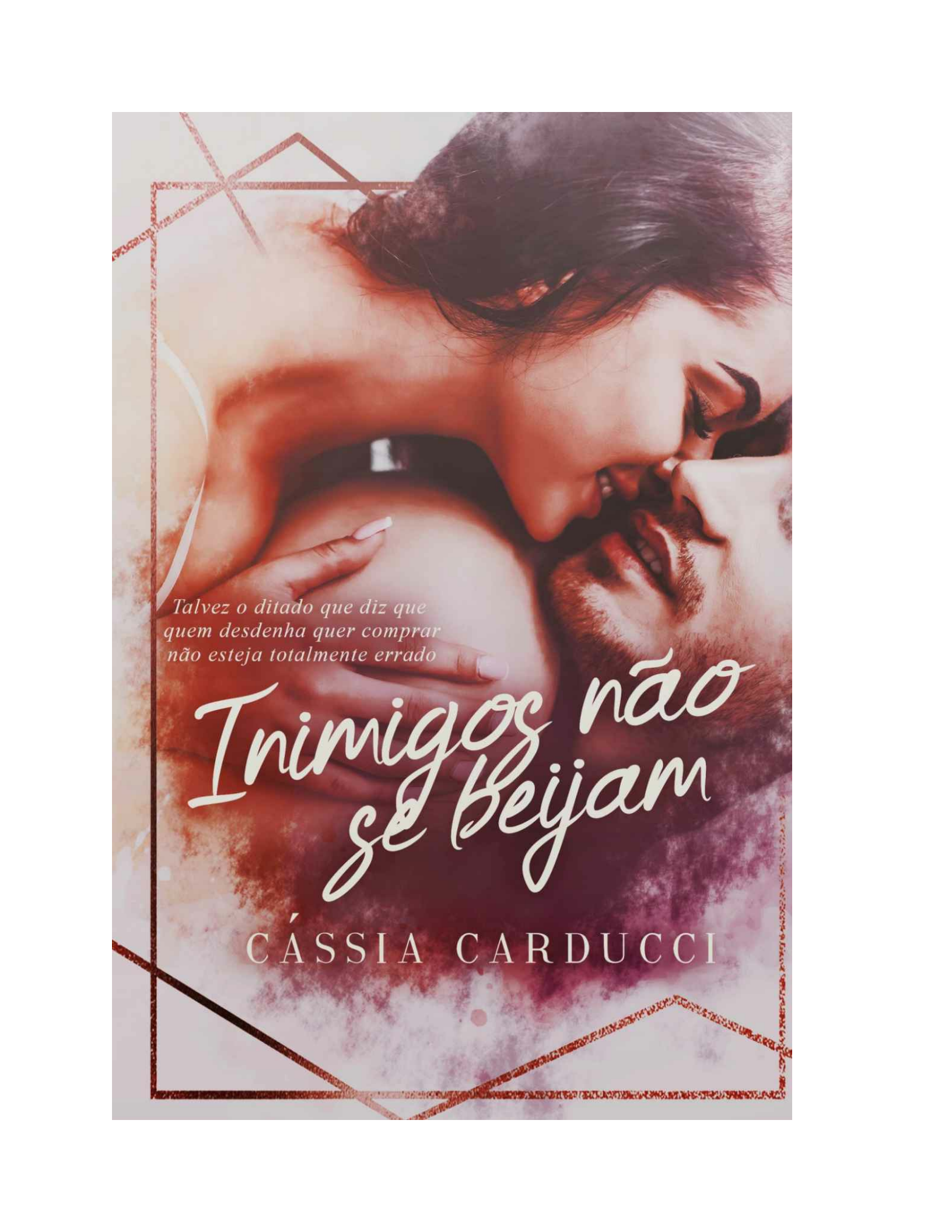
Diagramação Digital: NS Capas

Todos os direitos reservados.

São proibidos o armazenamento e/ou a reprodução de qualquer parte dessa obra, através de quaisquer meios – tangível ou intangível – sem o consentimento da autora.

A violação dos direitos autorais é crime estabelecido pela lei nº 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

Edição Digital | Criado no Brasil.



*Talvez o ditado que diz que
quem desdenha quer comprar
não esteja totalmente errado*

Inimigos não se beijam

CÁSSIA CARDUCCI

Inimigos não se beijam

CÁSSIA CARDUCCI

sinopse

Ele implica com tudo sobre ela: o cabelo, a roupa e até o modo de falar.

Ela odeia absolutamente tudo sobre ele, mas principalmente o fato de que, não importa o que faça ou o quanto se esforce, ele nunca gostará dela.

Camila e Daniel não se suportam, mas isso não impede que suas famílias, amigas de longa data, os obriguem a conviver desde a infância. Quando um jantar em família às vésperas do Natal os coloca juntos mais uma vez, o destino resolve brincar com os dois e colocar as cartas na mesa.

Sem família, sem máscaras e com uma boa dose de álcool envolvido, Camila e Daniel descobrirão juntos, que talvez o ditado que diz que *quem desdenha quer comprar*, não esteja totalmente errado.

Dedico esse livro á todos os primeiros amores.

NOTA DA AUTORA

Diferente dos meus outros romances, **Inimigos não se beijam** é um livrinho curto, estilo **romance de banca** e com uma pegada forte de comédia e um pouquinho de hot. Camila e Daniel me chamaram em um momento em que eu estava precisando escrever algo mais leve, então não esperem drama, nem grandes conflitos. Esse é o tipo de livro para você ler em um sábado à tarde, acompanhado de um chocolate quente e muitos sorrisos.

Espero que gostem, e embarquem nessa aventura comigo, que me tirou da minha zona de conforto e me fez dar várias gargalhadas, além de claro, trazer todas as sensações que só um primeiro amor é capaz de nos fazer sentir.

EPÍGRAFE

“O amor está mais perto do ódio do que a gente geralmente supõe. São o verso e o reverso da mesma moeda de paixão. O oposto do amor não é o ódio, mas a indiferença...”.

Érico Veríssimo

PRÓLOGO

INIMIGOS, INIMIGOS, FAMÍLIAS À PARTE.

Camila

Alguns anos antes.

Meus pés afundam na grama macia do bem cuidado jardim dos Ventura. Tomo o máximo cuidado possível para não sujar meus sapatos novos, porque além de mamãe ter recomendado mil vezes para que eu não os estrague, também não quero estar feia. Não quero que ele me ache feia. Respiro fundo e passo as mãos pela minha roupa nova, pensando se ele vai gostar delas. Quando minha prima me disse que quando começamos a gostar de alguém a gente meio que enlouquece, eu ri e disse que ela era uma exagerada, mas agora vejo que é verdade, e que é uma droga. Tudo o que eu penso é sobre ele. Se ele vai gostar, o que ele vai dizer. E o pior de tudo é o fato de estar gostando justamente do meu melhor amigo, que está estranho comigo por algum motivo que eu ainda não descobri. Mamãe disse que os meninos podem ser difíceis de entender, eu só não sabia que era tanto assim.

Arrumo os cabelos e sigo em frente, até onde sei que todos estão. O rancho da família Ventura fica há alguns quilômetros fora da cidade, em um lugar rodeado por pequenas chácaras e lugares de lazer. Normalmente nos reunimos aqui em todos os grandes eventos que envolvem nossas famílias: aniversários, dia das mães, feriados, festas de fim de ano. É um lugar gostoso, com piscina, um campo de futebol, uma grande cozinha antiga com forno e fogão à lenha. Na casa de tijolinhos à mostra e grandes vigas de madeira, tem quartos e camas suficientes para que todos possam dormir com conforto. Mas o que eu mais gosto nesse lugar é o lago que passa ao fundo do terreno. Lá há um deque de madeira em que papai e tio Joaquim sempre se reúnem para pescar. Porém, quando eles não estão lá, gosto de me sentar e admirar a vista, que é linda. Tem um barquinho encostado à grande árvore plantada à beira do laguinho, que eu nunca vi sendo usado, e também dois pedalinhos, que são fofos, e que às vezes nossos pais usam, segundo eles para relembrar os velhos tempos de namoro. Mas o mais legal daqui é o Jet Ski. É também o que

Daniel mais adora e mesmo ele sendo apenas dois anos mais velho do que eu, seus pais deixam que ele pilote, sempre com a supervisão de um adulto, claro. Eu gosto de vê-lo pilotar a moto aquática, mesmo que eu não admita nem sob tortura, e ele adora chamar a atenção de todo mundo, mostrando o quanto é bom nisso.

Daniel é um exibido.

Vejo meus pais cumprimentarem primeiro tia Márcia, depois tio Joaquim. Apresso-me e faço o mesmo, sorrindo diante dos elogios dos dois, mesmo que meus olhos busquem desesperadamente saber onde ele está. Não gosto do modo como venho me sentindo sobre ele nos últimos meses, mas a verdade é que não é algo que eu possa controlar. Acho que mamãe já percebeu, mas ela também não comenta nada, e eu agradeço por isso. É constrangedor.

— Camila, você está linda — Tia Márcia elogia, sorrindo abertamente para mim. Ela sempre é um verdadeiro doce, e eu gosto muito dela — Uma mocinha — ela se vira para minha mãe — A gente pisca e eles já estão assim, quase adultos.

— Ai nem me fala. A Camila tá naquela fase de nem ser mais criança, mas também não ser adulta ainda. Essa fase dos treze anos é terrível — minha mãe entra na embaraçosa conversa sobre a adolescência e logo sou esquecida pelas duas.

— Nem me fala — Tia Márcia continua — Daniel tá cada dia pior, acha que já manda na própria vida...

Falando nele, volto a procura-lo com os olhos até que o vejo, do outro lado do gramado, jogando bola com outros meninos. Meu coração aperta um pouquinho, vendo como ele está bonito. Nunca senti por nenhum outro garoto isso que sinto por Daniel. Ele é tão bonito e engraçado. *E joga futebol tão bem.*

Tomando coragem, atravesso o jardim e vou até onde ele está. Até algum tempo atrás, a gente era amigo. Nossos pais estudaram juntos, e continuam amigos até hoje, o que fez que a gente crescesse como uma grande família. Mas de uns tempos para cá, Daniel tem se afastado de mim. Temos apenas dois anos de diferença um do outro, mas de repente, ele deixou de gostar de fazer as coisas que fazíamos antes, e eu me senti deixada de lado. Na escola,

ele não vem conversar comigo no intervalo, como fazia antes, e agora, todas às vezes que meus olhos o buscam pelo pátio, ele está sempre rodeado de garotas da idade dele. Em nossa ultima conversa, ele disse que eu sou muito infantil, e eu não entendi porque ele foi tão grosso. Não quero que ele me veja assim, porque eu acho que realmente gosto dele.

— Ei, Dani! – eu o chamo, mas ele não parece me ouvir, então tento novamente — Daniel!

— E aí, Camila? – ele grita do outro lado, sem sequer levantar o olhar na minha direção. Continua chutando a bola ao gol, como se eu não estivesse ali. Também me chamou de Camila e não Mila, que foi um apelido que ele mesmo me deu e como sempre gostou de me chamar. Ele sempre foi Dani, e eu sempre fui Mila. Sempre fomos melhores amigos.

E agora, parece que não somos mais nada.

Caramba, isso dói.

[...]

Sem qualquer animo ou fome, remexo minha comida que ainda está toda no prato. Todo mundo já terminou de comer, e eu sou a única ainda sentada à mesa. Quando penso em me levantar, Daniel se senta ao meu lado e sem falar nada, pega o refrigerante na mesa e puxa meu copo, sem pedir permissão, despejando o líquido e levando à boca.

— Esse copo é meu – reclamo, porque suas atitudes já estão me enchendo a paciência. Não que eu não possa dividir meu copo com ele, mas ele sequer pediu. Desde quando Daniel ficou tão sem educação?

— Você não está usando, ué. Porque eu não posso pegar? – ele me olha esquisito — Ah, já sei. Você já entrou naquela época que as mulheres viram umas loucas, né?

Franzo o cenho até abrir a boca e entender do que ele está falando.

— *Virou mocinha, Camila?* – ele bebe um gole de refrigerante e me olha de lado, debochado. É óbvio que está tentando me irritar, e está conseguindo, diga-se de passagem.

— Isso não é da sua conta – puxo meu copo de sua mão e o bato na mesa — Para de ser babaca.

— É. Com certeza já virou mocinha – ele continua a me provocar — Mas já que isso aconteceu, você podia mudar um pouco suas roupas, não acha?

Olho para baixo, analisando a saia que escolhi com tanto cuidado justamente por causa dele.

— O que tem minhas roupas? – minha pergunta sai sufocada.

— Onde você comprou não tinha para adulto? – ele ri e se encolhe, esperando meu tapa, mas eu sequer pensei em fazer isso. Fico apenas estática, sem entender porque ele está me tratando dessa forma. Daniel sempre foi um amor comigo, porque ele está agindo assim?

— Você é um babaca, sabia? – é a única coisa que consigo dizer.

— Um babaca por dizer a verdade? – sua sobrancelha se ergue, me desafiando — Acho que está na hora de você crescer só um pouquinho. Eu não disse nada demais.

— Não! – esbravejo, me levantando — Um babaca por me tratar mal quando eu não te fiz nada, seu idiota! Daniel, de um tempo pra cá você implica com tudo sobre mim! Meu cabelo, minhas roupas, meu jeito de andar, até o modo como eu falo as coisas! – quando vejo, meus olhos estão cheios de lágrimas e por mais que eu me odeie por chorar na frente dele, não consigo controlar — O que eu te fiz, hein?

Quando minha pergunta sai estrangulada, vejo algo mudar em seus olhos. É quase como se ele estivesse arrependido do modo como me tratou nos últimos dias. Mas quando, depois de minutos, a resposta para minha pergunta não vêm, eu simplesmente desisto de tentar entender. É o primeiro garoto de quem eu gosto na vida e já começou mal. Bem que minha mãe me avisou: homens são um problema.

— Quer saber, esquece – eu pego minha blusa de cima do banco e a visto, com raiva. Não me importa o que ele acha de mim, nem das minhas roupas e nem o que ela pensa sobre eu chorar na frente dele. De agora em diante, sua opinião não me importa mais.

— Mila, espera – ele segura meu pulso quando eu começo a ir embora sem olhar para trás. Ele me vira com cuidado, e quando eu o faço, encontro seu corpo retesado, ainda pensando no que dizer. Olho para os lados, mas estamos sozinhos. Nossos pais estão dentro da casa e só nós dois somos testemunhas dessa conversa sem pé nem cabeça. Quando eu tento mais uma

vez sair, ele me puxa para si, enlaçando minha cintura. Daniel nunca me tocou dessa forma, mas não vou reclamar, porque é muito bom sentir sua mão em mim. Nossos rostos se aproximam devagar e eu começo a entender o que está acontecendo. Meu primeiro beijo.

Eu vou dar meu primeiro beijo.

Devagar, fecho os olhos, esperando seu próximo movimento, enquanto meu corpo todo pinica e treme. Não sei o que fazer, então deixo que ele me conduza, pois sei que ele já beijou outras garotas. Por um segundo esqueço que estamos no rancho de sua família, que nossos pais estão aqui e que alguém pode nos ver. Esqueço tudo porque quero esse beijo. *Quero saber como é ser beijada por Daniel Ventura.*

Quando nossas bocas se encontram, tudo ao meu redor gira. Tenho medo de minha inexperiência fazer isso ser ruim para ele, de estar beijando errado e de ele nunca mais querer me beijar. Sua língua invade minha boca, e eu sequer sei como fazer isso, mas tento corresponder da melhor forma. Preocupo-me tanto com o medo de não estar fazendo nada certo, que quando percebo, o beijo já acabou. Quando abro os olhos, ele está me encarando, esperando que eu fale alguma coisa. Sua boca está vermelha, seus olhos pesados e eu acho que nunca o vi tão lindo assim na vida. Por um segundo, ele volta a ser *meu Dani*, meu melhor amigo. Por um segundo, vejo doçura em seus olhos até que ele sorri de canto, e diz de um jeito um pouco irônico:

— Pronto. Agora você não é mais BV – ele cruza os braços se afastando de mim e sorri de uma forma quase malvada, se referindo à minha boca virgem e a minha totalmente falta de experiência — Te ajudei, Mila. Não é isso que os amigos fazem?

Meu coração gela diante dessas palavras. Ele me beijou para brincar comigo. Só para me magoar por puro prazer. Toda a alegria que eu estava sentindo se esvai de mim e sinto novos sentimentos me tomarem: asco. Raiva. Mágoa.

Dou um passo para trás, tentando colocar uma distância entre nós, mas mais uma vez ele segura meu pulso, só que eu não espero ele falar nada. Não há mais nada que eu queira ouvir dele. Dessa vez eu puxo com força, me soltando de seu aperto. O encaro com uma expressão furiosa antes de dizer as palavras que com absoluta certeza mudarão nosso relacionamento para sempre:

— Primeiro: nós não somos mais amigos, Daniel – uma expressão de choque toma seu rosto, quase como se ele estivesse esperando outra reação minha — E segundo: Nunca mais me chame de Mila. *Nunca mais*. Você perdeu esse direito.

Dito isso, me viro e caminho com passos decididos até o deque. Quando ouço seus passos atrás de mim, viro-me com raiva, enfrentando-o pela primeira vez em todos esses meses em que ele foi um completo idiota:

— Nem pense em vir atrás de mim, ou eu faço um escândalo e conto o que você fez – ele estaca no lugar e sua expressão de choque indica que dessa vez, ele irá me ouvir. Volto a caminhar enquanto enxugo minhas lágrimas, cheia de raiva. Raiva dele, do mundo, e principalmente de mim por ser tão boba.

Meu primeiro amor é também a minha primeira decepção, e se um dia eu senti qualquer coisa por Daniel Ventura, *esse sentimento acaba aqui e agora*.

CAPÍTULO 01

QUEM BATE ESQUECE, QUEM APANHA, NÃO.

Camila

Alguns anos depois.

Jogo os pesados livros na mesa da cafeteria e despenco na cadeira ao lado de Milena, bufando alto. Eu sabia que a vida na universidade não seria fácil, só não imaginava que seria impossível. Sinto-me cada vez mais esgotada. É livro atrás de livro, prova atrás de prova, seguido de seminários, palestras, aulas práticas e estudo em casa. Tudo isso ligado ao fato de que estar há mais de quinhentos quilômetros de casa, longe dos meus pais e do conforto do meu lar, me deixa cada dia mais próxima de desistir de tudo e voltar correndo e chorando para os braços da minha mãe.

Minha amiga ri mesmo antes de eu abrir minha boca para reclamar. Ela ergue a mão e então, diz:

— Vamos lá. Você não aguenta mais e quer sua mãe. Eu já sei – dou um tapinha em seu ombro e rio, porque sei que Milena já deve estar de saco cheio das minhas reclamações. Porém, amigos são para essas coisas, então ela que me agunte, porque eu aguento suas lamúrias sobre não ter um namorado. *Não é mais fácil, acredite* — Você diz isso todo dia, mas nunca desiste. E eu e você sabemos que você não irá desistir, porque medicina é tudo o que você mais ama no mundo. Então vira o disco, Cami.

— E você quer que eu fale sobre o que? – essa é uma pergunta séria. Nossa vida se baseia nesse curso. Nós comemos, bebemos, dormimos e vestimos medicina. Nossa vida é sugada pelo que escolhemos ser, e isso porque ainda estamos no primeiro ano. Não quero imaginar como será daqui para frente. *Meu Deus, não quero mesmo.*

— Que tal falar sobre o veterano mais gostoso desse campus? – ela ergue a sobrancelha e abre um sorrisinho malicioso, como um cachorro que vê um pedaço de carne suculenta. Viro-me na direção de onde seus olhos buscam desesperadamente algo e então vejo Daniel passando pelas portas da

cafeteria, mexendo distraidamente no celular. O cabelo castanho claro bagunçado que é sua marca registrada, a jaqueta marrom jogada sobre os ombros e o andar confiante de quem é dono do lugar não passam despercebidos, nem por minha amiga e nem por noventa por cento da população feminina desse campus.

Respiro fundo, tentando não perder a calma. Lá vem Milena com esse assunto de novo.

— Sério Milena? Você não tem amor próprio? Esse cara é fim de carreira – reviro os olhos.

— Eu não teria se não tentasse, isso sim. Eu sofro tanto nessa faculdade que mereço ver esse cara pelado – ela morde o canto da boca e eu enfio o dedo na goela, fingindo que estou com ânsia — Você já olhou para ele?

— Já Milena. Eu cresci olhando para essa cara de bunda que ele tem, caso você não se lembre.

— Vaca sortuda – ela ri, mas eu não acho graça nenhuma. Se ela soubesse o quanto Daniel é uma pedra no meu sapato, não pensaria dessa forma. Ela sabe que nós nos detestamos apesar das nossas famílias serem amigas de longa data, mas claro que eu escondi os detalhes sórdidos dessa relação malfadada. Depois do que ele fez ao me dar meu primeiro beijo da vida e depois rir da minha cara como se não tivesse um coração batendo dentro do peito, nós nunca mais falamos mais do que o necessário um com o outro. Ainda dói quando eu me lembro daquele dia, porque eu era *perdidamente* apaixonada por ele.

Eu sei, eu já cogitei terapia. Não importa quanto tempo passe, essa merda simplesmente não sai da minha cabeça.

Na verdade, minha real vontade é cortar todo e qualquer tipo de relação com ele, mas isso é impossível, já que nossos pais nos colocam juntos em toda maldita data comemorativa. Eles nunca perguntaram abertamente porque nossa amizade simplesmente foi para o ralo de uma hora para outra, mas acredito que eles devem imaginar o motivo. Dois adolescentes que param de se falar e passam a se odiar mortalmente. Não precisa ser muito inteligente para saber o que aconteceu.

Há três anos ele veio para a universidade e eu pude enfim respirar longe dele. Ainda era obrigada a ver sua cara no Natal e às vezes no dia das mães,

mas todos os outros jantares e churrascos em família ficaram mais leves com sua ausência. O maldito problema é que esse ano eu finalmente comecei o curso de medicina e segui a tradição, vindo para a mesma universidade que nossos pais, assim como ele. Duas famílias de médicos produzindo novos médicos, e por esse motivo sou obrigada a vê-lo pelos corredores ou pelo campus, sempre rodeados de meninas sem muito amor próprio que se deixam levar por um rostinho bonito e um corpo malhado com algumas tatuagens nos lugares certos. *Não que eu tenha reparado em nada disso, longe de mim.*

É uma droga pensar que não importa o que aconteça, parece que nossas vidas sempre estarão entrelaçadas de alguma forma.

— E aí, tampinha – ele para ao meu lado, surpreendentemente puxando conversa comigo. Mesmo que dessa forma estúpida isso é raro, muito raro — Tá passando mal? – ele aponta meu dedo que ainda está na goela, debochando. Recomponho-me rapidamente do susto de vê-lo perto de mim e respondo, sorrindo da forma mais irônica possível.

— Estou sim. Vi você se aproximando e meu estômago se embrulhou na hora. Nada diferente do habitual – o sorriso que estampava seu rosto se transforma numa careta de desgosto, mas nem assim o maldito consegue ficar feio. Odeio o fato de que posso falar qualquer coisa sobre esse idiota, menos que ele é feio.

— É. Sua grosseria também não está nada diferente do habitual – ele se exaspera, mas eu continuo sorrindo. Atingir seu superego e vê-lo irritado comigo é quase como ter a sensação de orgasmos múltiplos. Acontece muito pouco, mas quando acontece, faz o dia ser muito mais feliz.

— E você está aqui porque mesmo? – apesar da minha raiva, minha pergunta é séria. Daniel nunca se aproximou desde que cheguei aqui, nem mesmo quando meus pais vieram me trazer para a cidade. A gente simplesmente finge que não se conhece e para mim, está perfeito assim. Não temos mais nossos pais por perto, então não temos obrigação nenhuma de ter qualquer contato. Não sei por que estragar o que está dando muito certo até agora.

— Você não é o centro do mundo, *princesa da Disney* – ele se vira para Milena, e dá o pior sorriso de cafajeste do mundo, o que faz ela praticamente derreter na cadeira — E porque eu viria atrás de Camila se tem a... – ele dá uma pausa, deixando muito claro para minha amiga que não sabe o nome

dela, mas acho que isso não é propriamente um problema, já que ela não demora mais do que um segundo para completar a frase dele:

— Milena — sua voz sai acompanhada de um suspiro que ela sequer se dá ao trabalho de disfarçar. Sei que no auge dos nossos dezenove anos não é muito normal ter maturidade para relacionamentos, mas bom senso já ajudaria. Porra criatura, cadê o amor próprio?

— Milena, claro – ele finge que sabe o nome dela — Milena, me responde uma coisa: porque uma menina que parece tão inteligente e é tão bonita anda com alguém como a Camila? – *mas que merda é essa?* Esse idiota está há meses me ignorando, agindo como se não me conhecesse por todo o campus, mas hoje simplesmente saiu do inferno e atravessou as portas da cafeteria, decidido que era um bom dia para vir me atormentar?

— Caramba, Daniel. Nós ainda temos treze anos? – eu digo, franzindo o cenho, me referindo a seu comportamento infantil e sendo detestavelmente irônica.

— Bem que você queria, não é mesmo, tampinha? Mas não é seu dia de sorte – ele diz e dá o sorriso mais maquiavélico e cheio de maldade que eu já vi na vida. Não demoro nem mesmo um segundo para entender que ele está se referindo ao beijo que me deu aquele dia. O idiota está querendo dizer que eu ainda espero por beijos dele? Nem morta eu poderia desejar algo tão ridículo.

— Você é um grosso de merda, sabia? – disparo, perdendo a compostura de vez. Esse moleque parece que não saiu nunca do ensino fundamental, Deus tenha misericórdia. Tem o dom de me tirar do sério.

— Você desperta esse meu lado, *Camila* – ele responde tão rápido que até parece que ele já tinha essa discussão pronta na cabeça dele há tempos e estava louco para usá-la. Pode parecer uma grande bobagem, mas o mais irritante de todas as nossas discussões, é sempre o fato dele enfatizar meu nome todas as vezes que o pronuncia. Eu sempre fui a Mila para ele, aliás, foi ele mesmo que me deu esse apelido. Todas as vezes que ele não o usa e ainda enfatiza meu nome inteiro com a voz pingando amargor, seu recado está sendo claramente dado: nós nos afastamos em um ponto que não tem mais retorno.

Somos dois estranhos. Dois estranhos que estranhamente se odeiam.

Não falo mais nada. É inútil discutir por algo que já acabou faz tempo e que me faz tão mal. Pego meus livros em cima da mesa junto de meus cadernos e deixo minha comida pela metade ainda na bandeja. Quando me levanto da cadeira e tento passar por ele, Daniel segura meu braço, me fazendo olhar para ele, exatamente como fez anos atrás, me dando uma sensação de *dejà-vu* que eu não gosto nada de sentir.

— Porque você tá sempre fugindo? – sua pergunta parece quase séria e por um segundo, eu fico em dúvida. Mas então eu me lembro de que nunca recebi um pedido de desculpas pelas suas idiotices ao longo dos anos. Não será agora que ele vai virar gente e tentar agir como um adulto, simplesmente porque ele não é nenhum dos dois.

— Se você não insistisse em se aproximar, eu não precisaria fugir. E já que você faz tanta questão de relembrar aquele dia sempre que abre essa boca, lembre-se do que te avisei quando aquilo aconteceu, Daniel. Nós não somos mais amigos – com um puxão me solto de seu aperto e vou embora sem olhar para trás, mas com uma dorzinha chata no peito, exatamente como faço todas as vezes que se trata de Daniel Ventura.



Volto mais uma vez para o começo da página do livro que insisto em ler, tentando dessa vez prestar atenção à leitura e absorver alguma coisa. Quando não consigo pela enésima vez, fecho o livro e desisto, jogando-o ao meu lado na cama. Respiro fundo, cerrando os olhos, tentando descobrir dentro de mim o que me fez perder o foco durante o dia todo.

Como se eu precisasse pensar muito. A verdade é que o reencontro com Daniel me afetou de uma forma que eu não imaginei que afetaria. Penso por um segundo porque ele tentou puxar conversa, mas a resposta é clara e deixa meus nervos em frangalhos: *para me tirar do sério mais uma vez.*

O fato é que eu sei lidar com sua ausência. Aprendi isso há anos e me aprimorei nisso a cada vez que nos afastávamos mais e mais e que ele deixava claro que eu não fazia falta alguma. Mas agora ele simplesmente aparece na minha frente depois de meses fingindo que não me conhece pelo campus e eu simplesmente não sei como reagir, então eu ataco, porque é isso que os anos de convivência com ele me ensinaram: a atacar e me defender.

Quando não estou fazendo uma coisa, estou fazendo a outra.

É difícil demais entender o que se passa naquela cabeça oca. Daniel é dúbio mesmo quando tenta não ser, o que é um saco. Ele está sempre rodeado de calouras; sempre tem pelo menos uma grudada a seu pescoço como uma sanguessuga. Mas até nesses momentos, mesmo fingindo com todas as forças que não me conhece, por vezes o pego olhando para mim de uma forma que não sei decifrar. E toda vez que acontece, ele desvia o olhar, deixando bem claro que não quer mesmo que eu o faça.



Levanto-me da cama e vou até a cozinha. Abro a geladeira e pego a garrafa de água gelada, tentando dissipar todos esses pensamentos esquisitos dentro da minha cabeça. Antes de tentar voltar para meus estudos, porém, Ellen, minha colega de apartamento, sai de seu quarto penteando o cabelo curto com os dedos, arrumando-o de lado.

— Ei, não sabia que você estava em casa – ela sorri como se fosse uma grande surpresa e depois se vira, apontando o fecho do vestido rosa que está usando. Quando termino de arrumar o tecido em suas costas, dou um toquinho e ela se vira. Abro um sorriso e faço um sinal de positivo com o dedo, querendo dizer sem palavras que ela está linda. Não somos melhores amigas, mas a verdade é que eu não tenho nenhuma pessoa realmente próxima aqui a ponto de considera-la minha melhor amiga. O mais próximo que tive disso um dia foi Daniel, mas acabou cedo demais. Milena é um amor também, e eu adoro passar tempo com ela, mas só nos conhecemos quando viemos estudar aqui e nos vemos quase sempre no campus, mas muito pouco fora dele. Não gosto de admitir isso em voz alta, mas a verdade é que eu sou um pouco sozinha. Fechei-me em uma concha onde acredito estar segura de ser decepcionada e sofrer, mas minha mãe sempre me diz que quando a gente se priva das coisas boas da vida por medo de sofrer, já estamos sofrendo. Talvez ela esteja certa.

Mas voltando à Ellen, ela é incrivelmente agradável de conviver. Está sempre preocupada comigo, divide sua comida, não implica com minha rotina e respeita o silêncio que preciso para estudar quando estou em casa. Não poderia desejar outra pessoa para dividir um lugar.

— Estava tentando estudar, mas hoje estou sem foco algum. Acho que são as provas finais chegando – minto, sem peso na consciência. A verdade é extensa demais para se explicar, e acho que Ellen também não iria querer

saber.

— Poxa, que pena, Cami – ela faz biquinho, mas logo em seguida abre um enorme sorriso, como se tivesse tido uma ideia brilhante — Porque você não vem comigo para a festa que estou indo? Já que você não consegue estudar, pode aproveitar para se divertir. Eu quase nunca vejo você fazendo isso.

Abro a boca para negar, mas penso um pouco melhor. Ellen tem razão. Se eu não consigo estudar, porque ficar aqui remoendo um assunto que já morreu faz tempo? Ouvir uma música legal, beber uma cerveja e talvez até conhecer um cara legal para uma noite sem compromisso me ajude com todos esses pensamentos indesejados que estão rondando minha cabeça desde a hora do almoço.

— Você espera eu me arrumar? – ergo a sobrancelha e rio da cara que ela faz, mal acreditando que pela primeira vez aceitei um convite seu.

É. Hoje definitivamente está sendo um dia estranho.



Meu cabelo está suado e grudando no pescoço de tanto que dancei desde que cheguei aqui. O galpão é uma república muito conhecida perto da universidade. É onde os alunos normalmente se reúnem e fazem as festas mais faladas. Outras repúblicas se reúnem, porque espaço não falta, já que eles reformaram um antigo galpão de transportadora e o transformaram numa casa, dando um toque original e muito vivo ao lugar, mas ao mesmo tempo reservando um bom espaço para um bar caseiro e uma pista de dança. Os donos do lugar sempre fazem uma boa grana quando rolam as festas, e bom, se isso não é um excelente exemplo de empreendedorismo, eu não sei mais o que poderia ser.

Inclino-me sobre o balcão e aos berros por culpa da música alta, peço mais uma cerveja ao rapaz responsável pelas bebidas. Ele sorri e pisca, dando a entender que entendeu meu pedido. Quando desliza a garrafinha verde e gelada em minha direção dá mais um sorriso, que dessa vez eu interpreto como um flerte descarado. *Sorrio de volta, porque bem, ele é uma gracinha*, e eu preciso de alguma forma, tirar esse sentimento esquisito de dentro de mim.

Viro-me e encosto no balcão, bebendo a cerveja no bico, esperando pela

próxima investida do rapaz. Dou uma olhada ao redor, tentando ver onde Ellen se enfiou, mas não a encontro, então suponho que ela já se enfiou em algum lugar com seu namorado Marcus. Dou mais um tempo por ali, até que vejo Milena encostada em um cara do outro lado do salão. Não sabia que ela estava na festa, porque ela não me avisou nada sobre isso. Mesmo sabendo que eu nunca aceito seus convites, ela nunca desiste. Bom, talvez finalmente tenha desisto, coitada.

Não a julgo, eu sou um porre.

Sorrio, e mesmo sem conseguir ver o cara porque ela está em frente ao corpo dele enquanto é praticamente devorada, sei que ela se deu bem. Milena nunca dá um ponto sem nó, e se ela deu a esse cara a honra de beijá-la, é porque com certeza ele é gato e fez por merecer.

Observo a cena por mais alguns segundos, curiosa para saber quem é o sortudo, até que ela sai da frente dele, e ele a abraça de lado, sussurrando algo em seu ouvido, fazendo-a rir. Quando ele se vira, o sorriso que eu estou dando morre em meu rosto na mesma hora. Meu estômago se embrulha assim que nossos olhares se encontram.

É ele.

O cara que Milena está beijando é Daniel.

Com o frio ameno que está fazendo por esses dias, ele usa uma blusa de manga azul marinho e uma calça jeans que abraça seu corpo em todos os lugares certos. O boné virado para trás, sua marca, deixa escapar alguns fios de seu cabelo castanho escuro; o pequeno diamante brilha em sua orelha esquerda, o que mesmo sem admitir, eu sempre achei um charme. Não sei se é a cerveja falando mais alto ou os verdadeiros sentimentos que eu tento sufocar a anos, mas caramba, *como ele está lindo*. O sorriso fácil que ele estava dando até poucos segundos atrás morre, e eu consigo ver como seus lábios estão inchados pelo beijo. Sinto uma pontada de frustração crescer dentro de mim e tenho vontade de vomitar. Não preciso enganar ninguém nesse momento, porque convenientemente, posso culpar as cervejas amanhã, então sem enrolar muito digo a mim mesma que o que estou sentindo é ciúme. *Puro e simples ciúme*.

Considerando o modo como Daniel me trata, ou melhor, o modo como ele finge não me conhecer sempre que esbarra em mim por aí, a atração física

que insisto em sentir por ele é amarga. Talvez seja mais fácil me concentrar no físico e colocar toda a culpa nisso, e não na saudade que eu tenho do que vivemos quando ainda éramos crianças que se davam bem e amigos que compartilhavam todas as pequenas coisas boas.

Será que em algum lugar escondido entre os músculos, as tatuagens e a beleza, aquele menino ainda existe?

Sinto uma lágrima escorrer em meu rosto e só então percebo que estou chorando. *Merda, porque eu estou chorando?*

Passo os dedos pelo rosto, enxugando essas evidências ridículas e então, quando ergo meus olhos, vejo o quanto ele está concentrado em mim. Por um minuto, não ouço mais a música, nem o barulho, nem me incomodo em como Milena ainda está enroscada em seu corpo. Fixamos nossos olhares um no outro e nos mantemos assim por um bom tempo. Não tento mais enxugar meu rosto, apenas deixo acontecer. Sei que vou me arrepender disso amanhã, ou na primeira piadinha que ele soltar na hora mais inoportuna sobre isso, mas eu deixarei para lidar com minha ressaca física e moral só amanhã. Hoje, eu só quero manter isso. Essa ligação mínima entre nós. É irônico, até idiota de se pensar, mas os únicos momentos em que eu consigo sentir que ainda resta alguma coisa da nossa velha conexão são esses momentos em que a gente se olha sem dizer nada.

São os momentos em que mais falamos, mesmo que em completo silêncio.

Permanecemos assim por um tempo que eu não sei determinar quão longo foi até que ele dá um passo à frente, claramente com a intenção de deixar o lugar em que está e vir em minha direção. Saio do transe em que estou e enxugo os olhos, caindo em mim da idiotice que está acontecendo. Quando volto a olhá-lo, posso jurar que vejo algo em sua expressão. Dor? Arrependimento, talvez?

Não, com certeza não. Posso estar bêbada, mas não sou burra.

Daniel Ventura jamais se arrepende do mal que me faz. Aliás, eu acredito que ele nem saiba o quanto ainda consegue me desestabilizar e me fazer mal.

Largo a garrafinha de cerveja vazia em cima do balcão e saio da festa antes que ele consiga sequer dar um passo em direção a mim.

Ele deveria ter feito esse caminho antes.

CAPÍTULO 02

QUEM COM FERRO FERE, COM FERRO SERÁ FERIDO.

Daniel

Jogo-me no sofá e tiro o boné, deixando o de qualquer jeito ao meu lado. Passo a mão por meu cabelo liso, puxando todos os fios para frente, enquanto suspiro alto e fecho os olhos, ainda incomodado com a visão de Camila chorando ao olhar para mim. Tentei correr atrás dela, mas Milena quis saber onde eu estava indo. Até inventar uma desculpa que eu precisava ir ao banheiro, já tinha perdido a teimosa de vista. Andei pela festa, saí para fora, mas com certeza ela já tinha dado no pé, o que me fez perder completamente o clima para o resto da noite. Voltei para a rodinha de amigos em que eu estava, mas tentei a todo custo me manter longe de Milena, mesmo que isso fosse realmente difícil. *A menina grudou em mim de verdade.* Sequer percebeu que a amiga também tinha passado pela festa e visto nós dois juntos, e sinceramente não sei o quanto ela se importaria se tivesse percebido.

Volto a pensar em Camila, e solto um suspiro audível, daqueles que você usa para tentar colocar toda a frustração para fora. Inacreditavelmente, não funciona dessa vez. Ainda estou me perguntando que merda eu fui fazer. Ainda quero tacar minha cabeça na parede. Ainda fico revivendo o momento que ela enxugou as lágrimas e saiu correndo, como se precisasse de ar. A última vez que eu a vi chorar foi seis anos atrás, e eu não desconfiava que ainda tinha esse poder, apesar de usar todos os meus esforços para irritá-la diariamente. Mas irritar uma pessoa e machuca-la são coisas completamente diferentes, e eu me sinto um bosta por causa disso.

Não sei com certeza porque ela ficou *tão triste*. *Será que era por minha causa ou porque a amiga estava nas trincheiras inimigas?*

Se eu não estiver me enganando mais uma vez, tenho uma vaga ideia. Não que eu queira criar esperanças onde não tem, mas essa merda é mais forte do que eu e imaginar que Camila pudesse estar nem que seja com um pinguinho de ciúmes faz o idiota do meu coração bater levemente descompassado.

A verdade é que doeu ver aquela expressão sofrida em seu rosto, e dói

ainda mais por saber que todas às vezes que a vi daquele jeito, quem colocou essa expressão lá fui eu.

Idiota é apelido para mim.

Abro seu *Instagram* e repasso, mais uma vez, cada foto que ela tem no *feed*. Não nos seguimos, mas seu perfil é aberto, então consigo ver tudo o que ela posta. Observo seu rosto, dou zoom na tela e sorrio ao ver seu sorriso, que não mudou quase nada desde que éramos próximos. Vejo as fotos da sua última viagem e com uma pontadinha de saudade no peito, me lembro de um dia que falamos sobre isso, ainda adolescentes. Camila sempre teve ganas de conhecer o mundo, e principalmente, de ser médica. Sempre sonhou em fazer parte do *Médicos sem Fronteiras*, e ver que ela conseguiu visitar um dos países em que eles trabalham, conhecer a realidade de perto, e ainda sim continuar sonhando em fazer parte disso de alguma forma, um trabalho que requer tanta coragem, só me faz pensar que ela é mais incrível do que eu me lembro.

A foto do bando de criança amontoada nela enquanto ela sorri, e o vídeo dos meninos correndo ao seu encontro e derrubando-a no chão me fazem sorrir, mais uma vez. Já perdi a conta de quantas vezes assisti isso.

Eu me tornei um maldito psicopata, meu Deus, a que ponto eu cheguei.

Pego meu celular e abro em seu contato no aplicativo de mensagens instantâneas. Ela nunca me deu seu número, mas um dia, aproveitei que minha mãe descuidou do próprio celular e roubei o número com a desculpa de que talvez um dia eu precisasse dele para alguma emergência.

Emergência meu ovo.

Eu só queria ter mesmo o número dela. Sentir-me, de alguma forma, mais próximo da relação que já tivemos um dia. Houve um tempo em que íamos dormir tarde, trocando mensagens enquanto deveríamos estar dormindo, até o dia em que eu fiz merda e uma das primeiras coisas que ela fez foi trocar o número do telefone.

Penso em digitar alguma coisa, perguntar se ela está bem, pedir desculpas mesmo sem ter efetivamente feito alguma coisa contra ela dessa vez. Nós não temos nada, não somos nada.

Ela me odeia, então porque eu estou tão preocupado?

Rodo o aparelho em meus dedos, ponderando sobre isso, mas sei que é uma má ideia.

Péssima ideia na verdade. Só pioraria as coisas e ainda me faria parecer um idiota que não tem controle sobre a própria vida.

Digo mais uma vez para mim mesmo que é inútil tentar consertar o que não tem mais conserto, por que essa é a verdade.

Nossa relação se resume a um acidente de trem. É tão destruidor quanto, porque é impossível prever os passos de cada um, e a gente nunca sabe qual será a próxima ofensa que trocaremos.

É quase como um desafio doentio que insistimos em participar desde a adolescência.

Levanto-me e arranco a camisa pelo caminho, jogando-a em qualquer canto. Essa é a vantagem de morar sozinho: ninguém para te encher o saco sobre a bagunça que você faz. *Minha casa, minhas regras*. Tiro a calça no banheiro e entro no chuveiro, deixando a água quente bater em minhas costas, aliviando a tensão. Ergo o rosto para as gotas, tentando lavar esse sabor amargo que está em minha boca e que nem mesmo eu sei o motivo.

A verdade é que eu quero me enfiar em um buraco. Melhor, eu quero uma máquina do tempo para voltar à época em que eu não era um babaca do pior tipo com a única garota que eu já gostei de verdade em toda a minha vida. Para a época em que eu me sentia à vontade ao seu lado, como se ela fosse uma extensão de mim. Uma extensão do meu lar. Para a porra da época que, pisme, mesmo com quinze anos, eu sabia o que estava fazendo da minha vida.

A época em que ela ainda era *a minha Mila*.

Eu só era um moleque idiota que não soube lidar com a sensação de ter um primeiro amor. Queria mostrar para ela que eu não era mais uma criança, fazê-la me enxergar além do amiguinho que cresceu com ela. Usei as armas erradas para fazê-la me notar e a fiz me odiar. A merda do tiro saiu pela culatra, como era de se esperar.

E continuei sendo um idiota quando não consertei a merda que fiz a tempo, por pura vergonha. Como um *bom manézão que sou*, a fiz acreditar que eu odiava muitas coisas sobre ela, quando na verdade, eram coisas que eu amava; coisas que eu amo até hoje: seu cabelo, suas roupas, seu sorriso e sua

risada escandalosa. Sua vontade louca de vencer e seu senso de justiça exagerado, que não poupa ninguém, da mesma forma que não poupou a mim também. Sua crença boba em signos, que me fazia engolir o riso e achar bonitinho mesmo assim, porque Deus, ela conseguiria convencer até o Papa a acreditar nessa merda.

Procurei defeitos onde não havia, apenas para convencer meu cérebro de que a ideia de gostar dela era ridícula. Pudei-a a ponto de ela se tornar calada sempre que eu estou por perto. Deixei-a pensar que eu a detestava tanto quanto ela me odiava até que a situação chegou ao ponto sem retorno em que se encontra agora.

E hoje, mesmo que eu ainda seja completamente apaixonado por ela, apenas me defendo do que eu mesmo causei, e levo esse jogo idiota para frente porque tenho absoluta certeza que Camila jamais olhará para mim com os mesmos olhos de antes. E se ela jamais gostará de mim de novo, eu apenas não quero parecer fraco diante dela.

Eu mesmo a destruí para mim, então tentar arcar com as consequências é o mínimo que eu posso fazer.

O problema é que toda vez que nós interagimos mesmo que minimamente, eu me sinto como um visitante em minha própria vida. Ainda sinto como se fosse um menino imaturo de quinze anos que continua metendo os pés pelas mãos.

Quando chegou a época de começar a faculdade, eu senti que talvez pudesse deixar tudo isso para trás. Um lugar novo, com novas pessoas, novas perspectivas. Estar esse tempo longe dela foi quase como um respiro, sendo completamente sincero. Longe da minha casa eu conseguia não pensar em como me sentia mal com nossa nova dinâmica de relação. Conseguia não pensar em como não me sentia bem com a minha família, pois eu sabia que ela sempre estaria lá. Ela também é família, afinal.

E com esse pensamento, passei a ir cada vez menos para casa. Passei a pegar cada vez mais mulheres. Passei a ser cada vez menos o Dani que ela tanto gostou um dia. E equivocadamente achei que estava curado do vício Camila Duarte.

Mas aí ela veio para a mesma universidade que eu e tudo voltou com força total. O sentimento veio como um soco na cara, tão forte e destruidor quanto,

me machucando de verdade, me deixando tonto pela pancada e irritado pela dor. E é por isso que às vezes eu ignoro a presença dela pelo campus. É a única forma de esquecer como eu fui idiota um dia, e de como continuo sendo por não ter coragem de consertar essa situação ridícula.

Agir como eu ajo cura ao mesmo tempo em que machuca. Fingir que ela não existe é necessário para minha sanidade mental, *ainda que a dualidade disso seja quase a morte para mim.*



02 semanas depois.

Ajeito a mochila em meu ombro enquanto atravesso o campus. *The Score* explode em meus fones de ouvido enquanto eu canto baixinho, acompanhando a letra. Estou tão distraído que só percebo que alguém está me chamando quando sinto uma mão segurar meu braço, delicadamente. Quando olho para o lado, vejo Milena sorrir ao entender que eu não havia respondido por conta da música alta em meus ouvidos.

Puxo os fones, deixando-os cair em meu peito por cima da camiseta e então sorrio de volta, mesmo que meio a contragosto. Ela é linda, eu não posso negar isso. E é legal também. É alguém com quem eu ficaria outras vezes. O problema é que ser amiga da Camila complica tudo. Não sei onde eu estava com a cabeça quando inventei de beijá-la naquela festa e misturar tudo. No fundo, eu sabia que isso tinha tudo para dar errado. Não sei se, inconscientemente, eu queria machucar Camila de alguma forma, mas no momento em que a vi chorando do outro lado do galpão, tudo sumiu da minha vista. Eu apenas queria consertar o estrago, mas ela não deixou. Simplesmente fugiu de mim, como sempre faz.

Desde que Milena e eu ficamos naquela festa, ela nunca mais parou de mandar mensagens, tentando um novo encontro. O problema é que eu não quero. E justamente por ela ser uma menina tão bacana, eu não posso dar esperanças de algo que não vai rolar. Aquele dia eu tinha bebido, estava frustrado com a interação idiota de mais cedo com Camila, enfim, uma série de fatores me fez fazer o que fiz. Mas depois que vi a decepção no rosto de Camila, eu levei Milena para sua casa, e não subi para seu apartamento, mesmo ela deixando bem claro o quanto queria terminar a noite comigo. Não

seria justo.

Nem com ela e nem com meus sentimentos. Porque por mais que eu tentei nega-los, só eu sei o quanto eles continuam muito vivos dentro de mim.

— Ei, como você está? – ela fica na ponta dos pés para me dar um beijo no rosto — Você sumiu.

— Muitas provas, *tava* meio fora de órbita – sorrio, e vira o boné para trás, para que ela possa ver melhor meu rosto — E você, está bem? — Ela confirma que sim, e voltamos a caminhar. Ajeita a mochila no ombro e vejo que sua pele está marcada pelo peso.

— Deixa que eu levo para você até seu carro – puxo sua mochila, carregando-a com minha mão livre.

Ela sorri com meu gesto.

— Obrigada.

Andamos por mais alguns minutos em silêncio, até que ela resolve ser direta.

— Eu queria saber se você não quer sair qualquer dia, depois que as provas acabarem, claro. Aquele dia foi muito bom – sorrio com o elogio, enquanto penso em como fazer isso sem que seja muito chato. Quando chegamos até seu carro, entrego seu material e então respiro fundo, tomando coragem para ser sincero. Estando na faculdade, poucas vezes eu precisei dizer que não estava a fim de algo a mais. Normalmente é um acordo tácito não se envolver e deixar rolar.

— Olha Milena. Você é incrível, de verdade – eu começo e ela ri, tocando meu braço. Antes que eu precise usar meu discurso de “*não é você, sou eu*”, ela resolve acabar com isso de uma forma mais simples.

— Tudo bem, eu entendo. Você não está na *vibe* de repetir mulher agora, né? – ela entorta a cabeça e semicerra os olhos, como se estivesse descobrindo algo naquele segundo — Ou talvez você queira uma em específico... *E eu tenha me metido onde não deveria me meter.*

— Não sei do que você *tá* falando – eu rio.

— Sabe sim – seu sorriso se amplia, e ela deixa claro que não é nem um pouco burra — E a Camila está estranha comigo desde aquele dia da festa.

Ela viu a gente se beijando.

— É porque ela me odeia. Não quer você se misturando com a gentinha. Não liga para a Camila, ela é louca – levanto a sobrancelha e dou um sorrisinho de lado, tentando fazer piada, mas meu coração bate um pouco mais forte dentro da caixa torácica com o fato dela estar agindo diferente com Milena.

Será que ela sentiu... *ciúme*?

— Ou talvez porque vocês sejam dois idiotas que ainda não saíram da adolescência – ela entra no carro e então me dá um fio de esperança de que talvez não esteja tudo perdido ainda ao qual me agarrar — Eu até desconfiava de que tinha mais nessa história do que ela me contava... Mas olhando para sua cara agora, Daniel, é tão evidente.

Não respondi nada, apenas abaixei a cabeça e ri. Para bom entendedor, um gesto basta.

— Você vai fazer alguma coisa a respeito disso? Eu gostei de ficar com você, de verdade. Mas é a Camila, e quando se trata dela, eu abro mão de qualquer coisa – ela diz de uma forma sincera, que quase me faz me chutar por tê-la envolvido nisso. Talvez a amizade delas até fique abalada pela minha idiotice.

— Posso prometer que vou tentar, não que vou conseguir – respondo, dando de ombros.

— Nisso você tem razão. A Cami é como um pitbull. Até você conseguir explicar qualquer coisa, ela já cravou os dentes em você – ela ri e eu rio junto, porque sei que é verdade. E o mais louco disso tudo é que ela não era assim antes; fui eu quem a transformou em uma pessoa desconfiada de tudo e de todos.

— Obrigado, Milena. Por entender a situação sem me obrigar a mentir para você. E desculpa de verdade por ter te envolvido nisso. Foi culpa minha – rio pela minha própria sinceridade, porque não costumo ser assim. Ela não responde, apenas sorri e dá marcha ré até sair da vaga. Vejo o carro dela se afastar, e então volto a caminhar até meu próprio carro, *me perguntando se os meus sentimentos são assim tão evidentes para todo mundo.*



O sol já está se pondo quando finalmente começo minha corrida em volta do campus. Expulso toda a tensão dos meus pensamentos indesejados e aproveito o ar fresco no rosto que só um final de tarde pode trazer, enquanto a vibração dos meus tênis no asfalto duro gradativamente solta os nós dos meus músculos tensos. O suor escorre por minhas costas e me incomoda, então tiro a camiseta e a enrolo na cintura, aproveitando para colocar o bronzeado em dia, já que há meses não tenho tempo algum para pegar uma praia, nem mesmo aos finais de semana.

Algumas garotas passam por mim e olham descaradamente meu peito e minhas costelas tatuadas, e é impossível suprimir o sorrisinho que meu ego me obriga a dar. Eu gosto de cuidar da minha saúde, mas não sou um cara narcisista e muito menos aficionado no meu corpo. De qualquer jeito, é sempre bom saber que de alguma forma, você agrada o público feminino. É da natureza humana querer e precisar ser reconhecido. *Está na pirâmide de hierarquia de necessidades de Maslow.*

Enquanto corro, começo a cantarolar baixinho uma música do *The Score*, mas rapidamente me empolgo, aumentando meu tom e sentindo meu corpo se energizar. A verdade é que eu amo cantar. Eu já tentei de tudo nessa vida: já joguei futebol, fiz karatê e agora estou seguindo os passos dos meus pais, nessa faculdade longe de tudo e de todos, mas nada se compara a soltar a voz. Nada me faz tão feliz e tão completo quando estou com um violão nas mãos. Não que eu faça isso muitas vezes; apenas me dou esse direito quando estou entre amigos ou no silêncio do meu quarto, mas mesmo assim, são os melhores momentos. Apesar de eu gostar de medicina e sentir que eu faço algo realmente importante, *nada faz meu coração vibrar tanto quanto a música.*

O problema é que eu sou filho único. Fui criado para ser médico. Cresci ouvindo o quanto é importante ter o propósito de salvar vidas e cuidar de pessoas. Sanar dores. O problema é que eu acho que talvez eu tenha nascido para cuidar das dores da alma e do coração, não as do corpo.

E para mim, não há melhor forma de curar um coração partido e uma alma ferida do que com uma boa música.

O problema é que eu não quero decepcionar meus pais. Quero ter alguma certeza na vida, nem que essa certeza venha da estabilidade de ser um médico.

E pensando nisso, fecho minha boca e continuo meu caminho apenas com o barulho dos meus pés batendo no chão.

Depois de duas voltas no campus, corro o resto do caminho de volta para casa. Queria que o exercício me fizesse parar de pensar tanto na mesma coisa, mas parece que só piorou. Ter silêncio e vento fresco apenas fez minha cabeça trabalhar a cem por hora.

Talvez com o saco de pancadas eu me dê melhor nessa missão.

Depois de voltar para casa e tomar um banho demorado, vou à caça de alguma coisa comestível na geladeira. Enquanto procuro algo no fundo da gaveta de legumes, meu celular toca e eu procuro desenfreadamente pelos cômodos, porque eu nunca sei onde coloco merda nenhuma. Quando finalmente encontro o aparelho, sorrio para a tela e atendo no meu melhor humor:

— Fala meu velho — provoco, porque sei como meu pai se irrita com esse tratamento. Depois de ouvir um xingo e gargalhar, me corrijo — Estou brincando, pai. E aí, o que manda? — continuo procurando algo para comer e ele vai direto ao assunto.

— *Você vem para a festa de Natal, não é?* — ele pergunta e eu franzo o cenho, sem entender essa pergunta. Todos os anos eu vou.

— Claro, pai.

— *E que dia você vem?* — ele pigarreia e eu continuo achando estranho. Meu pai só age assim, cheio de rodeios, quando quer me pedir algo ou me contar algo que eu vá detestar.

— Minha última prova é na semana que vem, então vou sair na véspera. Queria ir antes, pai, mas sem condições. Estou atolado de matéria, você sabe como é — uso esse carta, porque ele já passou pelo mesmo que eu e sabe como a faculdade de medicina pode sugar sua vida até a alma, te transformando apenas em um corpo que perambula.

— *Eu entendo. Só esteja aqui para o jantar de Natal, senão sua mãe morre do coração, você conhece a peça* — ele dá uma risadinha e logo depois ouço um “ai!” sufocado. Provavelmente meu pai levou um beliscão, o que faz um sorriso brotar em meu rosto. Acho linda a relação que ele e minha mãe construíram ao longo dos anos. Nunca faltou companheirismo e amor, mas sei que eles são completamente apaixonados até hoje, exatamente como

eram quando se conheceram, aqui, nessa mesma faculdade.

— *Estarei ai, pai* — concordo, sorrindo — Estou com saudade de vocês.

— *E tem mais uma coisa...* — ele dá uma pausa e então solta de uma vez, como quando se tira um band-aid de um machucado — *Sei que vocês se estranham, mas preciso que você traga a Camila. Não faz sentido os pais dela buscarem a menina ou ela pegar um ônibus se você está vindo para cá.*

Esfrego o cenho, pesando todos os contras disso. Apesar de toda a minha implicância ser uma casca que eu ostento há anos, não sei se estou preparado para ficar algumas horas dentro de um carro com Camila me provocando sem parar. Acho que passei tanto tempo fingindo que a odeio que meu cérebro às vezes até acredita.

— Pai... — eu começo o protesto que sei que será inútil, mas ele me corta.

— *Por favor, Daniel* — ele é imperativo e sei que é uma discussão perdida. Meu pai quase nunca exige nada de mim, e se você pensa que isso é um alívio, é aí que mora o engano. Justamente por quase nunca me pedir ou obrigar a nada, quando ele quer algo, ele não pede. *Ele manda.*

Penso por um segundo e então concordo de uma vez.

Afinal, quem sabe não seja essa a chance ideal para tentar virar esse jogo?

CAPÍTULO 03

ANTES SÓ DO QUE MAL ACOMPANHADO

Camila

Aproveito o solzinho gostoso que está fazendo e saio um pouco de dentro do prédio da faculdade. As salas de concreto climatizadas estão um gelo mesmo com o tempo quente, então como um lagarto eu procuro o sol. Odeio frio. *Odeio.*

Só há algo que eu odeio mais nesse mundo do que o frio, e esse algo é Daniel Ventura. Inspiro fundo quando vejo aquele que se acha o presente de Deus para o universo se aproximando de onde estou sentada. Pela sua cara feia, não preciso pensar nem dois segundos para saber do que ele quer falar: *o natal.*

— Camila, a gente precisa conversar — ele para na minha frente e eu sequer ergo os olhos. Continuo a mexer em minhas pastas de estudo e digo, com a voz propositalmente arrastada, deixando claro que conversar com ele também é um esforço que eu preciso fazer.

— Bom dia para você também, detentor de toda a boa educação do universo — resmungo, passando as folhas, procurando o que eu preciso, mas ouço algo me faz estacar em surpresa.

— Desculpa. Você está certa. Bom dia — ele diz, com a voz calma e o tom diferente. Só então eu ergo os olhos, semicerrando-os, tentando entender o truque. Daniel nunca é educado comigo, e quando eu digo nunca, não é modo de falar.

Decido deixar essa passar batido e dou de ombros, continuando a conversa que eu torço para ser um rápido monólogo da minha parte:

— Não precisa nem gastar seu latim, ô projeto de Grey's Anatomy. Já sei do que se trata — continuo virando as folhas, bufando frustrada por não achar o que preciso — Meu pai me ligou ontem. Natal era o único feriado que eu gostava, e agora eu já o odeio antecipadamente, porque vou ser obrigada a passar a véspera com você.

— E depois você quer falar da minha educação — ele retruca, mas eu não respondo, com os olhos ainda presos em minha pasta. De repente, a mão de Daniel desce com força no meio da folha que estou prestes a virar, parando-a — Que droga, o que você está procurando com tanta raiva?

— Minhas anotações de Imunologia. Preciso delas para amanhã, e elas simplesmente sumiram. Que merda, eu tenho prova! — bufo, fechando a pasta com raiva quando ele tira a mão. Ouço-o mexer na mochila e um segundo depois, ele estende um monte de papel na minha direção. Olho rapidamente e vejo várias anotações com a sua letra indefectível, que mesmo passado tantos anos, continua a mesma.

— Toma as minhas. Já passei na matéria — ele diz, com os papéis ainda estendidos na minha direção.

— É matéria básica, Daniel. Você está muito à minha frente, suas anotações não servem — abaixo um pouco o tom e tento não ser grossa, porque sabe-se lá Deus o que aconteceu, ele está agindo feito gente comigo pela primeira vez em anos. Talvez eu deva fazer o mesmo, apenas para não lhe dar munição para ser um babaca pior ainda do que já é, porque a réplica é sempre artilharia pesada. Engulo em seco antes de completar a frase e quase dói falar isso — Mas... Obrigada.

— São as básicas. Eu dou reforço de algumas matérias para os alunos do primeiro ano. Dá uma graninha, assim não preciso que meu pai mande tanto dinheiro todo mês — ele chacoalha o material na minha frente — Toma, Camila. Pega.

Seguro as folhas e é incrível como até elas tem o cheiro do seu perfume. Provavelmente se misturaram às suas coisas na mochila e pegaram seu cheiro. Passo os olhos e vejo que ele tem realmente tudo, tudo dividido e ainda mais bem explicado do que as minhas anotações.

Meu Deus, quem diria. Daniel Ventura é inteligente. *E organizado.*

— Quanto você quer pra me emprestar? Devolvo para você amanhã — pergunto meio receosa. O medo de ser uma pegadinha ainda é grande. Daniel nunca faz nada por mim. Na verdade, ele evita até respirar o mesmo ar que eu se ele puder, então é compreensível minha apreensão.

— Até parece — ele revira os olhos, fechando a mochila — Me devolve quando terminar de usar, fica tranquila.

Aperto os olhos, desconfiada.

— O que você quer, hein? — pergunto na lata. Vejo seu corpo se retesar e o ar de bom moço sumir rapidamente de seu rosto.

— Não tem jeito mesmo, não é? — ele pergunta frustrado, mas não entendo seu comentário e nem me esforço para isso — É o seguinte: saio daqui no sábado cedinho, para não chegar muito tarde. Quer que eu te pegue no seu apartamento ou você vai até o meu? — o tom de sua pergunta demonstra que ele quer que eu não enrole. Odeio pedir favores para qualquer coisa, principalmente para ele, mas já que ele está oferecendo, dou de ombros.

— Pode me pegar no meu apartamento? Vou levar umas malas, coisas que vou deixar lá em casa, seria ruim ir até seu apartamento com elas.

— Combinado — ele diz e vira as costas, sem nem me dar tchau, voltando a ser o Daniel de sempre. Por um segundo vi meu Dani, mas ele se vai à mesma velocidade em que veio — Te pego às seis.

E antes que eu tenha a chance de reclamar do horário ou sequer agradecer pela ajuda com as anotações, ele já se foi.



A pior coisa em ter um inimigo íntimo é que mesmo que você não queira, eles sabem tudo sobre você: seus gostos e desgostos, sua vida em geral. Com Daniel obviamente isso não seria diferente. Então, quando às seis da manhã ele estaciona em frente ao meu prédio, eu não me surpreendo por ele me esperar com um copo de café do tamanho de um balde de pipoca.

Café é meu combustível.

Café é vida.

E também aplaca meu mau humor, o que só prova que Daniel estava pensando nele e não em mim quando comprou isso. Se ele me conhece tão bem, eu também o conheço. Ele só não quer lidar com meu pior lado, que é o matinal.

Aceito de bom grado e quando provo, sinto o sabor da bebida em minha língua. Droga, ele sabe até o quanto de açúcar eu gosto nessa merda.

— Obrigada, eu acho — digo ainda meio desconfiada e um tanto

contrariada pela sua gentileza. Ele passou tantos anos sendo um babaca de merda que eu sequer sei reagir quando age diferente. Há dias Daniel tem tentado se aproximar de formas sutis, mas eu não dou abertura porque sinceramente, não sei o que ele quer com isso, porém se eu pudesse apostar em alguma coisa, com certeza é um plano para algo maior. *É tipo ganhar a confiança para depois destruir completamente.*

— De onde eu venho é só obrigado mesmo, *princesa da Disney* — ele retruca e abre o porta malas, para me ajudar a acomodar minhas malas — E aí, mala sem alça? Vai vir aqui ou prefere o banco da frente? — ele dá um sorrisinho estúpido e quando eu não respondo, ele ergue as mãos e se abaixa para pegar minha mala. Adianto-me e tomo de suas mãos, eu mesma acomodando minhas coisas. *Odeio dever favor para babaca.*

Depois de colocar minhas malas no lugar, vou para o banco da frente e me sento, colocando o cinto de segurança. Espero ele entrar também, e quando ele coloca o próprio cinto, reparo em como seus braços estão musculosos. Um pedaço de sua tatuagem do braço sai pela manga da camisa, deixando muita coisa para a imaginação. Engulo em seco e olho para o outro lado, observando o cenário pela janela. O dia ainda está amanhecendo e quando ergo os olhos, vejo alguns raios de sol bem laranjas despontando por trás das montanhas verdes que circundam o condomínio de prédios que moro. Dou um sorrisinho tímido, porque amo o nascer do sol, mas esse momento de calma dura apenas um segundo, porque antes que eu consiga sentir um pinguinho de paz que seja, o som do carro explode em um rock insuportável que faz meus tímpanos pedirem por clemência.

Mal dou tempo do vocalista começar a cantar, me inclino e desligo a porcaria do rádio. Sei que o carro é dele, mas eu estou nessa viagem tão obrigada quanto Daniel, e ninguém merece essas músicas de doido que ele ouve.

— Misericórdia. O dia nem começou — eu reclamo e ele me olha por alguns segundos, incrédulo e estático, como se não acreditasse na minha cara de pau. Depois se inclina, ligando novamente o rádio.

— Não toque na minha música ou você fica por aqui mesmo — ele resmungo de volta, mas quando dá partida no carro, eu volto a desligar.

— Posso fazer isso por toda a viagem — ergo a sobrancelha, desafiando-o.

A lateral da boca dele se levanta em um sorrisinho provocante, como se aceitasse o desafio:

— Vai cansar, você sabe disso, não sabe? Até parece que não sabe que eu não consigo receber ordens.

Ignoro o fato de ele mencionar o que sabemos um do outro quando isso claramente ficou no passado.

— Imagino que deva ser difícil mesmo. Coitadinho, recebendo ordens de uma mulher que você odeia. Isso deve ameaçar sua masculinidade.

Ele volta a ligar o rádio e crava os olhos nos meus quando propositalmente, aumenta ainda mais o volume. Depois, se inclina e cochicha ao meu ouvido, aproximando seus lábios da minha pele:

— Absolutamente nada ameaça minha masculinidade, sua pé no saco. Nem mesmo sua presença, que já seria o bastante por si só.

Fico momentaneamente paralisada com essa proximidade, e um impulso elétrico atravessa meu corpo como uma bala quando o hálito quente e doce dele toca minha pele.

— Olha só minha cara de impressionada. Você é um grosso.

— Muito grosso. *E longo, também.* Meu pau só não é maior do que essa sua falta de educação — meu rosto fica vermelho na mesma hora, porque querendo ou não, minha mente sacana insiste em imaginar como realmente é o que ele tem no meio das pernas.

— Você é um porco — cuspo as palavras, dividida entre estar puta da vida ou excitada com essa conversa imbecil. Meu Deus, eu devo ter esquecido meu cérebro no campus, não é possível.

— Pergunta se eu ligo — ele pisca em minha direção e sai com o carro.

— E você por acaso liga para qualquer coisa que não seja seu umbigo? Seis anos depois e você continua sendo um mimado egoísta — ataco, devolvendo a grosseria, mas seu semblante se fecha e ele não responde mais nada por um bom tempo. Ao mesmo tempo em que o silêncio é reconfortante, é também incomodo. Daniel me tira do prumo até mesmo quieto.

Porém, quando, minutos depois, ele resolve falar, é quase como um soco. Nós normalmente tiramos sarro um do outro, mas nesse momento, ele parece

realmente chateado, como se eu tivesse sido injusta com ele. Deus sabe que não fui.

— Eu também não estou propriamente feliz com isso, se você quer saber, Camila. Mas eu estou tentando, porra. Te busquei em casa, te levei café. Mas você só sabe me dar patada, e depois ainda quer falar da minha educação. Dá para tentar também, cacete? Você não tem mais treze anos — ele balança a cabeça, incrédulo. É como se ele estivesse engasgado com tudo isso — Nós temos que ir porque somos importantes para eles. São nossos pais e nos querem junto deles. Mas sermos importantes para eles não significa que temos que ser importantes um para o outro, que saco — ele vira uma esquina bruscamente, como se tivesse com raiva do mundo e eu não sei da onde veio toda essa reação — Então se você quer mudar a música, muda, foda-se. E se você calar a boca pelas próximas dez horas, há uma mínima chance de chegarmos vivos para o Natal. *Estamos combinados?*



Havia se passado quase uma hora desde que saímos de casa, e depois da nossa pequena discussão, nenhum dos dois falou mais nada. Deixei o rádio ligado no que ele queria ouvir, e apenas abaixei o volume, mas ele também pareceu não se importar com isso, e continuou agindo como se o gesto não fosse uma forma de eu dizer que estamos sim combinados, mesmo que ele saiba disso.

Daniel sempre sabe.

A quietude no carro é pesada, então primeiro eu decido apenas olhar pela janela e fingir que não está tudo estranho, mas isso ficou incrivelmente chato nos primeiros cinco minutos. Depois, tentei dormir, mas o sono não veio de forma alguma. Não tinha nenhum livro em mãos, meu celular estava sem sinal e eu estava, definitivamente, enlouquecendo enquanto minhas pernas não paravam quietas nem por um mísero segundo.

Odeio ficar parada.

Tento então, mesmo que a contragosto, perguntar algumas coisas sobre a viagem, como o lugar por onde estamos passando ou quanto tempo falta para chegarmos ao próximo posto, mas ele apenas responde o indispensável, e eu me sinto como o burro do Shrek perguntando incansavelmente: “*a gente já chegou?*”.

Mas mesmo após tentativas frustradas e minutos depois, Daniel continua agindo como se eu não estivesse ali, e sei por que ele fez isso.

Ele fez porque está realmente irritado. Se houvesse lógica, eu diria até que está *magoadado*, porque é exatamente assim que ele reage quando fica triste. Ele se tranca em sua concha e para tira-lo de lá é uma luta sem fim.

Seu silêncio é um sonoro “*vai tomar no cu*” que eu recebo com sucesso, mesmo sem ele dizer uma única palavra, porque eu consigo ler cada uma de suas expressões. O rosto de Daniel é um livro aberto mesmo que ele não saiba disso, e cada mordida que ele dá no canto esquerdo da bochecha a cada dois minutos me diz que ele está ruminando algo há muito tempo, e isso me incomoda. Não sei por que, mas me incomoda.

Portanto, decido quebrar esse momento, porque, pior que as discussões idiotas, é esse silêncio incômodo. Odeio isso mais do que tudo no mundo.

Não, corrigindo: eu odeio *esse idiota* mais do que tudo no mundo.

Abro minha bolsa e tiro de lá um pacote de biscoito de polvilho, sorrindo de canto como uma criança que sabe que está fazendo arte, e faz mesmo assim. Rasgo o pacote e olho diretamente para o seu rosto, esperando uma reação. Suas feições se apertam, mas ele continua quieto, enquanto observa de canto de olho eu levar o primeiro à boca.

Quando eu mordo, os farelos caem em minha blusa e eu rapidamente os jogo para o assoalho com apenas um balançar de mãos. Continuo comendo e vejo, com um satisfatório prazer, a sujeira se acumular em minha calça, no banco e também no assoalho. Eu poderia tomar todo o cuidado do mundo e comer como uma princesa, mas o que eu estou fazendo é de propósito. Se para arrancar uma reação, eu precisar irrita-lo até quase a morte, eu farei isso. Se ele é ruim, eu sou pior.

Sei como Daniel é chato com limpeza, ele sempre foi, e óbvio que com seu amado *Jeep*, que provavelmente é mais um motel do que um carro, não seria diferente.

Seus dentes estão trincados e é um esforço imenso que eu faço para não rir da sua cara. Mordo com mais vontade, espalhando mais farelos, contando os minutos para sua reação nervosa e ele é mais rápido do que eu imaginava. Que fraquinho, Daniel, que fraquinho.

— Porque você tá fazendo isso, Camila? Tá sujando a porra toda — ele

aponta os farelos em meu colo e quando ele faz isso, sorrio diabolicamente antes de, com as pontas dos dedos, joga-os suavemente, quase em câmera lenta, para o chão — Nossa, você tá fazendo de propósito! Como você é irritante, meu Deus.

— Uau, você descobriu isso sozinho? Parabéns, inteligência rara. A faculdade de medicina tem sorte em ter um aluno tão brilhante — ironizo sua conclusão óbvia. Ele não vai me ignorar, nem que para isso eu infernize as próximas dez horas.

— Continua fazendo isso para você ver se eu não te deixo no acostamento — ele bufa e eu rio — Ri mesmo. Vai rir mais ainda quando tiver que ir andando para casa — ele tá bravo de verdade e isso acende uma alegria genuína em mim — Porque você tá fazendo isso, hein? Porra, eu tentei ser legal até agora.

Caramba, isso é ele tentando ser legal?

— Legal é uma ova, mauricinho. Você me ignorou quando eu pedi para parar em algum lugar para comer. Estou com fome, Daniel. Estou. Com. Fome. Você me obrigou a fazer isso — digo, batendo os cílios e fingindo uma inocência que definitivamente eu não tenho.

— *E quando você não está com fome, hein, draga?* — ele fala sem pensar e sinto uma dor em meu peito. Desde que éramos crianças eu não ouço mais ele me chamar assim. Eu sempre fui gulosa e Daniel sempre tirou sarro disso, o que não o impedia de roubar bolo na cozinha para mim, ou sempre levar um lanche a mais para a escola, porque sabia que eu comeria o meu e o dele. Fecho o pacote de biscoito na mesma hora e o coloco na bolsa, em silêncio. Sei que foi uma besteira, mas lembrar de quando a gente não se odiava tanto ainda dói às vezes, simplesmente porque eu penso no que poderíamos ter sido. Simplesmente, porque nesses momentos, eu entendo como ele fez falta tantos anos, mesmo que eu não admita nem mesmo para minha própria sombra.

— Eu limpo quando chegarmos ao rancho pode deixar — é o que minha voz embargada consegue responder, e eu sei que ele percebe, pois suspira fundo e passa a mão na testa, como se pensasse bem pela primeira vez desde que pegamos estrada.

— Tudo bem, me desculpa também por não ter parado para você comer.

Foi infantil, eu também estou com fome. Prometo que no próximo posto eu encosto o carro, ok? — eu apenas balanço a cabeça, e me volto para a janela, olhando os carros e as paisagens passarem, enquanto me pergunto mentalmente quando Daniel voltou a mexer com minhas emoções.

Se é que um dia, isso deixou de acontecer.



Assim como Daniel prometeu, paramos no primeiro posto com um restaurante decente. Pelo menos é o que a fachada bonita indica, mas eu sei que às vezes as aparências enganam.

Espero ele terminar de estacionar e desço, batendo a porta sem esperar por ele. Entro no restaurante com os dois braços ao redor do meu corpo, sentindo o frio chato do ar condicionado castigar minha pele coberta apenas pela blusa de alcinha. Faço uma varredura do local com os olhos, procurando uma mesa, e encontro uma no cantinho, para duas pessoas. Sem falar nada, caminho até lá e sei que Daniel me segue, pois o sinto bem atrás de mim. Quando sentamos em silêncio, acho que ele percebe meu incômodo com o ventinho gelado, e me surpreendendo com sua atitude gentil tira sua jaqueta, estendendo-a sem falar absolutamente nada, e eu a aceito, sem me fazer de rogada, da mesma maneira, ou seja, calada. É exatamente assim que estamos nos comunicando desde a última vez que abri a boca no caminho: *apenas com o olhar*.

Parece que é a única forma que dá certo. Enquanto estamos calados, não estamos nos matando.

Jogo a jaqueta sobre minhas costas e passo os braços por dentro, sendo tomada pelo cheiro dele. Nunca estive tão próxima de Daniel nos últimos anos, mas dentro do carro, e principalmente agora, dentro de sua jaqueta, é impossível não me sentir inebriada com seu cheiro amadeirado. É um perfume famoso, eu sei, mas não é uma surpresa para mim. Ele sempre gostou das melhores coisas, desde brinquedos até roupas. Não que ele exigisse o que seus pais não podiam dar, mas a questão é que nossas famílias sempre tiveram condições de nos dar tudo do bom e do melhor, e ele sempre se aproveitou disso muito bem.

Por muitos anos, me perguntei se isso havia tirado seu senso de responsabilidade em conseguir as coisas por mérito próprio, mas depois que ele me emprestou suas anotações de Imunologia, e tivemos aquela breve conversa sobre ele não depender cem por cento dos pais, sei que tenho minha resposta. Sem que ele precise fazer isso, de alguma forma, Daniel não gosta de ser dependente de ninguém.

Aparentemente quando não está sendo um babaca comigo por aí, Daniel Ventura é um cara legal.

Talvez um pouco parecido com esse que me trouxe café, me pediu desculpa mesmo que isso signifique a morte para ele e agora me estendeu sua jaqueta quando percebeu que eu estava com frio.

Abrimos o cardápio simultaneamente, e enquanto ele analisa as opções, eu ergo o olhar e aproveito para observá-lo sem que ele perceba, já que quase nunca tenho essa chance. Os músculos aparentes em sua camiseta branca justa se destacam ainda mais pelas tatuagens que se insinuam pela gola e saem coloridas pelas mangas que abraçam seus bíceps. Nunca mais o vi sem camisa para saber quais tatuagens ele esconde no peito, sequer sei se ele ainda tem vergonha da cicatriz que carrega depois de uma cirurgia de apêndice que ele fez quando criança ou se ele a cobriu com algum desenho interessante. Em seu pescoço, um daqueles colares militares pende, mas não consigo ler o que está escrito, porque ele está sempre virando-o contra o peito. A única coisa que consigo ver, é que se é possível, o acessório deixa ele ainda sexy.

Antes que eu consiga disfarçar, seus olhos escuros e profundos se erguem lentamente e encontram os meus, e sinto um frio na barriga, porque nos poucos segundos em que sustentamos essa conexão, é quase predatório o modo como ele me encara.

Eu afasto o olhar, não querendo que ele saiba que eu estava admirando seus braços e tentando adivinhar como é seu peito, mesmo tendo uma noção pelo resto do físico perfeito. *Sinto-me culpada por olhar, mas tenho certeza de que meus olhos me trairão toda vez que tiverem oportunidade, porque esse filho da mãe é como um imã.*

— É o seguinte, Camila — ele finge não ter percebido e eu agradeço mentalmente seu bom senso, que até então eu desconhecia a existência, por isso — Nós temos uma viagem de quase dez horas de carro daqui até em

casa, e eu sinceramente, não quero ter vontade de apertar seu pescocinho branco a cada segundo como já está acontecendo, então vamos estabelecer algumas regras? Pro nosso próprio bem?

Encosto-me à cadeira e o ouço falar, dando silenciosamente meu aval para que ele continue. Ele faz o mesmo e então ergue os dedos, enumerando o que ele quer de mim.

— Não mexa no meu rádio. Não suje o meu carro. E por favor, tente pelo menos fingir que não me odeia só por essas horas. Vai facilitar tudo, para mim e para você — ele tenta não demonstrar suas emoções ao falar isso para mim, mas sua expressão parece atormentada, e por um segundo, um mísero segundo, eu finalmente entendo o que meu coração carrega por todos esses anos. *Eu gosto desse filho da puta. Eu nunca deixei de gostar.*

— Quem disse que eu te odeio? — antes que eu consiga parar essas palavras traidoras, elas saem da minha boca, e sinto meu rosto ruborizar. Sua sobranalha se ergue, como se ele estivesse mais atento do que tudo às minhas próximas palavras, mas elas não vêm. Eu continuo olhando fixamente para seu rosto, tentando entender em que momento nós nos perdemos de nós mesmos, e antes que eu consiga achar um modo de falar alguma coisa que demonstre o quanto eu sinto muito por isso ter acontecido, ele pisa em meu coração mais uma vez. O problema é que dessa vez não vejo tanta satisfação em seu rosto, mas uma pitada de dúvida e até tristeza, enquanto sua expressão vacila tanto quanto a minha.

— Porque nosso sentimento é recíproco, *princesinha* — ele me olha com intensidade e uma parte de seu lábio se eleva, mas não de arrogância. Acho que ele está chocado porque eu ainda não joguei o copo de água que a garçonete acabou de trazer em seu rosto e fui embora daqui pisando duro. Eu o estou desafiando, mas ele está fazendo o mesmo comigo. E quando eu apenas dou de ombros, como se isso não importasse, da forma mais fingida possível enquanto ouço meu coração se quebrar dentro do peito, ele dá um risinho de escárnio e decepção — *Tá vendo? Não desmentiu. Você sabe que é verdade. Nós somos inimigos de infância, Camila.*

Inimigos?

Então é assim que ele se lembra de mim? Como uma inimiga desde sempre, quando, todas as vezes que eu penso na nossa infância, eu só consigo pensar em como ele me fez falta por anos? Meu Deus, eu achei que nunca

mais daria a chance de Daniel destruir meu coração, e olha eu aqui, fazendo a mesma coisa novamente. Deixando ele me ferir com suas palavras malvadas.

Lágrimas se formam nos meus olhos, mesmo que eu tente pará-las a todo custo. Meus olhos vagueiam até sua boca, que continua falando algo que eu não ouço mais. Ele é um idiota, mas ainda sim, aqui estou eu tentando não pensar que até hoje, eu ainda posso descrever em detalhes o gosto que a boca dele tem. Tentando não pensar que nunca, nenhum outro beijo mais experiente ou mais sensual sequer chegou aos pés de me despertar para a vida como aquele beijo que ele me deu aos trezes anos, no alto de nossas inocências, me despertou. Tentando fingir que quando eu perdi minha virgindade, as lágrimas que rolaram por meu rosto não foram pela dor, como eu fiz o carinha acreditar, mas sim porque não era ele ali comigo.

Aqui estou eu tentando não sentir, exatamente como fiz por todos esses anos. A verdade é que eu queria poder controlar minhas emoções, mas não dá e eu sei disso. Aperto bem os olhos e os forço a ficarem secos antes que ele veja essas lágrimas traidoras, dizendo para mim mesma, que não importa o quanto ele seja lindo, ou o quanto meu coração ainda acelere toda vez que ele está perto demais, uma coisa não muda: *inimigos não se beijam*.

CAPÍTULO 04

PARA BOM ENTENDEDOR, MEIA PALAVRA BASTA.

Daniel

Fui forçado a ir para uma viagem de carro com uma garota que me faz querer beijá-la e esganá-la ao mesmo tempo. Trocamos ofensas, eu fui um idiota como costumo ser todos os dias e ela também. Fiz ela chorar, mesmo que eu esteja até agora fingindo que não vi a lágrima em seus olhos. Isso a mataria de vergonha, e eu até posso ser um idiota às vezes, mas cruel eu fui uma vez só: *a vez que desgraçou tudo para sempre.*

E eu venho me arrependendo amargamente desse dia desde então.

Não tenho a intenção de duplicar a merda que já é grande, obrigado.

Olho para o lado, reparando no quanto ela se esforça para manter os olhos na janela. Sei que ela não quer olhar para mim agora, não depois do que eu disse lá no restaurante. Por algum motivo, aquilo a magoou mais do que todas as nossas outras alfinetadas ao longo dos anos, e eu estou me enganando, me perguntando o motivo, mesmo que algo dentro de mim já saiba o que foi.

Quando ela me perguntou “quem disse que eu te odeio?”, uma pequena, mínima esperança cresceu dentro de mim. Não foram somente por suas palavras, mas pela rapidez que elas vieram, junto de um brilho muito específico em seu olhar. Algo que eu costumava ver quando ela me olhava, anos atrás.

E quando eu disse que o sentimento era recíproco, eu torci com tudo de mim para ela me desmentir. Para me dar uma explicação sobre o que suas palavras queriam dizer. Qualquer palavra que me fizesse ter coragem de lhe pedir desculpas e acabar com tudo isso de uma vez. Mas aí ela deu de ombros, como se nada fosse realmente significativa, e meu ego, que é enorme exatamente como ela taca na minha cara todos os dias, falou mais alto e terminou de destruir tudo. Eu sei que foi no momento em que eu disse que éramos *inimigos de infância* que sua expressão mudou.

Sei que foi ali que a atmosfera mudou de implicância sem sentido para

mágoa e uma dor muito verdadeira.

— Está muito cansada? — pergunto, tentando puxar assunto, mesmo sendo dessa forma ridícula. É tipo falar do tempo com estranhos. Você não sabe porque faz, mas faz mesmo assim.

Ela olha por um instante para mim, genuinamente surpresa por eu ter começado a falar algo que não seja para atacar, e nesse segundo, alguma coisinha bate lá dentro em mim. Não sei que raios é essa “coisa”, mas está lá, se insinuando discretamente, acenando para mim, exatamente como acontece quando alguém te chama de trás de um muro, e se esconde. Quando você olha, nunca consegue ver nada, mas sabe que tem algo lá sim.

É uma pontadinha no peito, quase dolorosa.

Tomara que seja infarto, de verdade. Não sei lidar com culpa.

— Não — ela responde secamente, desviando o olhar novamente.

— Então você podia ser legal, e dirigir um pouco, não é? — digo e no segundo seguinte, me arrependo. Foi apenas uma tentativa desesperada de começar uma conversa adulta, mas eu não pensei direito ao fazê-la. Ninguém dirige meu carro, *nunca*. E eu nunca vi Camila dirigindo para saber se ela é realmente boa atrás de um volante. *Meu Deus, meu Jeep querido*.

— Não dá — ela suspira — Desculpa — seu pedido de desculpas me pega tão desprevenido quanto minha perguntou a pegou.

— Por quê? — agora não é mais para puxar assunto. É interesse mesmo. Ela não quer me ajudar? *Continua folgadinha, hein, Mila?*

Posso ver que está nervosa pelo seu jeito de morder um pouco o lábio inferior. Ela pensa um pouco e então diz, ainda olhando para fora.

— Nunca consegui tirar carteira — dá de ombros — Tive duas crises de ansiedade horríveis nos dias dos exames, e desisti. Fiquei mal tanto tempo por isso, que só de pensar em pegar em um volante de novo, meu coração acelera.

— Mas eu nunca ouvi vocês falarem sobre isso — justifico minha ignorância sobre o assunto.

— Meus pais não falam porque sabem que isso me chateia. Odeio me sentir incapaz de fazer algo.

Ela é incrivelmente sincera em suas palavras e eu respiro fundo, me sentindo um merda por dois motivos: por não saber disso, mesmo crescendo com ela, e por ter tirado sarro várias vezes sobre ela ser um perigo dirigindo, mesmo que eu não soubesse nada a respeito. Sim, eu me lembro de ter feito essa piadinha estúpida umas duas ou três vezes em jantares de família, e pelas palavras que ela solta em seguida, com certeza ela se lembra disso também.

— Pode rir agora, como você sempre faz — sua voz sai imensamente chateada.

É, eu realmente me sinto um merda.

— Não vou rir disso. Crise de ansiedade é um cu — já que ela falou, decido abrir a boca também — Tive várias no primeiro ano de faculdade. É a sensação de a morte te visitando, Deus me livre — me arrepio dos pés à cabeça, porque não gosto nem de lembrar.

Isso parece despertar o interesse dela. *Algo em comum.* É disso que preciso para continuar tentando uma relação minimamente saudável com Camila: coisas em comum, porra. Como não pensei nisso antes?

— Jura? — ela finalmente olha para mim, enquanto balanço a cabeça, em afirmativo.

— Juro. Eu quase desisti por várias vezes. Pensava que aquele lugar não era para mim. Ligava chorando para o meu pai, enquanto sentia um peso tão grande no peito que parecia que tinha alguém sentado no meu tórax. Foi horrível, mas depois de um tempo consegui me encontrar e me livrar da constante sensação ruim — digo e então me lembro da cena dela procurando as anotações de Imunologia — Era por isso que você estava tão nervosa quando não achou suas anotações?

Dessa vez, é ela quem balança a cabeça, confirmando.

— Medicina é minha vida. Morro de medo de falhar — ela solta, em um minuto de sinceridade entre nós, e é nessa hora que eu percebo que nada mudou. Eu ainda tenho vontade de conversar com ela sobre tudo, exatamente como fazíamos anos atrás. Ainda quero desabafar sobre tudo que me chateia e me dá medo.

A realidade da falta que ela me fez todo esse tempo me acerta como um soco no estômago e eu respiro fundo, sabendo que preciso consertar as coisas, já que agora eu tenho maturidade. *Bom, supostamente tenho.*

Preciso conquistar a confiança de Camila novamente.

— Você não vai falhar em algo que você ama tanto assim — digo, com os olhos fixos na estrada, tentando controlar as palpitações do meu coração. É como ter quinze anos de novo, meu Deus.

— Você também teve medo de falhar, ué — ela tira o tênis e se ajeita no banco, colocando os pés no console do carro. Se fosse outra pessoa, eu já teria feito tirar o pé dali no tapa, mas ela pode. Dentro de mim, comemoro isso, porque é o primeiro sinal, depois de horas, de que ela está começando a se sentir a vontade comigo.

Penso na resposta dela por um momento, apertando um pouco os lábios, considerando se devo ou não contar que medicina não é meu amor maior. Que instrumentos musicais, um palco e um violão, talvez um microfone, sim são meus grandes sonhos. Com apenas um segundo, eu consigo me imaginar cantando um milhão de músicas que combinariam exatamente com nossa história, além de todas aquelas que eu compus sobre ela e que nunca ganharam o mundo, porque estão bem trancafiadas a sete chaves em uma gaveta, no meu quarto.

Consigo imaginar ela de olhos fechados, enquanto sussurro todas as letras de músicas escondidas em seus ouvidos. Todas as palavras escritas para ela.

Todas as músicas de amor que nunca cantei.

Só a ideia disso me deixa excitado, na verdade. A menina tem poder sobre mim e isso é um fato. Quando ela me olha, exatamente como está me olhando agora, me sinto como um moleque virgem novamente. *Não que ela me olhe com frequência.* Ela evita qualquer tipo de contato comigo na maioria das vezes, como se eu fosse uma doença contagiosa; uma que ela já teve uma vez, mas teve a sorte de se livrar sem grandes sequelas.

Não deixa de ser mentira.

Eu sempre agradeço por Camila não ter sido bobinha e ter se enveredado por minhas palavras vazias de adolescente. Eu gostava dela, o sentimento era real sim, mas não estava preparado para a grandiosidade de uma ligação dessas naquela época. Eu era infantil e queria agradar meus amigos. Queria ser quem eu não era e essa foi uma das coisas que me afastaram dela.

Eu teria destruído seu coração, se naquela época, ela o tivesse confiado a mim.

Graças a Deus pela inteligência da minha Mila.

— Ficou quieto de repente, e tá mordendo o canto da boca. O que eu falei dessa vez? — ela solta isso com um ar de cansaço, e eu volto à realidade novamente.

— Eu não amo tanto assim medicina. Não como você — solto, e só então percebo que eu nunca falei isso em voz alta antes. Sempre guardei isso dentro de mim, como se fosse um segredo sujo, uma vergonha ou ingratidão. Mas falar para ela é incrivelmente fácil, então penso em continuar a falar, mas ela o faz por mim antes.

— Música? — ela pergunta com uma naturalidade assustadora, e eu quase quebro meu pescoço com a velocidade em que ele gira para olhar para ela, o que a faz dar uma risadinha. Depois de uns segundos, ela dá de ombros para responder minha pergunta silenciosa: “*como você sabe disso?*”.

— Às vezes te ouvia cantar lá na casa dos seus pais. Eu tentava não reparar, mas era difícil porque sua voz é realmente boa — ela fala isso como se fosse a confissão de um crime, mas meu peito acelera e eu luto com tudo de mim para o canto da minha boca não subir em um sorriso orgulhoso, porque em meus ouvidos, isso com certeza chegou como um elogio — Eles podem até achar que é *hobby*, mas eu chamo de dom.

— Meu pai nunca entenderia — digo, e sei que é o bastante para ela entender o que eu quero dizer com isso. Não preciso de mais de um minuto para que ela deixe claro que não concorda comigo, e sua leitura da situação me surpreende.

— Entenderia sim. Você sabe — ela vacila, pensando se deve ou não continuar falando, até que decide continuar, já que a gente nunca poupa um ao outro mesmo — Talvez você tenha medo de falhar e esteja jogando a culpa nas costas dele. É mais fácil. Mas nós dois conhecemos o seu pai bem o bastante para saber que ele sempre vai preferir sua felicidade a qualquer outra coisa.

Levo um instante para organizar as ideias, e mesmo sem saber direito o que dizer, sei que ela tem razão. Mas não quero ficar cavoucando minhas emoções. Não é o lugar nem o momento para isso.

— Me desculpa. Isso sequer é da minha conta — ela diz, como se lembrasse de que não somos mais amigos que dão pitaco um na vida do

outro. Como se lembrasse de quem somos nós e como é nossa dinâmica, e volta a olhar para a janela, vendo as árvores e montanhas passando rapidamente. Não falamos mais nada por um bom tempo, e o silêncio que reina entre nós é apenas o de duas pessoas que estão pensando no que ela acabou de dizer, simplesmente por que nós dois sabemos que é verdade.

E a verdade é que eu, Daniel Ventura, sou um covarde.

Um covarde que não luta pela garota que gosta. Que não luta pelo que quer fazer da vida.

Um covarde.



O silêncio volta a imperar dentro do carro, já que o som está desligado depois da pequena discussõzinha sobre música que tivemos anteriormente. Consigo ouvir o som de sua respiração se misturando ao som da minha e do ar condicionado, e isso me incomoda tanto quanto eu sei que incomoda a ela, então respiro fundo, tomando coragem de, pela segunda vez, iniciar uma conversa.

Uau, Daniel está um mocinho.

É engraçado pensar que por mais que eu literalmente conheça Camila desde que ela nasceu, eu não a conheço de verdade. Quer dizer, uma parte de mim, aquela que ficou na adolescência, conhece uma parte dela, mas aquilo foi há muito tempo. Depois disso, só nos víamos, mas sem realmente nos enxergarmos, e eu fui deixando de acompanhar seus gostos, suas manias, seus medos, suas dores. E por mais que a gente se visse sempre, agora, olhando para ela aqui, nesse carro, sinto que somos dois desconhecidos, ainda que isso não mude o fato que meu *coração bate um pouco mais forte toda vez que meus olhos caem nela*.

— O que você gosta de ouvir? — pergunto e fecho os olhos imediatamente, me sentindo um idiota, enquanto aperto as duas mãos no volante, com força. Sério, Daniel? Sei que é uma pergunta completamente quinta série, e isso se confirma quando ela se vira lentamente, e dá um sorriso de canto para mim, um pouco irônico, como se eu fosse um idiota.

— O que está acontecendo?

— Como assim? — tento me fazer de inocente, mas não cola. Com ela,

nunca cola. *Oh mulher difícil.* A definição de pitbull que Milena deu para ela é perfeita.

— Você, puxando assunto comigo. Achei que nós fossemos inimigos de infância. Qual o sentido de me perguntar o que eu gosto de ouvir? — sua sobrancelha se arqueia, formando um arco perfeito em seu rosto bonito.

Olha só, demoraram exatos trinta minutos para ela usar isso contra mim. É um recorde.

— Eu estou tentando, Camila — digo, entredentes, sendo o mais sincero possível em apenas algumas palavras. É como um desabafo e ela entende, porque balança a cabeça concordando, depois suspira, finalmente se rendendo e respondendo.

— Bom... Gosto de Kate Perry, Lady Gaga e... — antes que ela termine de falar, eu rio alto, porque às vezes eu não controlo o babaca que mora em mim.

Ela me fuzila com o olhar, apertando os olhos.

— É assim que você está tentando, idiota? — ela tenta se fazer de brava, mas sua boca está levemente puxada para cima.

Ainda rindo, eu digo, balançando a cabeça:

— Desculpa. Sério, desculpa — dou ênfase na minha desculpa, mas o sorriso ainda está em meu rosto e as palavras saem engasgadas — É que eu não imaginava que você tinha ficado tão mulherzinha, ouvindo as músicas pop do momento. Eu me lembro do dia em que a gente brigou que nem dois moleques por causa de um CD do Gun's, *e você ganhou* — tiro a mão do volante e aponto o dedo em sua cara, indignado. Só de pensar me dá uma dor no coração. Eu amava aquele CD como minha própria vida.

— Tenho aquele CD até hoje — ela dá uma risadinha saudosa, que tenta a todo custo disfarçar, mas sua expressão fica séria novamente e eu me pergunto o motivo — Mas não ouço mais esse tipo de música. Acho que não combina mais comigo.

Camila está viajando. Música é atemporal. E as bandas que a gente sempre gostou combinam com todo mundo, sem exceção. A não ser que elas a lembrem de algo coisa que ela queira esquecer.

Decido investigar.

— Você quer dizer rock clássico? Música de verdade? — eu só estou tentando irritá-la, porque claro que não há problema algum em gostar das cantoras que ela falou. Até eu gosto um pouquinho. Mas a intenção é deixá-la brava e sei que consigo. Eu sempre consigo — Sabe, Aerosmith, Led Zeppelin, Metallica... Kiss.

Ela revira aqueles olhos brilhantes que me atraem tanto, que sempre me atraíram, e eu comemoro discretamente, porque aí está sua atitude atrevida de novo, aquela que eu tanto senti falta. A Camila encapetada às vezes me tira do sério, mas a Camila triste é demais para meu coração. É mais fácil lidar com os xingos do que com suas lágrimas. Elas doem bem mais em mim.

Eu tento convencer a mim mesmo que gosto de encher o saco dela por pura diversão, mas a verdade é que eu procuro formas de estar perto dela, mesmo que pra isso que precise deixá-la toda irritadinha. Sou um idiota por causa disso? Sou. Mas eu nunca disse o contrário.

— Claro que eu sei. Eu disse que não ouço mais, não que eu não conheço.

Ainda prestando atenção na estrada, eu a desafio.

— Então me fala o nome de uma música do Kiss. Uma só e eu te deixo em paz. É uma promessa— rio, e ela me olha de lado.

— Promete mesmo? Não vou precisar ficar ouvindo essa voz irritante? — dói um pouquinho porque ela fala sério, mas sei que Roma não foi construída em um dia. Não será por causa de meia hora em paz que vamos apagar anos e anos de discórdia, mágoas e grosserias um com o outro, na maioria das vezes, causadas por mim mesmo.

— Prometo.

— *Forever* — ela é direta e reta — É minha preferida.

Assinto com a cabeça, apoiando sua escolha.

— É uma excelente música. Um dos maiores sucessos do Kiss. Entrou no top dez da Billboard — digo animado, porque essa música é incrível mesmo e foi um puta sucesso. E é uma das que eu mais gosto de tocar no violão. Agora tenho um motivo a mais para ensaiá-la sem parar — Não quer saber qual a minha preferida?

— Não, obrigada. Agora estou livre de você? — ela retruca, rápido, mas sem muita firmeza e eu sequer posso culpa-la por viver na defensiva comigo.

Eu causei isso, e o mínimo que eu posso fazer é tentar entender às vezes que ela tenta cravar os dentes em mim. A única coisa que eu posso fazer é tentar ter novos bons momentos com ela, até que toda essa mágoa se dissipe. Então apenas assinto com a cabeça, em afirmativo, mesmo que sua indiferença me doa um pouco. Quando faço isso, ela volta a pender a cabeça para o lado, em direção à janela. Apesar de saber que ela não está fazendo isso por mal, apenas está se defendendo, com medo de que eu possa voltar a ser um idiota a qualquer momento, não é fácil não ficar chateado, porque achei que estávamos progredindo. Deixo-a em paz, dando seu tempo para pensar e quem sabe, puxar assunto dessa vez, mas em poucos minutos, ouço seu ressonar e percebo que ela está dormindo com a cabeça apoiada na janela. Outra mania que pelo jeito, não mudou. Camila não pode encostar em lugar nenhum que dorme, como se estivesse confortável em sua cama. É o sono mais fácil do mundo.

Tem a fome de um pedreiro e dorme como a bela adormecida. E é por essa coisinha singela que sou apaixonado, senhoras e senhores.

Tomo cuidado para não passar por nenhum buraco que possa acordá-la com o solavanco, enquanto uma insistente música do Kiss continua a tocar em minha cabeça. Não é *Forever*, a que ela mais gosta, apesar de ser linda também.

É *Every time I look at you*, uma que representa tudo o que eu sinto e queria que ela soubesse, mesmo que eu não consiga dizer.

Essa é a minha preferida.

E quando eu percebo que ela pegou no sono, me permito cantarolar um pedaço, e torço para que de alguma forma, ela entenda o recado sem que eu precise dizer:

— “*Tryin' to say I'm sorry, I didn't mean to break your heart...*” ¹

¹ “*Estou tentando dizer que me arrependo, eu não queria quebrar seu coração...*”.

CAPÍTULO 05

MENTE VAZIA, OFICINA DO DIABO.

Daniel

Quando eu tinha quinze anos e estraguei tudo com Camila, eu achei que ia passar. Sério. Eu me olhava no espelho e, apesar de detestar o que via nele, eu dizia: é uma fase, Daniel. Você vai esquecer. Você tem uma fila de meninas aos seus pés, que dariam qualquer coisa para ter o primeiro beijo com você, *apenas esqueça*.

Por um tempo, eu realmente acreditei nisso.

Mas aos dezesseis, eu ainda sentia falta dela.

Aos dezessete, eu ainda comparava a boca dela a qualquer outra boca que eu beijasse. Elas nunca eram boas o bastante para mim. E quando eu perdi minha virgindade, foi bêbado, porque eu não aceitava que tinha sido idiota o bastante para não compartilhar daquele momento com ela, apenas ela, por pura burrice minha.

Aos dezoito, eu ainda pensava nela todos os dias, e tentava esconder isso sob uma camada de ódio muito mal construída.

E aos vinte, mesmo já estando na faculdade, eu ainda não tinha deixado de querer Camila Duarte. Acho que foi quando eu finalmente aceitei que isso não ia mudar tão cedo.

E agora, olhando-a aqui, encostada na janela do carro, dormindo suavemente como uma fada, e não como a bruxa que eu sei que ela pode ser, me sinto assim novamente: como aquele adolescente viciado, desejando-a como se ela fosse uma droga.

Assim, imóvel e quietinha, com a cabeça encostada na janela ela até parece doce, delicada e inocente, bem diferente do *pitbull* que ela encarna quando está perto de mim. Dou uma risadinha, lembrando que por anos, eu me esquivei e sai ileso de todas as mordidas que ela tentou desferir contra mim.

Bom, quase todas.

Por que em todos eles, eu continuei desesperadamente apaixonado por essa garota dos infernos.

Por mais que eu queira ficar olhando seu rosto sereno sem parar, resisto ao desejo por várias razões diferentes: primeiro porque ela pode acordar e isso daria uma merda muito, muito difícil de ser explicada. Segundo, porque não posso bater essa porra de carro, então olhar para frente é necessário e ponto. E terceiro e talvez mais importante, olha-la assim tão de perto me deixa muito mais primitivo e protetor, lembrando-me de quando era para mim que ela corria sempre que precisava de alguém, e sinceramente, *não acho que meu coração precise de mais essa tortura, porque ele já está fodido o bastante.*



Dirijo por mais alguns quilômetros até estar parado em um engarrafamento. Tento olhar pela janela, mas são metros e metros de carros parados em uma fila interminável, então enquanto espero não tão pacientemente assim, apenas ergo os vidros e ligo o ar condicionado, porque o calor está infernal. Camila continua dormindo profundamente e eu dou uma risadinha, porque isso é tão típico. Se tratando dela, qualquer lugar é lugar para dormir, *e tudo bem.*

Sofá da casa dos meus pais? Claro.

Banco de madeira do jardim? Porque não?

Mesa do refeitório da faculdade? Para ela, confortável para caralho.

Após alguns minutos se movimentando lentamente, um guarda vem sinalizando em minha direção e parando de carro em carro para falar alguma coisa. Abaixo o vidro, e quando ele se inclina em minha janela, sorri sem tirar os óculos escuros.

— Boa tarde, garoto. Uma carreta carregada tombou ali na frente, e o trânsito está praticamente parado. Se você quiser, pode fazer o desvio para voltar para a cidade, ali, uns quatro carros à frente, para onde o outro guarda está direcionando.

Franzo o cenho.

— Não tem outra saída?

Ele dá de ombros.

— Tem, mas está congestionada também. Véspera do feriado mais importante do ano. Está todo mundo se deslocando. De qualquer forma, não vai demorar a tirarem a carreta. Mais umas quatro ou cinco horas, até descarregarem tudo e tirarem ela daqui. Você pode esperar na fila.

— *Cinco horas?* — eu guincho, sem acreditar.

— É véspera de natal, jovem. O que você esperava? Eu também não queria estar aqui — ele faz uma cara de poucos amigos e depois um movimento com o braço, mandando os carros de trás passarem na minha frente, como uma vingança sutil pela minha má educação — Você pode ir ou esperar na fila — dito isso, ele sai e vai para o carro de trás, dar as mesmas instruções.

Bufo, irritado. Cinco horas nessa fila interminável, debaixo desse sol escaldante?

Nem morto.

Vou com o carro até onde o outro guarda sinaliza o desvio e volto para dentro da cidadezinha pequena, que mais parece um vilarejo. Já é quase três da tarde, e não falta mais do que mais três horas para chegarmos à nossa cidade, onde nossos pais esperam, mas agora esse acidente simplesmente atrasou tudo. Respiro fundo, tentando pensar no que fazer. Se eu esperar as cinco horas que falta para tirarem essa carreta, vou dirigir de noite, o que está fora de cogitação. Eu estou cansado para caramba e sequer posso revezar com Camila, porque ela não dirige.

Ah não ser que...

Olho para ela. Seu cabelo castanho está preso numa trança bagunçada de um lado, jogada sobre o ombro, e alguns fios que escaparam do lacinho caem pelos lados do seu rosto. Sinto vontade de esticar a mão e afastá-los delicadamente com os dedos, mas não faço isso, porque sei que se ela acordar é perigoso eu perder a mão.

Dou risada, jogando a cabeça para trás, no assento, enquanto penso nos prós e contras do absurdo que estou cogitando.

Ela vai me matar. *É uma péssima, péssima, péssima e má ideia.* Mas fazer o que se é de péssimas ideias que Daniel Ventura é feito?

Com esse pensamento, engato a marcha e continuo dirigindo, tentando cumprir a missão impossível de achar um hotel que preste nesse fim de mundo e me manter a salvo da fúria de Camila Duarte e continuar vivo até o natal.



Camila

Abro os olhos e estico meu corpo, cansado e preguiçoso pelo tempo que dormi toda torta no banco do carro de Daniel. Apesar de estar toda encolhida e com a cabeça encostada no vidro da janela do passageiro, sinto que dormi uma noite inteira, e a sensação de não saber nem meu nome me assalta.

Percebo que Daniel diminui a velocidade do carro e então finalmente me dou conta de que estamos parando em frente à vários chalés agrupados na beira da estrada. Olho pela janela, depois abaixo a cabeça, apertando os olhos enquanto tento enxergar pelos para-brisas.

— Onde a gente está? — olho para ele desconfiada, enquanto cubro a boca com a mão, sem conter o bocejo.

Daniel bufa. Novidade. Ele está sempre puto da vida, por tudo e com todos.

— No meio de porra nenhuma. De um lado temos onde Judas perdeu as botas e do outro, o centro da casa do caralho — ele diz, mal-humorado, enquanto desliga o carro. Depois se vira para mim, e calmamente, com uma tentativa do que parece ser um sorriso, diz — Ok, precisamos conversar. Não surta.

— Se você está me pedindo para não surtar, é uma certeza de que eu vou surtar. O que foi? — respondo, sarcástica.

— A gente vai precisar dormir aqui — sua resposta é breve, mas faz todos os cabelos da minha cabeça ficarem de pé. Estar em um carro pequeno com ele já é ruim o bastante, mas estar com ele em um chalé é o fim do mundo. Se tratando dos sentimentos que carrego aqui dentro, bem escondidos, é ainda pior. Deus do céu, eu não preciso dessa provação. É véspera de Natal, alivia pro meu lado, Pai.

— Por quê? — a pergunta sai engasgada, e ele passa a mão pelo cabelo, com certeza pensando na guerra que está por vir.

— Uma carreta tombou bloqueando uma das duas saídas dessa porra de cidade — ele bufa e então algo passa por seus olhos antes dele continuar falando, e a forma como ele gagueja me faz ter vontade de rir. Daniel sempre foi péssimo mentindo, e isso só confirma que nada mudou — Não vão tirar hoje porque é véspera de Natal, e nem amanhã, porque bem, é Natal.

— Mas não tem duas? — faço a pergunta óbvia, porque fala sério, que tipo de cidade tem uma saída só? — Não tem duas saídas?

— Tem Camila. Mas eu estou cansado. *Morrendo* — ele respira fundo — Não consigo mais dirigir, e a outra saída está congestionada. Horas de trânsito porque isso aqui é rota para o litoral. Litoral e Natal, Camila. Tá todo mundo na estrada.

Não posso falar nada, porque eu não dirijo. E se ele está dirigindo sozinho, não tem como eu ficar brava com o cansaço dele, justo agora que eu tinha acabado de dormir um bom tanto enquanto ele continuava a dirigir. Talvez percebendo meu desconforto, ele continua:

— Amanhã cedinho a gente sai de novo, e eu fico quantas horas você quiser atrás daquele volante, debaixo do sol escaldante, do jeito que você quiser. Mas agora a gente pode entrar e descansar um pouco? É sério, *eu estou todo fodido aqui* e doido por um banho — a carga dramática que ele está impondo chega a ser exagerada, mas sei que não posso negar isso a ele, afinal, ele quem está me dando uma carona. Não estou em lugar de ficar criando caso.

— Tudo bem — eu digo, abrindo a porta do carro. Antes que eu saia, porém, eu volto meu rosto, apontando o dedo ameaçadoramente em sua cara — Mas chalés separados, está me ouvindo?

— Você está realmente querendo um milagre de natal, não é? — ele ri — Vai ser uma sorte do caramba se gente achar um, princesa. Dois já é demais — ele diz e me pega de surpresa que o *princesa* não saia com o tom debochado de sempre. Acho que é o cansaço falando.

Bufo e saio do carro, pisando duro e entrando na frente, com Daniel logo atrás de mim. Quando ouço sua risadinha, reviro os olhos.

Estava mesmo durando demais para ser verdade.



Entramos no saguão amplo do lugar, e eu fico impressionada como está lotado. Aparentemente, todos tiveram a mesma ideia que Daniel. Atrás de mim, ele faz um som de desagrado, o que me faz pensar que ele percebe o mesmo que eu. Quando paramos no balcão, uma simpática moça sorri para gente, com um uniforme simples, azul. O lugar cheira a limpeza, pinho e café. Uma mistura interessante, mas não propriamente desagradável.

— Boa noite — ela sorri abertamente para Daniel, e eu reviro os olhos. Porque todo mundo tem que ter essa reação idiota? São os olhos dele? Ou é esse sorriso irritante e doce que ele ostenta para onde quer que vá? Não se enganem, pobres almas desavisadas. Até o diabo era bonito, lembrem-se disso.

— A gente precisa de um chalé — ele diz e olha para os lados — Isso é, se você ainda tiver algum vago.

— Hoje está bem lotado mesmo — ela confirma o que eu já temia enquanto tecla sem parar, compenetrada na tela do computador — Tenho um só, e na verdade é de solteiro. Não é um chalé para casal, desculpem.

— Não somos um casal — falamos em uníssono, o que faz os olhos dela brilharem ainda mais, e a minha irritação cresce. Quando Daniel se vira para trás, me perguntando com os olhos o que fazer, eu apenas dou de ombros. Ele insiste, e sei que ele quer uma resposta, então eu reviro os olhos.

— Você está cansado, não está? Eu durmo no sofá, vai. Pega isso logo — puxo a minha bolsa para frente, pegando minha carteira, mas quando estendo meu cartão de crédito em sua direção, ele delicadamente empurra minha mão.

— Você não vai pagar o chalé. Deixa comigo.

— Você já está dirigindo, já pagou a gasolina, os pedágios. Deixa que eu pago pelo menos o chalé, Daniel — resmungo irritada com seu cavalheirismo fora de hora. Não estou acostumada com esse lado dele. Claro, eu o conheci quando éramos crianças, mas agora já adulto, é totalmente diferente e isso mexe comigo. Se sendo um babaca, ele já é toxicamente irresistível, sendo um cavalheiro é jogo sujo. Puta merda viu.

— Não, pode deixar — ele recusa mais uma vez.

— Por favor, Daniel? — eu insisto.

— Mila, pelo amor de Deus — ele fala distraído enquanto puxa a própria carteira da mochila, e sequer se toca de como me chamou. Meu coração para uma batida, e eu fico sem ar e sem palavras. Há mais de seis anos ele não me chama assim. *E meu Deus, só agora eu percebo o quanto senti falta* — O que foi? — ele aperta os olhos, sem se tocar de como me chamou. Não sei se fico triste por ele sequer ter se tocado do fato, ou feliz, por ter sido algo tão natural a ponto de ele nem perceber. Senhor, que dualidade de sensações.

— Nada não — eu guardo a carteira, ainda um pouco em choque e desisto de discutir. Não sei o que sentir, e por mais que minha cabeça grite para eu acordar para a vida, dizendo que isso foi apenas uma besteira sem importância, meu coração parece não concordar, porque continua batendo rápido e desesperado dentro do meu peito.

E tudo só piora quando ele toca de leve minha cintura, segundos depois, me indicando o caminho que a camareira nos indica, simplesmente porque *tudo o que Daniel toca, queima*.

E eu nunca quis tanto me queimar.

CAPÍTULO 06

ONDE HÁ FUMAÇA, HÁ FOGO.

Camila

O pequeno chalé é uma gracinha, e por mais que eu esteja com ódio dessa situação ridícula e ainda atordoada pelos últimos acontecimentos, eu devo admitir que é muito acolhedor. A área onde teoricamente é a sala de estar tem uma pequena cozinha conjugada com alguns móveis básicos, como micro-ondas e frigobar, e no fim do corredor, pela porta aberta do único quarto, é possível ver uma cama grande, porém de solteiro, como a recepcionista já tinha avisado. Espero que o sofá seja confortável, porque é nele que eu vou dormir. Só a ideia de dividir uma cama com Daniel me faz ter coceira — *e eu não disse onde.*

Humana, né mores? Eu tenho ódio nas veias, mas tenho hormônios no corpo também.

— E aí, princesa da Disney? Você acha que conseguimos ficar juntos, sei lá, por... — então o irritante olha no relógio de pulso — ...quinze horas sem derramar sangue ou fazer o outro chorar?

A ironia escorre das suas palavras e para no canto de sua boca em forma de um sorrisinho debochado. Mesmo que tudo dentro de mim me faça tremer como um pinscher carregado de ódio, o que mais me irrita nessa história toda é a aparente calma que Daniel demonstra.

Sento-me em um dos sofás, tirando o tênis, tentando ficar confortável.

— Porque todo esse tempo? — minha pergunta é real. São dez horas de viagem daqui até nossa casa, estamos andando há algumas, e ainda faltam quinze? Que matemática ruim da porra é essa?

— Porque eu preciso descansar, Camila. Eu to dirigindo desde as seis da manhã. E de qualquer forma, a carreta está lá — ele aponta para a frente com determinação e gagueja para falar, depois se vira, tentando desviar minha atenção.

Sempre mentiu tão mal, Daniel Ventura.

Esse desavisado que me pague. Eu estava semiacordada quando ouvi muito bem o guarda falar que em cinco horas a pista estaria liberada, então alguma coisa tem aí. Ou ele está realmente muito cansado, o que eu duvido, já que a viagem não é assim tão longa, ou ele está aprontando alguma. Meu instinto grita que é a segunda opção.

E eu vou descobrir o que é, nem que para isso eu tenha que leva-lo à loucura.

Abro minha bolsa, que eu levo a tiracolo, e tiro de lá uma lixa de unha, que eu começo a passar calmamente, enquanto assovio uma canção da Lady Gaga — porque ele pode muito bem mandar no rádio dele, mas na minha boca não! — e digo tranquila:

— Vou ficar bem quietinha, lixando as unhas, enquanto você descansa, prínceso.

— Afiando as garras você quer dizer né? — ele pergunta, me fazendo ter certeza de que os dois minutos inteiros de paz que tivemos acabaram rapidamente, enquanto tira a jaqueta, deslizando-a pelos ombros, de uma forma sexy demais para o meu juízo. O pior é saber que esse idiota sequer tem noção de como cada movimento seu é quase um pecado de se observar. O charme e a sensualidade dele são intrínsecos, e davam sinal desde o começo da adolescência, mesmo que ele nem fizesse ideia disso. É como se ele tivesse nascido para ser bom, simples assim. Sem treino, sem falsidade.

Apenas ele sendo ele.

— Exatamente — sorrio debochada, tentando afastar as sensações esquisitas em meu corpo — Nunca se sabe quando vai ser necessário enfiá-las no pescoço de algum idiota.

Ao invés de retrucar, ele ri como se realmente achasse graça no que eu falei. Daniel nunca achou graça de nada que saia da minha boca, e isso me faz estranhar a nova dinâmica que estamos tendo. Claro, a gente ainda se cutuca, se irrita, mas algo está diferente. Pelo menos da parte dele, algo está diferente. Só me resta saber o que ele pretende com isso.

Quando ele não diz nada, dou de ombros, mas sei que não ganhei essa parada. Daniel não fica quieto sem um motivo. Aquela cabecinha nunca para de maquinar maldades.

— Ué, vai ficar quieto? — cutuco.

— Se eu retruco, você reclama. Se eu não retruco, você reclama também. Tô começando a achar que você só gosta é de reclamar mesmo — ele joga a cabeça de lado, quase encostando em mim, seus olhos ganhando uma nota de diversão quando ele cutuca minha cintura com o dedo, fazendo cócegas — É tipo um fetiche?

— Peste — me limito a dizer enquanto bato em sua mão e ele ri.

— Eu sou um anjo, Camila.

— É mesmo. Lúcifer o nome.

A resposta não vem e ele ri de uma forma quase gostosa, como se estivesse se divertindo com isso, e então eu reparo que a única que ainda está levando nossas trocas de ofensa a sério sou eu. Para ele, tudo agora não passa de pura diversão.

Deus, não é para ele agir assim, porque sei que ele é capaz de desmontar minhas defesas dessa forma. Eu quero muito que ele diga algo grosseiro. Quero que ele diga algo rude e maldoso, para eu poder revidar. Para que eu saiba que ainda estamos no mesmo pé. Para tirar essa sensação sufocante de esperança de dentro de mim. Eu odeio essa sensação, porque sei que ela não leva a lugar algum.

Por que ele não faz isso? Aaaargh, esse homem me irrita até quando não está irritante.

Na verdade, ele está bem-humorado, com uma sobrancelha levantada, como se adivinhasse cada um dos meus pensamentos. Sento-me e quando ele sutilmente tira os tênis também e se joga ao meu lado, como se esperasse algo, sinto um calor arrepiante subir pelo meu corpo enquanto continuo ali, sem me mexer, como se estivesse criando raízes no sofá, lutando bravamente contra uma onda de desejo e uma raiva antiga e familiar.

Ficamos assim por alguns minutos; enquanto eu lixo minhas unhas mais do que deveria, ele apenas olha para os lados, como se descobrisse cada cantinho desse chalé. Daniel sempre foi observador, muito mais do que eu. Não me surpreende que ele sempre consiga decifrar minhas emoções muito antes de mim, apenas por olhar com cuidado para minhas feições. Daniel não só te olha com atenção. Ele te enxerga.

É um dom. Do mal, mas um dom.

Após algum tempo assim, sem me dizer nada, ele levanta e sai do chalé. Volta minutos depois, com nossas malas nas mãos. Coloca as duas em cima da cama, e quando eu estico o pescoço, ele se vira, dizendo:

— Achei que você pudesse precisar da sua. Sabe, para tomar banho e tal. Como eu não sabia do que você ia precisar, trouxe tudo.

Forço um sorriso, não por desagrado ou por mal, mas apenas porque sinceramente não sei mais como agir na presença dele. Não quero ser mal educada com alguém que está me fazendo algumas pequenas delicadezas; meus pais não me criaram para ser assim. Mas também não quero dar brecha para ele achar que tudo está bem, quando claramente não está. Na verdade, a cada minuto que passa, tudo piora. Minha mente está uma confusão. Meus sentimentos então, o puro caos.

— Obrigada — opto por dizer apenas isso. Agradecer, eu agradeceria até mesmo a um estranho por qualquer favor prestado. É melhor continuar na área segura, Camila.

Ficamos em silêncio por alguns segundos, e Daniel me olha uma ou duas vezes, parecendo querer dizer alguma coisa, mas depois simplesmente se vira, entrando no banheiro. Quando ele some da minha vista, consigo finalmente me afundar no sofá e respirar aliviada, como se só agora, houvesse ar suficiente.



Alguns minutos depois, que mais parecem uma eternidade, ele sai do chuveiro. Quando ele volta para onde estou, meus olhos cravam em seu corpo, porque ele simplesmente veste um short de jogar bola e um chinelo. *Nada além.*

Nenhuma camiseta à vista.

E por mais que eu brigue comigo mesma, enquanto ele está distraído verificando as mensagens no celular, eu olho atentamente para cada uma das suas tatuagens. Elas não conversam entre si, mas cada uma é bonita á sua maneira. No braço, ele tem um pavão com as asas coloridas, que sai do bíceps e vai até uma parte do peito. Não é grande nem espalhafatoso como se

esperaria de um pavão, pelo contrário, é bonito. Delicado, de um jeito quase poético. Se o que eu conheço de Daniel ainda estiver um pouquinho correto, provavelmente isso tem um significado importante. Aliás, todas devem ter.

Nas linhas em V de sua cintura, a palavra Freedom está tatuada no lado esquerdo, e no lado direito, com a mesma grafia, vem escrito Liberté.

Uau, alguém precisa provar que é livre.

Mas a mais impressionante, e também mais difícil de entender, é a que ele ostenta no meio do peito, entre os músculos do peitoral, na direção do coração. São números romanos, tenho certeza, mas como estão um embaixo do outro, a impressão que dá para quem olha rapidamente, é que eles formam uma costura ali, quase como pontos cirúrgicos. Sei que não tem nada embaixo delas, dá para ver claramente, e quando eu tento colocar minha cabeça para funcionar, tentando recordar as aulas de matemática e os abençoados números romanos, ele pigarreia, roubando minha atenção para seu rosto.

— Tudo bem aí? — seu risinho convencido não passa despercebido por mim, então decido ser sincera. Ele não pode me julgar por tentar entender algo que ele ostenta, literalmente, no meio do peito. Com certeza não sou a primeira nem serei a única curiosa com isso.

— São números romanos? — aponto seu peito e ele baixa o olhar para si mesmo. Parece que toma um susto, como se lembrasse de alguma coisa.

— São — ele limpa a garganta e se vira de costas, procurando uma camiseta, imediatamente. Ele está claramente afetado por esse momento, e eu não consigo entender o motivo.

— E o que significam? Uma data? — insisto e chuto, porque é a única coisa que passa por minha cabeça.

— É uma bobagem, esquece isso — ele diz, taxativo e dessa vez eu decido recuar, porque é obvio que minha pergunta o *incomodou mesmo*. Penso em procurar no Google mais tarde, mas antes que eu consiga fazer isso, ele desliza a camiseta por seu tronco, bloqueando minha visão parcialmente antes de eu decorar os desenhos. Digo parcialmente, porque a barra se enrola quase em sua cintura, deixando em evidencia a cicatriz que ele sempre odiou, da cirurgia de apêndice, anos atrás.

— Você não a cobriu — antes que eu sequer pense no que estou dizendo,

a afirmação pula da minha boca, como se as palavras quisessem se libertar. Primeiro ele aperta os olhos, sem entender a que me refiro, mas então ele abaixa a cabeça e vê exatamente onde meu olhar está preso, se ligando no mesmo minuto que é dela que estou falando.

— Não cobri — ele suspira — Algumas vezes pensei nisso. Até quis. Mas aprendi que cobrir nossas cicatrizes não faz com que a história delas mude, *nem que doa menos.*

Dessa vez, eu quem engulo em seco, quando me pego concordando com ele, a cabeça lentamente indo para cima e para baixo, em um consentimento silencioso. Quando o assunto morre mais uma vez e o estranhamento outra vez se instala, sinto a tensão no ar, e então, sem me deixar pensar muito sobre isso, levanto, abrindo minha mala e pegando minha toalha em silêncio.

Quem agora precisa de água fria na cabeça sou eu.



Você o odeia, Camila – murmuro, em uma tentativa bastante boba e igualmente inútil de tirar as imagens de seu peito musculoso e de suas tatuagens bem feitas da cabeça. Não é que eu nunca tenha achado Daniel bonito. Não, pelo contrário. Mesmo depois de toda mágoa que meu coração adolescente criou, eu ainda o achava lindo, talvez o mais lindo de todos. O cabelo louro escuro, quase castanho, combinava com o tom de sua pele. Seus olhos pareciam o mar, e não era só pela cor; não mesmo. Eles eram tão convidativos, inebriantes e profundos quanto as ondas, e ironicamente, combinavam com as covinhas em sua bochecha e com a boca fina, que sempre sorria de um lado só, com uma leve maldade. Era o conjunto perfeito da obra.

E quando ele cresceu, eu passei a achar ele mais do que apenas bonito.

Eu o achava sexy.

Tinha consciência de como seu corpo tinha mudado. Quando ninguém estava olhando, eu reparava em como seu sorriso estava cada dia mais charmoso. E mesmo quando eu não queria, nas reuniões familiares que eram frequentes, sua risada rouca e grossa, a risada de um homem já feito, se

instalava em meu sistema e ecoava dentro de mim por horas e horas, às vezes, madrugadas a dentro, me fazendo perder o sono. Vi seu corpo se transformar ano após ano, e nas poucas vezes que ele ficava sem camisa perto de mim, meu subconsciente traidor conseguia identificar cada novo músculo que surgia em seu tanquinho. As tatuagens, porém, vieram depois que ele entrou pra faculdade, e agora eu sinceramente não sei se foi algo bom eu tê-las visto.

Porque meu Deus, elas conseguiram fazer o que era bom, ficar ainda melhor.

Ligo o chuveiro e vou tirando a roupa, tentando arrancar junto com elas essa sensação de desejo de dentro de mim. Saber que ele está lá fora, esparramado em uma cama, enquanto eu estou há uma parede de distância, completamente nua, me faz imaginar cenários que eu não posso sequer cogitar trazer para a vida real.

Enfio-me debaixo do chuveiro, e quando a água morna toca meu corpo, ergo o rosto, implorando para ela lavar essa confusão que estou sentindo. O cheiro dele toma conta de tudo, inundando esse banheiro, graças à barra de sabonete masculino que foi recém-usada e está aqui, ao meu lado, apenas para me lembrar a fraca que sou.

Olho em volta e percebo que com a pressa de me enfiar no banheiro, não peguei meus produtos de higiene. Bufo, irritada com a minha burrice, mas principalmente com o que terei de fazer. Já molhei o cabelo, agora preciso de qualquer jeito passar condicionador, senão ele vai virar uma vassoura de piaçava.

Ando pelo banheiro na ponta dos pés, como se isso fosse me impedir de molhar todo o chão. Destranco a porta, e protegendo minha nudez atrás dela, enfio apenas minha cabeça no vão, chamando Daniel.

— Daniel — tento primeiramente falar baixo, mas como ele não escuta, eu aumento um pouco o tom, deixando seu nome sair mais alto — Daniel!

Não surte efeito, e eu penso que talvez ele já esteja dormindo, então limpo a garganta e tento mais uma vez, dessa vez gritando:

— Daniiiiieeeeeel! — um segundo depois, ele aparece em meu campo de visão, sorrindo diabolicamente, o que me faz entender que ele tinha ouvido desde a primeira vez. *Mas não é um maldito?*

— Pelada e gritando meu nome. Quem te viu e quem te vê, Camilinha.

— Você é um babaca — digo o que não é mais novidade.

— E você pelo jeito precisa de um favor. Esqueceu a toalha, princesa?

Reviro os olhos.

— Preciso da minha necessária.

— E porque você imagina que eu saiba o que raios é isso? — sua sobrançelha se ergue, formando um arco de dúvida perfeito, quase me fazendo rir. *Eu disse quase.*

— É uma bolsinha pequena, branca com florezinhas. Minhas coisas de higiene estão lá dentro — aponto meu dedo para onde fica a cama — Está dentro da mochila preta, você pode pegar para mim? — engulo em seco, fazendo o que eu mais odeio — Por favor?

Ele sorri de lado.

— Claro — quando vira as costas, eu o chamo novamente.

— E uma toalha, por favor — dou um sorriso amarelo e ergo dois dedos da mão, balançando-os inocentemente — Peguei uma, mas preciso de outra. Para o cabelo.

Ele revira os olhos e vai. Um segundo depois, o vejo voltar com as toalhas no ombro, mas com minha bolsinha aberta, enquanto ele analisa criteriosamente tudo o que está lá dentro.

Mas que abusado do caralho.

— Ô, invasão de privacidade. Fecha isso e me dá, anda logo.

Ele finge que não ouviu uma palavra sequer do que eu disse, e continua remexendo. Então, como se não bastasse, ele decide falar em voz alta item por item.

— Pílula Anticoncepcional... — ele ergue os olhos para mim e há uma leve irritação ali, mas não sei por que e ele desanda a falar, como se estivesse nervoso ou como se tivesse engolido uma vitrola — Você não precisa disso, aliás. *Não transar* é o melhor método contraceptivo. Use esse. E você sabe que pílulas não protegem contra as doenças sexualmente transmissíveis, não sabe?

Claro que eu sei imbecil. Estou fazendo medicina de alegre, por acaso? — penso isso, mas não respondo. Ele não precisa saber que tomo as pílulas para controlar meu fluxo menstrual, muito menos precisa saber que eu não transo há meses. Com certeza criaram-se teias de aranha lá embaixo.

— Sabonete íntimo de morango — sua expressão volta a ficar leve e sua língua passa pelos lábios e tudo em mim queima, principalmente com o comentário que vem a seguir — Nossa, meu reino para saber que gosto isso tem...

— Não é bala, idiota. É sabonete. Não é de comer.

Então ele ergue o rosto e eu vejo a maldade cintilando em seus olhos. Não preciso de mais do que um segundo para entender o que ele quis dizer com isso, e puta que pariu, meu rosto pega fogo.

— Daniel, chega. Me dá isso — eu digo, começando a ficar irritada. Mais comigo do que com ele, na verdade.

Quando ele me entrega junto com as toalhas, rindo da minha expressão de vergonha, eu quero matá-lo.

— Precisa de ajuda com mais alguma coisa, Camila? — não é uma pergunta séria e eu sei disso porque seus olhos ardem entre deboche e malícia — Quer que eu te dê banho também? Esfregue suas costas? Quem sabe te explicar como dá para sentir o gosto do sabonete... Porque eu posso fazer isso — O maldito está me provocando, e o pior, meu corpo está correspondendo. Traidor de uma figa!

— Nem que você fosse o último homem do planeta — sorrio, construindo um muro impenetrável de sarcasmo em meu rosto, mas só eu sei como lá embaixo, minhas partes dizem outra coisa completamente diferente.

— Se eu fosse o último homem da terra, nós teríamos que repovoar ela, princesa. Sem escolha para você — ele pisca e sorri, mas eu tiro o sorrisinho da sua cara em menos de um segundo e é na minha cara que ele vem parar.

— Você ia morrer seco e sozinho, com seu pau na mão — mostro a língua — E a terra se acabaria, ô adão de quinta categoria.

Antes que ele consiga responder, bato a porta com força em sua cara, me lembrando de todas as coisas ruins que ele já fez comigo. Todas as vezes que me fez chorar. Pior: todas as vezes que eu quis chorar no colo dele, e não o

tinha mais.

Você o odeia, Camila. Foco!

Você. O. Odeia.

Fecho os olhos, travando o maxilar e repetindo esse mantra em minha mente, sem parar.

O problema, na verdade, é que estou começando a me perguntar se realmente acredito nisso.

Capítulo 07

CÃO QUE LADRA NÃO MORDE

Daniel

Quando volto para o quarto, solto a respiração que estou prendendo. Puta merda, ela estava ali, nua, falando comigo. E agora minha mente desgraçada não para de pensar no maldito sabonete de morango e nela há apenas um cômodo de mim, completamente pelada debaixo da água.

Jogo-me na cama, colocando um travesseiro por cima da cabeça, tentando sufocar o desejo que sinto de entrar em Camila e fode-la de todas as formas possíveis, e eu nem estou falando só sexualmente; quero foder o psicológico dessa menina, fazê-la jamais desejar outro cara; quero possuir seu corpo e sua alma, seus sonhos, seus desejos. Quero ser sua alegria, sua tristeza, tudo.

Não se trata só de sexo, de jeito nenhum.

Meu pau está duro, é inevitável, mas minha cabeça tá uma bagunça ainda maior que meus hormônios. Ela insiste em dizer para eu ir em frente; para eu criar coragem e dizer tudo o que eu sinto. Acabar com isso de uma vez.

Por que, porra, meu corpo quer ela sim, mas meu coração quer muito mais.

Meu Deus, que piegas. É isso que o amor faz com a gente?

Antes que eu consiga continuar me analisando como se estivesse na droga da terapia, a porta do banheiro se abre e Camila sai de lá enrolada em uma toalha. Seu cabelo molhado deixa seu rosto fino ainda mais em evidência, e puta merda, ou ela ficou ainda mais bonita nas ultimas vinte e quatro horas, ou tem algo de muito errado comigo, porque simplesmente não consigo parar de olhar para ela. Mesmo com a expressão fulminante, ainda consegue ser a menina mais bonita que eu já coloquei a droga dos meus olhos.

— Quer que eu saia? — digo, depois de me virar de costas para ela, respeitando o fato de ela estar vestindo nada. Posso estar afim da garota,

posso desejar olhar cada mínimo pedacinho de seu corpo, vasculhar cada centímetro não só com o olhar, mas jamais sem seu consentimento.

— Não precisa... — sua voz vacila — Se você ficar de costas já está bom.

Faço o que ela me pede, e espero ela terminar de vestir toda a roupa. Quando finalmente tenho permissão para virar, vejo que seu olhar ainda é ameaçador para cima de mim. No instante em que nossos olhos se encontram, nós sustentamos o momento por alguns segundos, tempo suficiente para minha mente viajar e ir para longe, muito longe da realidade. Tempo suficiente para me fazer imaginar o que seria ter intimidade com ela. Imaginar ela me olhando com esses olhos expressivos e lábios carnudos enquanto me afundo em seu corpo esguio.

Eu começaria devagar, saboreando cada mínimo pedaço de sua pele, aproveitando cada segundo, mas depois eu a deixaria conduzir o ritmo, apenas para descobrir se ela é doce e romântica, ou faminta e selvagem. Será que ela abandonaria, em algum momento, a personagem que me odeia com tudo de si, ou ela sempre estaria lá, como um lembrete de que ela nunca vai me perdoar e esquecer totalmente nosso passado, mesmo ele parecendo tão distante e infantil? Porque essa é a verdade: quando começamos com isso, tínhamos um motivo que condizia com nossa idade, mas agora, qual é a nossa desculpa? Nenhuma, afinal. Nós apenas seguimos com o jogo sem parar para pensar o quão ridículo isso tudo se tornou.

Afasto os pensamentos da minha mente antes que meu amigo lá embaixo comece a dar sinal, e então coloco um travesseiro sobre a cabeça, sabendo que preciso dormir para

descansar meu corpo e acalmar meu espírito, antes que eu faça uma bobagem da qual me arrependerei para o resto da vida.

Mais uma vez.



Acordo umas três horas depois, e por alguns segundos, tento me localizar e lembrar-me de onde eu estou. Quando me viro para o lado, vejo Camila encolhida no canto do sofá, com um livro aberto na cara e uma manta jogada aos pés. Tem uma leve brisa por trás das janelas fechadas, indicando chuva, mas nada demais. O clima ainda é calor. Camila é que sempre foi friorenta mesmo.

— Podia ter deitado aqui, é mais confortável e a cama é enorme — digo, mesmo sabendo que é inútil. Ela com certeza iria preferir que o corpo pegasse fogo em combustão espontânea do que se deitar ao meu lado por conta própria.

— Aqui está bom — ela se limita a dizer, mas quando eu acho que vai acabar por aí, ela me surpreende — *Mas obrigada.*

Depois de ver as horas em meu celular, desço da cama, calçando os chinelos, sentindo um gostinho bobo de vitória no peito. Verifico pelas janelas que já está escuro e vou até o espelho do lavabo. Passo as mãos nos cabelos, “penteando” daquele jeito bagunçado que eu tanto gosto, e me viro para ela, tentando soar casual. Talvez se eu mudasse a tática, as coisas melhorariam entre nós naturalmente.

— Tá com fome? — digo, mas sei que é uma pergunta idiota. *Camila sempre tá com fome.* Enquanto muitos por aí não conseguem chupar uma simples bala por medo de perder o apetite, Camila é do tipo que consegue jantar depois de jantar.

Com ela não tem tempo ruim.

— Um pouco — seu nariz franze quando ela abaixa o livro para me olhar — A gente só comeu porcaria o caminho todo — é, meu Jeep que o diga. Todo cheio de farelo de biscoito de polvilho.

— Então vem, vamos jantar. Pelo que diz no aviso da porta, a cozinha do chalé já está aberta. Podemos pedir algum prato.

Ela parece surpresa pelo convite, mas quem pode culpa-la? Eu que não.

— Jantar? Juntos? — sua dúvida sai engasgada, mas ela não parece irritada ou brava. Apenas mortalmente confusa.

— É Camila, anda vai. *Eu não mordo* — então eu faço algo novo: eu estendo a mão para ela. Depois de olhar alguns segundos fixamente para ela, Camila decide ir pelo caminho que eu jamais imaginaria que ela fosse: ela aceita. Quando seus dedos pousam nos meus, sinto o calor se irradiar por todo o meu corpo, e então eu a puxo do sofá com um pouquinho mais de força, até seu corpo pequeno quase colidir com o meu. Quando enlaço sua cintura com minha outra mão para lhe dar firmeza ao ficar de pé, sorrio com maldade, sem conseguir calar o idiota que tenho preso dentro de mim — *Bom, a não ser que você peça.*



Espero Camila colocar um suéter porque, como eu disse, ela está sempre com frio, e descemos. Vou na frente, descendo as escadas e ela vem logo atrás, braços cruzados sobre os seios e com a toca da blusa por cima da cabeça, cobrindo parcialmente seu cabelo que eu acho lindo. A cor é diferente de tudo porque é natural. Não me lembro de nenhuma vez tê-la visto com as mechas tingidas; não é loiro, mas não chega a ser castanho, porque é mais claro do que isso. É como um louco escuro caramelizado. Seu cabelo tem cor de mel. Será que isso sequer existe?

Quando finalmente atravessamos o campo onde os chalés estão e chegamos ao restaurante, arrasto uma cadeira para ela se sentar, e sorrio ao finalmente reparar atentamente em cada detalhe seu. Diferente da maioria das meninas que eu conheço, ela não fez questão de colocar uma sandália, ou sequer um tênis. Está de meias brancas com desenhos de Homer Simpson e os pés estão confortavelmente enfiados em um chinelo de dedo. Sua calça jeans skinny é azul escura, sem qualquer detalhe ou floreio. A única coisa é um pingente de ouro que ela carrega no pescoço desde o Natal de três anos atrás, e as unhas perfeitamente pintadas de azul escuro.

— Uau, alguém é rebelde — sorrio e aceno com a cabeça em direção à suas unhas coloridas e então ela sai da sua bolha de quietude. Olha para os próprios dedos, como se os analisando, depois dá de ombros.

— Aproveito agora, porque quando eu for médica, vai ser difícil usar unhas compridas e coloridas, não é? Elas não vão combinar com meu jaleco — ela dá um sorrisinho animado ao enfatizar a palavra jaleco.

— Você está realmente ansiosa para esse dia chegar, não? — pergunto, mesmo já tendo minha resposta. Diferente de mim, Camila sonha em ser médica. Esse é seu dom real.

— Literalmente, contando os dias — ela puxa o celular do bolso da calça jeans, mexe em alguns botões e ergue o aparelho, me mostrando um calendário. Nele mostra todos os dias que ainda faltam para sua formatura, isso se ela não reprovar em nenhuma matéria. É por isso que ela estava tão desesperada em sair bem na prova de Imunologia. Ela tem todo o seu destino desenhado. Está tudo sob seu controle.

— Você tem realmente tudo planejado — concluo. Um sentimento incomodo me bate quando me toco de que provavelmente, eu nunca farei parte de seus planos.

— Não tudo — ela guarda o celular, então abre o cardápio, analisando as opções — Mas meu futuro profissional, com certeza — completa, ainda com o olho grudado nas fotos de diferentes tipos de comida. Então ergue o dedo, e um garçom vem até nós — Quero um stroganoff de frango com arroz, batata frita, essa salada de tomate cereja e uma água com limão — e então sorri, plena, como se tivesse pedida apenas uma entradinha de salada. Sorrio, encantado, porque eu adoro isso nela.

O garçom se vira para mim.

— O mesmo para você, jovem? Quando vocês pedem pratos iguais, ganham uma sobremesa por conta do hotel — ele sorri, mas antes que eu abra a boca, ela entra na conversa:

— Tem cogumelo no molho, Daniel — meu coração vem bater direto em minha garganta quando me surpreendo com sua observação. Tantos anos e ela ainda sabe o que eu posso e não posso comer por causa dessa minha alergia maldita?

— Desculpe, eu sou alérgico a cogumelos — devolvo o cardápio para ele e completo — Pode ser um filé à parmegianna no lugar do stroganoff e o resto igual ao dela, por favor, obrigado.

Espero ele sair e então me viro para Camila, que distraidamente mexe no celular.

— Obrigado — é a única coisa que consigo dizer — Eu não tinha lido os ingredientes.

Ela dá de ombros.

— A gente tem nossas diferenças... Mas eu não quero que você morra, tá legal? — ela dá uma risadinha, mas quando vê que minha expressão séria não muda, apenas diz, suavemente — Não foi nada demais, Daniel.

Concordo em silêncio e assim ficamos pelos próximos minutos. Nenhum assunto, nada que eu consiga prolongar o bom momento que estamos tendo desde que eu acordei. Quando nossos pedidos finalmente chegam, nos apressamos a comer, como se os dois quisessem apenas se livrar do constrangimento desse momento esquisito.

E mais uma vez, me sinto como um ratinho na roda de exercícios: *caminhando sem parar para lugar nenhum.*



Depois que terminamos de jantar, andamos de volta em direção ao nosso chalé. Para isso, passamos pelo meio do saguão principal, onde tem sofás, tevês, e uma sala de jogos anexa no canto esquerdo. Mesa de bilhar, cartas e

um espaço para dardos também. Noto que esse canto está vazio e uma ideia doida me vem à cabeça.

— Ei, Camila, vamos jogar dardos? — digo esperançoso, mas ela me olha como se estivesse vendo um ET.

— Hum, não? — suas sobrancelhas se erguem tanto, que quase se juntam ao cabelo — Nós jantamos juntos, mas não somos amigos que jogam dardos... ou seja lá o que mais.

Merda, eu sabia que ela ia recusar. Decido ir pelo lado mais óbvio: o da provocação.

— Tá com medo de perder, né? — rio, provocativo — Em todos esses anos, suas habilidades não melhoraram nadinha? — cutuco, porque sei o quanto ela pode ser competitiva e orgulhosa. Estou pegando em seu ponto fraco, e sei disso.

— Eu só não quero jogar com você, fim de papo.

— Pó... Póóó... Pópó — começo a falar e bater os braços discretamente, como se fosse uma galinha.

— O que porra você está fazendo, Daniel? — ela cruza os dois braços em frente ao corpo e bufa, irritada, enquanto estaca em meio ao salão — Você não cansa de ser ridículo?

— *Franguinha, tá com medo* — cantarolo e ela revira os olhos — Vamos lá, eu estou entediado. Nós não precisamos ser amigos, a gente só precisa jogar para eu te massacrar e ficar feliz — insisto, sabendo que estou quase lá. Ela não vai suportar tanto tempo.

— Pelo amor de Deus, não me enche Daniel — ela tenta passar, exasperada, mas eu pulo na frente dela novamente e dou meu melhor sorriso de convencimento.

— E quando eu não te encho? — ela cruza os braços, me analisando.

— Você tem um ponto.

— Eu tenho sim — puxo uma mecha de seu cabelo de levinho e por um segundo, sinto que tenho quinze anos novamente — Tá bom, vamos fazer um acordo. A gente joga três partidas. Quem vencer duas de três, tem direito de pedir qualquer coisa para o outro — vejo um certo brilho nascer em seu

olhar, e a curiosidade toma o lugar da exasperação.

— Qualquer coisa? — ela se certifica.

— Qualquer uma. Se você quiser que eu corra pelado apertando as campainhas dos chalés, eu corro — digo, mas em seguida me arrependo. É a cara dela me pedir isso, essa aprendiz de capiroto — Mas por favor, não queira isso.

— Tudo bem, vamos jogar — ela bate as mãos em meu peito, abrindo caminho até os dardos, e eu vou atrás, *confiante de que essa noite vai ser melhor do que eu pensei*.



— Anda logo, Camila. Eu já estou com cem anos aqui — passo a mão pela testa, pensando seriamente se não deveria ter escolhido outro jogo. Bom, não deveria, porque meu objetivo sempre foi ganhar e se tem uma coisa em que essa garota é ruim, é na mira. Meu Deus, não acerta uma nem que a vida dela dependa disso.

Quando ela erra mais uma vez, vou até o quadro e tiro o único dardo grudado lá, e me abaixo para pegar todos os outros do chão, enquanto ela resmunga como uma velha rabugenta de oitenta anos.

— Observe e aprenda — eu pisco, e depois de alguns segundos mirando o círculo pendurado ali, eu jogo com maestria, bem no centro do alvo. Faço isso mais algumas vezes, sendo bem rápido.

— Você tá roubando! — ela esbraveja quando meu último dardo acerta o alvo facilmente, derrotando-a de vez. De três partidas, ganhei as três.

— Roubando meu ovo, Camila, nem tem como roubar nisso! Larga mão de ser chorona — faço cócegas em sua cintura e ela se desvencilha rapidamente, como se meu toque queimasse. A verdade é que queima mesmo. Queima em mim também. Toda vez que toco no corpo dela, o meu pega fogo por dentro, mas preciso disfarçar até o momento certo de dar mais um passo, então eu digo — Você que é ruim demais, isso sim.

Ela sai andando na frente, mas eu dou uma corridinha até alcança-la e parar ao seu lado. Coloco as mãos no bolso, enquanto ela continua bufando

de raiva, e antes que ela atravessasse o campo para subir as escadas, eu a detenho, segurando seu pulso.

— Espera aí, espera aí. Nós fizemos uma aposta, não dá uma de desentendida não. Quem perdesse, tinha que fazer qualquer coisa que o outro quisesse, lembra?

— Isso é besteira— ela arqueia a sobrancelha e eu dou um sorriso de canto, enquanto balanço a cabeça em negativo — Você está falando sério?

— Seriíssimo. Se eu tivesse perdido, tenho certeza que a essa hora já estaria correndo pelado por esses corredores enquanto você estaria filmando e colocando na internet. Então, o bom senso me pede para cobrar o que me é de direito.

— E o que você quer? — não respondo nada, apenas ergo o dedo indicando para que ela espere ali. Afasto-me até o balcão do restaurante, e peço uma garrafa de tequila. Quando me viro para ela e ergo a garrafa com uma risada, seu queixo cai e ela me olha desconfiada.

— Daniel, para que isso? — ela aponta a garrafa, indignada.

— Não é óbvio Camila? — dou um sorriso malvado antes de dizer algo que tira seu fôlego — Eu preciso de algumas respostas. Vamos jogar *Verdade ou Consequência*.

— Que ridículo. Isso é tão quinta série. Eu me recuso.

E nem dá para tirar a razão dela, realmente é muito quinta série. Mas eu sei que ela não vai conversar comigo por vontade própria, então eu tenho que jogar sujo, e espero, de todo coração, que os fins justifiquem os meios.

— Que seja. E você não pode se recusar. Ainda tem que pagar a aposta — sou enfático, porque se eu ouvir a razão por um segundo que seja, desisto dessa idiotice.

— E onde a tequila entra nisso? — sua sobrancelha se arqueia daquela forma que eu adoro, entre curiosa e atrevida.

Enquanto a vejo prender a respiração, o canto da minha boca sobe diabolicamente.

— *Ué, ela é a consequência.*

CAPÍTULO 08

DE BOAS INTENÇÕES O INFERNO ESTÁ CHEIO

Camila

— Então vamos lá. Esse vai ser um jogo diferente — ele diz enquanto tira a jaqueta, jogando-a sobre a cama. É impossível não reparar em como seus bíceps colados às mangas da camiseta branca ficam incrivelmente deliciosos. Também é difícil esquivar o olhar e fingir que o sorriso que ele está dando agora, animado com esse jogo estúpido não é a coisa mais linda do mundo. Porque é. Deus sabe que é.

O sorriso de Daniel Ventura é capaz de desmontar pessoas e derrubar calcinhas — *não exatamente nessa ordem* — e eu não preciso ama-lo para assumir que ele é bonito.

Lindo, na verdade.

Adversa, mas não cega. É isso que eu sou.

Ele posiciona a garrafa de pé no meio do quarto, no chão de madeira e se senta na frente dela, depois indica o espaço vazio, para que eu me sente também. Resmungo, mas vou, porque eu pago minhas apostas. Sou uma pessoa de palavra. E bem, a curiosidade está me matando. Daniel disse que queria respostas. *Que tipo de respostas?*

— Como estamos só em dois, não vamos precisar girar a garrafa. Primeiro a gente faz a pergunta e depois o outro escolhe se quer responder ou se quer a consequência, que como sabemos, é uma dose de tequila — ele bate o pequeno copinho que eu sequer o tinha visto pegar, no chão, ao lado da garrafa.

— A intenção é um coma alcoólico? — pergunto estupefata. É claro que uma boa ideia não iria sair da cabeça de coco de pulga dessa criatura.

— A intenção é conversar, cacete. Já que não fazemos isso pelos meios normais, vamos fazer assim — quando me preparo para questionar o que ele está querendo dizer com isso, ele balança a mão e completa — Você perdeu a aposta. Pague.

Suspiro, derrotada.

— Tudo bem, vai — quando eu digo isso, ele sorri e se levanta, indo até sua mala. De lá, tira um pacotinho e joga para mim.

— Pensa rápido, princesa — graças a Deus tenho um bom reflexo e pego no ar. Quando finalmente olho o que tenho nas mãos, vejo que é um pacotinho de amendoins. Os meus preferidos.

— Qual é a dos amendoins? Eles fazem parte do jogo? — pergunto, sem entender nada.

— Hum, não. São só amendoins.

— Então porque você jogou para mim? — continuo sem entender, mas minhas mãos automaticamente já fazem o caminho para abrir o pacotinho. Deus, poucas coisas no mundo eu amo mais do que amendoim.

— E você ainda pergunta? — ele dá uma risadinha, apontando minhas mãos, e eu estaco — Pode abrir. Respondendo sua pergunta, eu só peguei porque sei que você gosta. Só isso.

Sinto meu rosto se aquecer e sei que estou corando. Tenho certeza disso.

— O...Obrigada — a palavra quase não sai. Se eu puxar em minha mente, sei que consigo achar pelo menos dez gentilezas que Daniel fez para mim desde que nos reencontramos na faculdade. *Estranho*.

Mas o fato de ser estranho não me faz pensar mais do que uma vez antes de terminar de abrir o pacotinho e jogar alguns amendoins na boca. Por eles, eu perco a dignidade.

Daniel se senta na minha frente, e quando me vê já mastigando, dá um largo sorriso. Depois, serve uma dose generosa de tequila e deixa ali no meio, pronta para nosso jogo idiota.

— Quem começa? Como eu sou um cavalheiro, deixo você escolher — seu olhar é enigmático, e eu penso por alguns segundos, antes de decidir.

— Eu começo, já que estou sendo... — engasgo com uma casquinha do maldito amendoim e bato com a mão fechada no peito, usando a velha técnica que faculdade de medicina nenhuma me ensinaria. Quando consigo desengasgar, joga outro punhadinho na boca e continuo —... *já que estou sendo obrigada a isso*.

— Primeiro fecha essa boca. Vai falar de boca cheia, ô maloqueira? — ele fala de um jeito engraçado e por incrível que pareça, eu rio. Sim, uma risada saiu de mim por algo que ele falou. É que surpreendentemente, ele falou de uma forma fofa, como velhos amigos falaria um para o outro, e não como um idiota me pentelhando, como é de costume. Não foi para alfinetar, foi quase como se ele estivesse preocupado que eu engasgasse de novo.

— Me obrigue.

Quando ele começa a engatinhar em minha direção para tomar o pacotinho de amendoins, eu o coloco atrás das costas de forma protetora e me afasto, rindo.

— Meus preciosos, não toque. Tá bom, vai para lá. Vou começar.

Ele se dá por satisfeito e então volta para o seu lugar, enquanto penso seriamente no que perguntar. São tantas perguntas, tantas, e ao mesmo tempo, sinto que nada mais da nossa antiga amizade deve ser mexida, então eu as calo. Respiro fundo, e então uma dúvida genuína vem à minha mente.

— Verdade ou consequência?

— Primeiro você deveria fazer a pergunta, como eu expliquei. Mas eu não tenho medo de nada, então verdade, sempre — ele diz sério.

— Não é assim que a brincadeira funciona.

— A nossa é diferente, eu te expliquei — ele diz e eu me lembro.

— Porque é diferente? — pergunto, pentelhando.

— Porque meu jogo, minhas regras. Agora anda logo.

Então me toco de que na verdade, ele está me dando escolha de escolher responder a pergunta somente depois de saber qual é. O filho da mãe está tentando me deixar confortável ou bêbada? Eis a questão.

— Porque você está sendo legal comigo? Digo, nesses últimos dias, você tem feito gentilezas. Porque, Daniel? Você me odeia.

Ele parece pensativo, então suspira.

— Primeiro, que eu não te odeio — vejo seu pomo de adão subir e descer enquanto ele engole em seco — E respondendo sua pergunta, ser um babaca sempre às vezes cansa, Camila.

E é isso. É a única coisa que ele me responde. Mas foi o bastante para fazer minha cabeça girar ao ouvir “eu não te odeio”.

— Como assim não me odeia? — eu retruco, sentindo meu sangue ferver. Por que raios ele me infernizou por tanto tempo, se não por ódio?

— Você já fez sua pergunta, a próxima rodada é minha — ele diz, um pouco abalado pela minha reação.

— Tudo bem — concordo, porque não há outra coisa a se fazer, de qualquer forma.

— Você realmente me odeia? — suas palavras saem lentas, quase como se ele estivesse tomando cuidado ao pronunciá-las — Verdade ou consequência?

Teoricamente, essa deveria ser fácil. A resposta para essa pergunta deveria sair da minha boca na velocidade da luz, mas não é bem assim. Olho para ele, analiso os detalhes de seu rosto, relembro a covinha que sempre se abria no cantinho de sua boca toda vez que ele sorria para mim quando éramos menores, e a verdade é que não, eu não odeio. Por um tempo eu até acreditei nisso. Na verdade, lutei para acreditar, lutei para realmente odiar. Mas não é e nunca foi ódio. Foi orgulho ferido. Sensação de rejeição. Amor adolescente não correspondido. Coisas que todo mundo passa e continua vivo, porque assim é a vida. O problema é que a dor maior veio do fato de que eu cresci achando que podíamos ser tudo um para o outro. Houve um tempo, na minha infância, que eu achei que nunca nada poderia me machucar porque ele sempre estaria ali para me proteger e no fim das contas quem me machucou foi ele mesmo, então eu não vou assumir tão fácil que Erico Veríssimo sempre esteve certo ao dizer que o amor está mais perto do ódio do que nós podemos supor. Porque o oposto do amor é a indiferença, não o ódio. E se tem algo que eu nunca fui a Daniel, é indiferente. Só Deus sabe quantas vezes eu chorei no meu travesseiro imaginando como esses anos poderiam ter sido diferentes se eu ainda estivesse ele ao meu lado, porque não tê-lo nunca se apresentou como uma opção para mim até acontecer.

— E aí, Camila. Verdade ou consequência? — eu poderia dizer que não. Seria apenas uma palavra, sem maiores explicações como ele mesmo fez. Mas eu não vou admitir isso porque sei o que essa palavrinha de três letras pode fazer comigo se eu a pronunciar.

— Consequência — pego o copinho de tequila, respiro fundo sem pensar muito, e viro de uma vez. O líquido arde em minha garganta, desce rasgando como fogo, mas eu controlo a careta e finjo costume.

— Uau — ele parece quase magoado — Você me odeia tanto que nem consegue falar sobre isso?

— Não é a sua vez de fazer perguntas — eu digo, cortando de vez seu teatrinho barato. Ele está tentando me convencer do que? Que nada mudou? Que continuamos iguais? Foram seis anos, não seis meses, não seis dias. O beijo não é mais o problema há muito tempo. O problema foi todas as vezes que ele me cortou na hora de falar à mesa. Todas as vezes que ele apontou alguma coisa que eu odeio em mim, de forma maldosa, na frente dos outros. Todas as vezes que ele me fez duvidar de que eu era boa em algo por causa de suas palavras. De todas as vezes, que eu olhei fundo em seus olhos buscando algo, e ele os desviou, porque não conseguia sequer sustentar meu olhar. Os problemas foram as palavras, as risadas, as atitudes, os apelidos, e as vezes que eu passei por ele como se fosse invisível. E agora eu só consigo ver uma coisa: construímos um abismo tão gigantesco entre nós dois que eu não acho que seja mais capaz de voltarmos a sermos próximos.

Pequenas coisinhas viraram grandes ao final de tudo.

— Meu Deus, como você é rancorosa — ele fala com um quê de dúvida sobre a própria afirmação. Tanto eu quanto ele sabemos a verdade, no entanto. Não sou rancorosa. Eu apenas sofri porque eu gostava demais dele para meu próprio bem. E disfarçar esse sentimento incômodo requer, além de alimentar uma questão pequena da minha adolescência, muito treino e fingimento. Então assim como ele, dou de ombros, entrando em seu jogo.

— Eu sou canceriana, Daniel. Estava esperando o que?

Recoloco a tequila no copinho e o deixo no meio da gente. Olho para ele a fim de continuar esse jogo estúpido e então faço minha pergunta, com um fio de amargura na voz:

— Você realmente quis ficar com a Milena? Ou aquilo foi só para me atingir? — meu pai do céu, da onde veio essa? É a mesma coisa que admitir que me atingiu, Camila, sua burra! Porque eu perguntei justamente isso? A tequila é rápida assim mesmo? — Verdade ou consequência?

Como uma vingança não planejada, Daniel pega o copinho e o vira de

uma vez. Seu rosto quase não demonstra reações, o que me faz crer que ele já está mais do que acostumado a beber por aí.

— Consequência, Camila. Eu não vou responder isso.

— Para quem inventou essa merda desse jogo, você arregou cedo demais — provooco porque quero uma resposta.

E surte efeito. Ele me olha por alguns segundos e então diz, muito sério e um tanto contrariado.

— Foi. Foi para te provocar. Tá satisfeita? — ele morde o lábio, como se pensasse um pouco e então solta, de uma vez, a raiva dominando seu tom de voz — E pelo jeito deu certo. Não fui eu que saí chorando de lá aquele dia — quando as palavras saem, imediatamente o arrependimento brota em seus olhos.

— Meu Deus, você é um idiota!

— Eu sou, porra! — ele se exaspera — Eu sou um idiota mesmo! Era isso que você queria ouvir? Você queria que eu assumisse isso? Pois bem, eu sou. Eu me arrependo a cada dia do que aconteceu com a gente, naquele dia, seis anos atrás. Eu me arrependo de ter feito o que eu fiz, e me arrependo mais de ter levado isso adiante e ter te perdido por causa de uma besteira. A minha vida ficou uma merda sem você, Camila! Cacete! Eu me arrependo, tá legal?

O que ele está querendo dizer com isso? E porque isso me apavora?

Não preciso pensar muito para ter a resposta. Ele só quer me manipular e eu não vou deixar.

Eu tenho medo de ser enganada de novo pelas palavras vazias, pelo olhar apaixonado que eu pensei ver em seu rosto, naquele dia, seis anos atrás. Meu estomago se embrulha só de pensar que ele pode me fazer de trouxa novamente, então eu me levanto com tudo assim que ele fala essas coisas para mim. Seu olhar assustado acompanha meus movimentos, sua boca ligeiramente aberta deixa claro que falar tudo de uma vez só o deixou ser ar, ou talvez tenha sido apenas nosso pequeno embate. A única coisa da qual eu realmente tenho certeza é de que preciso sair daqui.

Preciso sair de perto dele.

— Eu não sei por que você tá fazendo isso... — aponto o dedo em seu rosto, quando finalmente me ponho de pé — Mas já chega, Daniel. Chega.

Ele se levanta também, e antes que eu consiga dar dois passos para trás, ele segura meu pulso. Sinto minha pele formigar onde seus dedos tocam, e então ele me puxa para mais perto. Algo dentro de mim pede para que eu me afaste, mas minha carne é mais fraca do que minha mente, e com apenas um movimento dele, sinto meus olhos pesados se fecharem quando sua mão enlaça minha cintura. Eu poderia culpar a tequila, mas sei que minha embriaguez tem mais a ver com o desejo que sinto por esse filho da mãe, do que por qualquer nível etílico em meu sangue.

— Por favor, para de fugir — ele murmura próximo demais à minha boca e eu ofego — Vamos fazer a coisa certa pelo menos uma vez na vida. A gente é idiota demais, Camila... — antes que eu consiga responder, sua boca está na minha. Minhas mãos vão para seu peito, mas ao contrário do que eu pensei, eu não o empurro, não. Eu grudo meus dedos em sua camiseta, trazendo-o mais próximo de mim. Depois, ergo meus braços, rodeando seu pescoço com minhas mãos e colando nossos corpos. Sua boca se abre mais e sinto sua língua me invadir, deixando tudo ao redor nebuloso, confuso e extremamente delicioso. Seu cheiro invade meu nariz, seu gosto me consome, seu calor se funde ao meu e seu corpo me abraça. Não tem nada de inocente nesse beijo, nada de como foi o primeiro, seis anos atrás.

Esse é o beijo mais erótico que eu já experimentei em toda minha vida.

Meu corpo, traidor, vira um templo de contradições. Minhas mãos, que agora passeiam pelas costas de Daniel, já tinham tocado o garoto magricela de quinze anos, mas nunca o homem que ele é agora, e elas querem aproveitar cada pedacinho dele.

É uma sensação louca e absurda, porque ao mesmo tempo em que o toque parece tão familiar, ele também é uma novidade e tanto. É confuso para mim porque em um segundo de contato, eu quero apenas me entregar. Quero ser a universitária que faz sexo sem compromisso com o cara mais desejado de todo o campus, que também é o amor de infância que cresceu e apareceu. Quero ser a menina que ri da situação como se ela tivesse sido em outra vida, como se não tivesse importância. Mas no segundo seguinte, eu volto a ser a garota cheia de barreiras, que tem crises de ansiedade por coisas que estão fora do meu controle, que pensa demais no futuro, que pensa demais no passado. Volto a ser a garota que está sempre se defendendo de tudo e todos com palavras ácidas, que enfia a cara nos livros e raramente sai com um cara. A que quase nunca se deixa ser tocada.

A verdade é que eu passei todo esse tempo me defendendo dele e me escondendo dos outros meninos porque eu não quero ser novamente a garota que permite que entrem em seu coração e façam uma bagunça. Eu odeio quando ela assume o controle, principalmente quando ele está perto, mas se eu me esforçar um pouquinho para ser sincera comigo mesma, é nela que eu vivo. E a única maldita pessoa que a faz feliz, é ele. Esse idiota que me deixa tremula, às vezes de desejo, às vezes de raiva, e quase sempre, das duas coisas ao mesmo tempo.

A mesma boca que me fala absurdos e me provoca como o diabo, é também a boca me deixa excitada e me fala coisas *como “minha vida ficou uma merda sem você”*. Para o bem ou para o mal, Daniel me faz sentir viva. Pelo ódio e pelo amor, ele me desperta para os meus dois lados, os que compõem minha personalidade.

Em um rompante, o agarro pelos ombros e o puxo para mais perto de mim, a fim de me permitir provar seu gosto por alguns segundos sem culpa. Depois eu lido com isso. Depois eu me xingo, o xingo, bato portas, amaldiçoo meus hormônios. Agora eu só quero isso.

Sua boca desce da minha boca para meu pescoço e eu o jogo para trás, para abrir caminho para seus lábios, que queimam cada centímetro de mim que ele toca.

Meu Deus, como eu odeio esse maldito babaca.

O odeio, principalmente, por me fazer sentir assim depois de tanto tempo. Como se eu não fosse dona de mim. Como se eu não pudesse mandar em meus próprios atos.

Empurro meus pensamentos para longe por um segundo e continuo acariciando seu corpo, enquanto ele volta a me beijar na boca. Quero memorizar cada um de seus músculos. Quero sentir seus dedos, seu peito, sua barba roçando em mim.

Quero descobrir pelo toque, o quanto ele mudou durante todo esse tempo.

Sem que eu consiga pensar muito, sua mão segura minha nuca com força enquanto o beijo fica mais urgente, sexy e desesperado. Meu autocontrole e bom senso gritam escandalosamente para eu me livrar dele, empurra-lo, sair correndo, mas eu não quero. Eu quero mais dele. Sua boca é quente e sedenta, exigente, depravada.

É deliciosa.

Mordo seu lábio com força, porque não consigo me libertar de toda a raiva e frustração só com isso. Preciso de mais. Preciso mordê-lo, arranhá-lo, gritar com ele jogando verdades na sua cara. Quero arrancar suas roupas e fazê-lo me pedir desculpa enquanto entra em mim, quase como uma punição por ficar todo esse tempo longe demais.

Prendo seus cabelos entre meus dedos e os puxo com furor, mas ele ri em minha boca quando faço isso, deixando claro o quanto ele gosta do que estamos fazendo. E então, antes que eu consiga pensar no que está acontecendo, ele inclina seu corpo, passa suas mãos por baixo das minhas coxas e me levanta, envolvendo minhas pernas ao redor de seu quadril. Ofego ao sentir sua ereção sobre minha boceta, e ele diminui a intensidade do beijo, lentamente acariciando meus lábios com volúpia, numa tortura deliciosa. Nossos corpos se roçam, e eu quase posso jurar que gozaria com ele assim, com um simples beijo e ainda de roupa, muito mais do que já gozei nas pouquíssimas vezes em que fiz sexo de verdade.

Sinto suas mãos se insinuarem para dentro da minha blusinha e eu não contenho um gemido sufocado quando ele acaricia meu seio, mesmo por cima do sutiã. Ele coloca os braços em volta de mim, se vira em me encosta à parede mais próxima. Nossos corpos ficam ainda mais colados e pressionados, e eu nem achava que isso era possível, mesmo que eu deseje mais do que tudo me fundir a ele.

E então ele afasta a boca da minha, dando um sorrisinho. Meu coração morre no peito ao lembrar que ele já fez isso uma vez, mas ele ganha um respiro de vida quando a frase que sai de sua boca dessa vez é completamente diferente:

— Você é linda, puta merda. Não acredito que tô podendo te falar isso.

Não consigo responder, mas sei que não preciso. Ele não espera uma resposta enquanto analisa meu rosto atentamente e depois fixa os olhos em meus lábios inchados por esse beijo dominador.

— Ainda mais linda assim — sei que ele se refere ao meu estado pós-beijo, mas não me irrita porque sei que foi um elogio. Ele me ajeita em seu colo, e mais uma vez, uma onda dispara do centro do meu sexo até meu coração, deixando claro que eu poderia foder com ele aqui mesmo, contra

essa parede, que eu nem pensaria muito sobre isso.

Enquanto me olha, seu rosto queima com uma paixão crua, quase dominadora, que diz que é exatamente isso que ele vai fazer se eu deixar. E então eu me toco do que está acontecendo, de onde eu estou. De até onde eu me deixei levar, e de até onde eu me deixarei ir se continuar assim, aqui, presa contra ele.

Coloco as duas mãos sobre minha boca, ainda sem acreditar em como me entreguei tão fácil e bato em seu peito, pedindo para que ele me coloque no chão. Quando ele o faz, dou um passo para trás, testando a moleza do meu corpo, porque até onde me parece, eu me transformei em gelatina em seus braços.

— Não foge — ele avisa suavemente e dá um passo à frente, o que me faz dar mais dois para trás — Sério, Camila, para com isso. Vamos conversar. A gente precisa conversar direito, cacete.

Antes que suas palavras sequer terminem de ser ditas, eu me viro, indo até a porta. Minha mão pousa sobre a maçaneta e quando eu a abro, ele já está logo atrás de mim, colado a meu corpo. Posso sentir o calor que ele emana próximo demais de minha pele.

— Não vem atrás de mim, Daniel — eu peço, sentindo meus lábios inchados pelo beijo avassalador que acabamos de dar — Por favor.

— Não me pede isso, porra. Você me pediu isso uma vez e demorou seis anos para acontecer de novo — suas palavras são tão sinceras que quase doem — Eu me arrependo de não ter ido atrás de você naquele dia, Camila. Não vou carregar outro arrependimento desse, não vou mesmo.

— Dessa vez, eu vou voltar — digo, porque é verdade. Cansei de ser covarde e negar o que eu sinto, mas eu realmente preciso pensar sobre o que está acontecendo dentro de mim. Preciso me acalmar e analisar até onde isso pode ir sem que eu me machuque mais ainda. Pode ser um exagero analisar tudo tão criticamente, mas esse cara tem poder demais sobre meu coração, então é melhor que eu pense e corrija, do que depois tentar remediar o que não tem remédio — Só preciso de um tempo para mim. Um tempo para pensar.

Ele parece entender isso, porque acena positivamente com a cabeça.

— Certo. *Então eu saio* — ele diz — Fica aqui. Está quente aqui dentro,

você pode tomar um banho, deitar, qualquer coisa que quiser. Não quero que você saia sozinha em um lugar que você não conhece — merda, isso foi fofo. Para de ser fofo, caralho. Eu quase não te reconheço assim.

Quem eu quero enganar? Eu adoro essa versão de Daniel. Quero me jogar de braços abertos e olhos fechados no cara que eu sei que ele pode ser quando não está sendo um idiota.

E é por isso que eu preciso pensar. Porque eu tenho forte propensão a me jogar de penhascos e dar de cara no chão duro.

— Tudo bem — apenas concordo. Eu sei que a cozinha e o restaurante já devem estar fechados, e eu não vou sair por aí sem carro e com duas doses generosas de tequila na cabeça, porque sei que com a fraqueza para bebidas que eu tenho, elas irão começar a fazer efeito em breve.

— Você precisa de quanto tempo? — ele pergunta com ansiedade na voz, quase como se quisesse voltar antes mesmo de ter ido.

— Só um tempinho. Uma horinha, duas no máximo. Por favor, eu só preciso entender o que está acontecendo aqui — coloco minha mão na cabeça, mas me surpreendendo, ele entrelaça seus dedos nos meus e desce minha mão junto com a sua, até chegar a meu peito, do lado do coração.

— Só vai perder seu tempo se procurar entender o que está acontecendo na sua cabeça, quando é aqui que está tudo bagunçado, Camila — ele sussurra — O dia que eu finalmente entendi isso, foi o dia que eu descobri que precisava de você de volta na minha vida.

Não consigo verbalizar nada, então assinto, ainda assustada em como tudo mudou em poucas horas.

Sem falar mais nada, ele desprende sua mão da minha e me dá as costas.

E quando ele sai, percebo que nunca me senti tão sozinha.

CAPÍTULO 09

UM DIA DA CAÇA, OUTRO DO CAÇADOR.

Daniel

Fecho a porta do chalé atrás de mim e me encosto a ela, respirando fundo, tentando ordenar meus pensamentos. Fui mais impulsivo do que eu planejava ser, mas eu precisava que ela entendesse de alguma forma o que eu não consigo dizer com palavras.

Confesso que esperava outra reação depois do beijo que demos. Esperava que ela sentisse o mesmo que eu, de alguma forma. Queria que ela admitisse que sentiu algo tão forte quanto eu por estarmos tão próximos novamente.

Diabos, eu senti.

Enfio as mãos nos cabelos e dou um suspiro alto. Desço as escadas, desesperado por um pouco de ar. Quando finalmente saio no jardim onde os chalés estão posicionados, desisto de ir para o saguão e pegar o carro. Olho para os lados, e o silêncio e o escuro da noite me abraçam, enquanto eu respiro fundo, conseguindo o que vim buscar: paz para pensar.

Atravesso o jardim e escolho uma área silenciosa, mas ainda sim próxima do chalé. Da onde estou consigo ver se Camila sair por algum motivo, e se ela sair, consegue me ver também. Não confio muito no bom senso dessa criatura, ainda mais quando está nervosa, confusa e com o *plus* dois shots de tequilas na cabeça. Melhor continuar por perto.

Tiro a jaqueta, jogo-a no chão e me sento sobre ela, observando o luar. Acho que faz anos que não tiro alguns minutos para mim assim, desconectado do mundo. Percebo que deixei meu celular no chalé, mas tudo bem. Desconectar do mundo para conectar-me comigo mesmo me parece uma boa ideia.

Coloco as mãos atrás da cabeça e me deito no gramado, e deixo os sons da natureza que há em volta me abraçarem e me sinto estranhamente bem.

Cantarolo algumas músicas, uma atrás da outra, até meu coração desacelerar por completo. Não sei por quanto tempo fico assim, até que ouço barulho de passos ao meu lado. Mal tenho tempo de olhar para cima, quando Camila se senta ao meu lado. Coloca a garrafa de tequila começada no meio de nós, enche o copinho e o estende para mim. Mesmo sem entender, eu o recebo e viro, em silêncio. Quando eu o devolvo vazio, ela o enche novamente, e ainda sem falar nada, o vira também. Talvez ela esteja querendo dizer que essa conversa vai ser longa e que o álcool na cabeça vá ajudar nós dois de alguma forma.

— Dizem que quem olha para o céu está apaixonado — sua voz está um pouquinho mole, mas ela está totalmente sóbria, é perceptível. Decido aproveitar o momento de abertura e dou um sorriso largo. Já que estou na chuva, vou me molhar. Vou falar o que for preciso falar, e ela vai decidir o que fazer com as informações.

— Acho que eles estão certos.

— Você está apaixonado, Daniel? — ela coloca mais um shot de tequila e me estende o copo com um sorrisinho sacana — Verdade ou consequência.

— Verdade, Camila, sempre — me ajeito, levantando meu corpo e ficando de frente para ela. Mergulho meus olhos nos seus e digo, com toda a coragem que consigo reunir dentro de mim — Nunca deixei de estar.

— Por quem?

Eu rio, desacreditado na capacidade dessa menina me tirar do sério até quando eu estou confessando estar apaixonado por ela.

— Depois do beijo que eu te dei, eu duvido que você não saiba a resposta para sua pergunta.

Antes que eu consiga dizer qualquer coisa, quem vira o shot de tequila é ela.

— Meu Deus, isso é horrível! — ela exclama, passando o pulso pela boca e fazendo careta. Dou risada.

— O que? A tequila ou saber que eu sou apaixonado por você?

— Acho que não estou preparada para nenhum dos dois — ela choraminga — Eu simplesmente não entendo. Não entendo Daniel.

— É fácil de entender, Camila, o que não significa que eu ache certo o que eu fiz, que fique claro. Mas eu me assustei quando percebi que a amizade que eu sentia por você era algo a mais. Queria ser como meus amigos, que ficavam com várias meninas. Meninas mais velhas, dispostas a mais coisas do que o que a gente tinha... — um lampejo de dor passa por seus olhos e eu dou de ombros — Estou sendo sincero, e eu sinto muito se isso ainda te machuca de alguma forma. Eu era só um moleque. Ao mesmo tempo em que eu te afastava, eu queria você por perto, e fiquei confuso nas minhas ações, o que também te confundiu e te machucou. Nós dois éramos novinhos demais para conversar sobre isso racionalmente, e deu no que deu. Mas depois disso, nós dois temos culpa, você não acha? — ela não responde nada, olhando para o céu, absorvendo cada palavra que sai da minha boca, então eu aproveito a oportunidade de falar — Não estou me justificando, entenda isso. Eu só estou te explicando as coisas sob o meu ponto de vista. Você não tem que passar pano para todas as babaquices que eu fiz, e eu te acho muito forte por ter se afastado e se colocado em primeiro lugar, mesmo sentindo minha falta também...

— Quem disse que eu senti sua falta? — ela faz um barulhinho de desdém com a boca e eu sou obrigado a rir. Cabeça dura do caralho.

— Camila, pelo amor de Deus... — eu explodo em uma risada porque meu Deus, ela não larga o osso. Quando eu vou começar meu discurso, ela me corta.

— Tudo bem, talvez eu tenha sentido um pouco. Sempre foi impossível não olhar para trás quando eu sabia que era lá que você estava, Daniel — ela se vira para mim, os olhos grandes e expressivos cheios de dúvidas enquanto suas palavras ricocheteiam meu peito como fogos de artifício — Mas se você gostava de mim, porque você fez da minha vida um inferno?

— Porque eu queria fazer esse sentimento sumir. Eu queria me sentir melhor — mesmo sendo de um jeito muito errado, essa é a verdade e eu prometi que seria sincero — Achei que fingir o sentimento me faria realmente odia-la.

— Funcionou? — ela arqueia a sobrancelha, mas sei que não é uma pergunta. É um desafio. Camila quer que eu admita o idiota que eu fui. Sem problemas, então.

— Estou admitindo que fui um idiota e pedindo a mínima chance de fazer

as coisas diferentes, Camila. Claramente não funcionou.

Ela se vira para mim, séria.

— Sabe por quê? Porque fazer as pessoas se sentirem mal não faz você se sentir melhor — ela morde o lábio, pensativa, e eu me pergunto se por acaso ela tem a mínima ideia de como é transparente com suas emoções. Não importa o que ela esteja sentindo: vergonha, raiva, irritação ou dor. Seus olhos descortinam tudo, e isso me fascina. Já eu, sou o cara mais trancado de que já tive notícias. Enquanto ela é um livro aberto, eu me esforço um bocado para esconder qualquer coisa que eu esteja sentindo, porque eu sempre acreditei que demonstrar as coisas me enfraquece. Tranco-me em minha própria concha sempre que o assunto tem qualquer coisa a ver com emoções. Mas agora, aqui, falando a verdade para ela, me sinto o cara mais forte do mundo. Sinto que estou tendo coragem pela primeira vez na vida.

Essa menina me faz mais forte, e eu acho que juntos, poderíamos ser muito melhores.

— Você tem toda a razão — engulo em seco com o que vou falar agora, enquanto analiso seus olhos pesados. Todos os shots de tequila que ela tomou estão começando a fazer efeito e sei que não vai demorar para ela apagar, então preciso ao máximo aproveitar essa abertura que o álcool me deu — E eu não estou pedindo uma segunda chance de forma amorosa. *Por enquanto*. Mas eu queria muito uma segunda chance para a nossa amizade, Camila.

— Eu não quero ser sua amiga — ela diz, dando de ombros.

— Por quê? — eu pergunto, meio embasbacado com sua resposta rápida e certa. Ela nem precisou pensar.

— Porque estar perto de você me faz lembrar que eu não quero ser só isso — sua sinceridade é crua, e me pega de surpresa, mas eu gosto. Gosto de

saber que de um jeito muito torto estamos chegando a um mesmo ponto — E Daniel, eu passei anos dizendo que eu te odeio, mas o que eu odeio de verdade é gostar tanto de você.

— Por que é tão horrível assim gostar de mim? — pergunto, aproveitando a chance de o álcool estar abrindo sua boca.

— Porque eu não tenho motivos para isso — seus olhos me fitam cheios de dor, sua voz sai num sussurro e eu percebo como sua confissão é sincera. Eu realmente não dou motivos para que ela goste de mim, mas a recíproca é verdadeira e eu entendo seus sentimentos de forma exata, porque eles são idênticos aos meus.

— Então eu vou te dar motivos para isso, eu prometo — digo, antes de aproximar nossos rostos. Quando meu olhar capta o seu, vejo que ele está suspenso em expectativa, e mesmo que tudo grite que isso está errado, algo nunca me pareceu tão certo.

Inclino-me, mas antes que nossos lábios se toquem, eu recuo. Mesmo que eu saiba que ela quer isso, minha consciência grita que até um beijo desses seria errado quando eu sei que o álcool já fez efeito em seu sistema. O beijo anterior, lá no chalé, foi algo que os dois quiseram, e que algo que os dois fizeram, ainda plenos em seus sentidos. Ela fecha os olhos e solta um suspirozinho incontido, o que faz meu coração se agitar dentro do peito, porque sei que ela ainda está esperando minha boca colar na sua, mas mesmo assim, eu não o faço. Sei que o álcool já subiu em sua cabeça e eu jamais faria qualquer coisa com ela sem que ela possa decidir cem por cento se realmente quer ou não. Então, ao invés de minha boca ir para a sua, ela vai até seu pescoço, próximo a seu ouvido:

— Camila? — sussurro baixinho.

— Hum? — ela finalmente abre os olhos pesados, lentamente.

— Senti muito sua falta.

Quando nos distanciamos, ajeito uma mecha solta de seu cabelo atrás da orelha. Por seu olhar carregado de doçura, sei que não preciso explicar porque não fui em frente. Ela entendeu.

Sem responder nada, apenas se arrasta devagar até mim e sobe em meu colo, dessa vez tomando a iniciativa. Nossas respirações entrecortadas se encontram e antes que eu possa pensar sobre o que ela está fazendo, suas

mãos delicadas vão para a barra da minha camiseta, em uma tentativa muito descoordenada de puxa-la para cima. Respiro fundo, buscando todo o meu autocontrole, porque por mais que eu tenha fantasiado sobre isso mais vezes do que se possa contar, isso não vai acontecer assim. Não com ela praticamente bêbada, não com as coisas entre nós ainda mal resolvidas. Falamos muita coisa um pro outro, mas elas realmente contam? Não sei, porque talvez amanhã, quando ela acordar, pode ser que nem se lembre disso.

Isso destruiria a porra do meu coração, e se tiver sexo no meio, vai destruir o dela também, mais uma vez. Vai fazer com que ela se sinta usada, quando essa é a ultima coisa do mundo que passaria pela minha cabeça.

Delicadamente seguro suas mãos e as desço de volta.

— Você não quer isso? Não me quer? — sua pergunta sai estrangulada, e eu vejo o rubor em seu rosto. Vejo sua confiança vacilar no tremor de seus olhos, como se ela estivesse envergonhada por si mesma, e respiro fundo, disposto a ser sincero com ela, talvez pela primeira vez desde que deixamos de ser amigos.

— Eu te quero de tantas formas que você nem conseguiria acreditar. Não há nenhuma parte de mim que não queira isso, que não queira você. Eu já fantasiei isso mais vezes do que posso contar, e acredite, eu tenho uma imaginação realmente fértil, principalmente para esse tipo de coisa. Então acredite em mim quando eu digo que realmente quero isso, princesa, mas não assim — meus dedos acariciam os lados de seu rosto, o rosto mais lindo que eu já pousei os olhos em toda a minha vida e digo — Quando isso finalmente acontecer, *porque vai acontecer*, quando eu estiver dentro de você, te quero bem lúcida, e principalmente, quero que lembre de tudo no dia seguinte.

Ela não diz nada, mas sei que concorda. Digo mais, acho até que era exatamente isso que ela esperava, como um teste ou algo assim. Então, ainda em silêncio, passa os braços em volta do meu pescoço, e eu abraço suas costas, com carinho e cuidado, depois acaricio seu cabelo, cheirando os fios bem cuidados, exatamente como um idiota apaixonado faria, *porque nesse momento, é exatamente isso que eu sou*.



— Isso tá enroscado — ela choraminga enquanto puxa uma das barras da calça. Ela tenta mais uma vez, mas cai de bunda na cama, resmungando, brava com as próprias roupas, como se elas fossem suas piores inimigas. Dom Quixote e o moinho ficam no chinelo perto dessa cena. Dou uma risadinha, ainda nervoso pelo que rolou um pouco antes disso tudo. Ela queria tirar minha roupa. Queria transar comigo. Mas será que era o álcool falando, ou era ela fazendo o que queria para depois poder colocar a culpa no álcool?

Meu Deus, eu vou enlouquecer.

— Mila, calma — eu digo, e me abaixo para puxar sua calça de uma vez por todas, tentando a todo custo ignorar o fato de que ela está semi nua na minha frente. Como a blusinha já foi, além de seus seios, eu também consigo ver seu quadril nu, suas coxas e sua calcinha preta. A pele é tão sedosa que quase posso sentir a maciez só com o olhar, mas eu brigo com meu inconsciente e me abaixo, repreendendo meus olhos traidores.

— Você me chamou de Mila. *De novo* — eu me surpreendo ao perceber que ela ouviu quando eu a chamei assim na recepção dos chalés. Achei que tinha passado batido, mas não. Sua voz sai arrastada, quase embargada, e quando eu subo novamente meu olhar para seu rosto, vejo que seus olhos estão marejados. Merda, eu causei tudo isso, todo esse estrago emocional? Daniel, você é um idiota — Eu nunca mais fui sua Mila.

Sorrio de canto.

— Você sempre foi e sempre vai ser minha Mila — me sento ao seu lado, acariciando seu cabelo com carinho — Sempre. Me perdoe por toda a bagunça que fiz em você. Por favor, me perdoe.

Ela me abraça, encostando o rosto em meu ombro, inspirando meu cheiro. Sinto quando seus lábios beijam meu pescoço, mas não reajo, porque seria errado demais. Ela está bêbada. Não está pensando direito. E eu jamais tocaria alguém em uma situação de vulnerabilidade dessas.

Acaricio suas costas nuas, tomando cuidado para não tocar abaixo de sua cintura em nenhum momento. Ficamos assim por alguns minutos, até que a

sinto ressonar e sua respiração ficar ritmada em minha pele. Dou um sorriso torto, porque sei que ela dormiu. Com cuidado, puxo seu corpo e passo as mãos por baixo de suas coxas, levantando-a. Coloco-a de uma forma confortável na grande cama, que apesar de ser de solteiro, cabe muito bem nós dois. Pego uma das minhas camisetas na mala, e passo com cuidado por sua cabeça, para não assusta-la, mas sei que ela já está desmaiada pelo sono. Coloco um dos meus shorts nela, que são confortáveis para dormir, já que não acho certo mexer em sua mala. Arrumo o elástico na cintura e vejo que dá certo. Pelo menos cobre sua parcial nudez.

Pego meu celular e vou até a pequena varanda de madeira do chalé, e encosto-me à sacada, observando a imensidão da noite estrelada. Com a loucura de tudo, esqueci-me de avisar nossos pais que estamos aqui, e não sei se Camila avisou sua família. Disco o número do meu pai e ouço tocar algumas vezes até que a voz do meu velho invade a linha do outro lado. Mesmo sendo tarde, ele atende calmamente, sendo o cumulo da paciência. Acho que anos de experiência como médico fizeram meu pai ser assim, sempre preparado para qualquer coisa.

— Filho?

— Oi pai — suspiro fundo — Só tô te ligando para avisar que vamos precisar dormir em um hotel. Uma carreta capotou na pista, tá bloqueando uma das saídas e tá uma loucura, e você sabe que eu odeio dirigir á noite. Sei que está tarde, a gente já deveria ter chegado, mas eu esqueci completamente de avisar, desculpe.

— Tudo bem, a Camila já tinha avisado os pais dela. Eles estão aqui para o jantar da véspera — respiro mais aliviado, mas só então me toco de que já é natal e nós nem nos demos conta disso — Vocês comeram alguma coisa?

— Já sim, pai. Não se preocupe. Amanhã, estaremos aí.

— Vocês já se acertaram? — a pergunta do meu pai sai em formato de uma risadinha e então eu finalmente me toco de que tudo não passou de um plano dos quatro malucos para que a gente finalmente conversasse direito. São mais crianças do que eu e Camila juntos, isso sim. Não sei se rio ou se coloco de castigo.

— Eu sinceramente não sei, mas tô torcendo para isso — respondo da forma mais sincera possível, porque é verdade. Eu não faço a mínima ideia de

que em pé estamos.

— Nós também — ele devolve e então limpa a garganta, me pegando de surpresa — E ah, filho... Não se preocupe com o Natal. Nós sempre estaremos aqui para vocês, em qualquer data. Apenas... resolvam isso. Essa é a magia do natal, não é? Estar com quem amamos?

Sorrio ao telefone.

— Com certeza, pai — me despeço ao telefone, mandando abraço para todos — E pai... Obrigado. Eu amo você.

— Só quero sua felicidade, filho — ele diz e completa — Também amo você.

Quando ele diz isso, eu entendo que o que Camila falou durante a viagem é a mais pura verdade. Para meu pai, o único título que importa é o de ser meu pai. Ele faz jus a isso com todo seu coração, e jamais me obrigaria a ser quem eu não quero ser. Eu apenas me escondi dos meus medos atrás dele, me convencendo que esse era o principal motivo para não correr atrás dos meus sonhos. E me munindo de cinco segundos de coragem insana, eu finalmente tenho a capacidade de dizer algo que está entalado em minha garganta há anos.

— Pai? Preciso de te falar uma coisa.

— Pode dizer, filho.

— Não quero ser médico. Gosto de medicina, mas ela não faz meu coração disparar — respiro fundo e fecho os olhos — Quero ser músico. É isso que eu amo fazer. Desculpa demorar tanto para te dizer isso, mas eu só não queria te decepcionar.

Ele ri, me pegando de surpresa.

— Sabe, eu achei que você nunca fosse admitir isso.

— Você sempre soube?

— Eu sou seu pai, Daniel. E você só me decepcionaria se não fosse fiel ao seu coração. Você não precisa ser um excelente médico como eu. Você só precisa ser um excelente músico... *como você*. E não importa onde você for tocar, seja num grande palco ou em um barzinho, quero que você saiba que eu e sua mãe sempre estaremos na primeira fila para te aplaudir.

Sinto o peso de cinco sacos de cimento saindo de minhas costas e quase não posso acreditar, então apenas digo a única coisa que vem á minha cabeça:

— Você é incrível, pai.

— Você também é filho. Agora vai lá e mostra isso para ela. Já passou da hora.



Volto para dentro e sorrio quando a vejo toda encolhida na cama, como se estivesse com frio. Com cuidado, coloco um cobertor por cima dela, e depois de trocar minhas próprias roupas, me deito ao seu lado, puxando seu corpo contra o meu. Viro-me um pouco de lado, e aproveito esses segundos que ela está fora de órbita para observar seu rosto bonito. Ela tem os cílios grossos, os lábios cheios, e a pintinha em seu rosto é um charme que a torna única e diferente de todas as garotas. Sorrio ao constatar que o que essa garota ostenta por fora nada tem a ver com o que ela leva por dentro.

Para todo mundo, Camila faz pose de durona e brava e não é a toa que Milena a comparou a um pitbull aquela vez, mas, na verdade, ela é a pessoa mais vulnerável, delicada e sensível do mundo, se você olhar para ela com um pouco de cuidado e atenção. O fato de que o que eu fiz anos atrás ainda a machuque é uma das maiores provas disso.

Passo um braço sob seu corpo, e, mesmo dormindo, ela se ajeita em mim, enroscando as pernas nas minhas. Quero dormir assim com ela, abraçado, porque sinceramente não sei se quando ela acordar no dia seguinte, isso se repetirá algum dia, e então me toco de que, pela primeira vez ao deitar minha cabeça no travesseiro, não me sinto vazio. No máximo, me sinto uma metade, e sei que ela sente o mesmo em relação a mim. Somos duas metades.

Duas metades de algo que está lutando para voltar a ser inteiro. Um inteiro muito maior e melhor do que já foi.

— Boa noite, minha Mila — dou um beijo em sua testa e fecho os olhos, procurando o sono que eu perdi há exatos seis anos atrás.

Amanhã é um dia que ela provavelmente irá acordar e me praguejar.

Odiar-me com toda sua força por tê-la colocado nessa situação, por ter feito perguntas que a machucaram, por falar coisas que eu não deveria, por fazê-la se abrir. Amanhã, ela voltará ao normal comigo.

Então por hoje, apenas por hoje, finjo que tudo está bem.

E assim como eu disse para ela com toda a convicção, finjo que ela nunca deixou de ser minha Mila.



Acordo com uma luz chata na cara e demoro alguns segundos para finalmente abrir o olho e encarar a realidade. Um pontinho específico da minha cabeça lateja e então eu me toco do motivo: bebi tequila ontem. Pouco, mas qualquer pouco de tequila me fode a vida com areia. Junto desse pensamento, outro vem com força total, me trazendo para a realidade e me fazendo abrir os olhos de uma vez. Camila estava comigo, bebeu também e dormimos na mesma cama. Rolo pelos lençóis procurando seu corpo e quando não a encontro, me sento na cama, esfregando os olhos, preocupado. Quando finalmente consigo enxergar sem os borrões na frente, olho em direção ao sofá e Camila está lá, sentada, abraçada aos joelhos, olhando diretamente para mim.

Não consigo decifrar seu olhar, mas sei que nele há um misto de medo com algo a mais. Respiro fundo, e quando abro a boca para pedir que ela venha se sentar ao meu lado, ela fala antes de mim:

— Eu sou a sua Mila? — bom, essa me pegou de surpresa. Achei que ela fosse gritar comigo dizendo que eu a embbedei e me aproveitei para dormir agarrado a ela, ou que me atiraria coisas ao som de gritos e palavrões, mas ela ainda permanece sentada, com uma leve confusão no olhar.

Levanto-me da cama, dando graças a Deus por hoje não ter a famigerada ereção matinal que todo cara tem ao acordar porque isso seria bem estranho nessa situação, e vou até ela, me sentando ao seu lado. Seu aperto nos joelhos ganha força, como se ela quisesse se proteger das minhas próximas palavras, e eu sei o motivo disso. Ela não quer se machucar novamente, e eu não tiro sua razão. Por esse motivo, ajeito a mecha de seu cabelo que está solta em

seu rosto, colocando-a com muita delicadeza atrás de sua orelha e então sorrio da melhor forma que posso, enquanto as palavras finalmente deixam minha boca.

— É, você é a minha Mila. Nunca deixou de ser.

Ela engole em seco.

— Mas você me odeia.

Dou uma risadinha.

— Eu já disse que não te odeio, ô memória da Dory — me aproximo mais e acaricio seu rosto, o que a faz arregalar os olhos — Você se lembra de pelo menos alguma coisa da nossa conversa de ontem? — sondo, para saber em que pé estamos.

— Lembro-me de cada palavra — ela respira fundo — E estava aqui maquinando se tudo aquilo não foi um sonho ou uma alucinação muito, muito forte fruto das doses de tequila.

— Então para você não ficar em dúvida quanto a isso, eu posso repetir tudo o que eu disse, mas principalmente a parte mais importante — aproximo meu rosto do seu e mesmo diante da sua expressão assustada e trêmula, levo minha boca até a sua. Nossos lábios se tocam levemente, antes de eu dizer o que eu sei que ela *precisa* ouvir — Sou apaixonado por você. E nunca consegui te odiar, Mila. Nunca. *E não foi por falta de tentar.*

Quando nossas bocas se separaram, ela puxa uma grande lufada de ar e apoia as mãos em meu peito, digerindo o que eu disse. Seus olhos grandes se erguem até mim e ela me encara alguns segundos, antes de fazer a pergunta de um milhão:

— E o que isso significa, Daniel? Isso muda alguma coisa entre a gente?

Não é um desafio nem uma provocação. É apenas uma pergunta cheia de medo.

— Isso muda tudo — passo minha mão por sua nuca e a trago para perto de mim, encostando minha testa à dela — Mas não precisa mudar tudo de uma vez, Mila. Nós vamos nos conhecer de novo. Testar nossos limites. Descobrir o que a gente realmente não gosta um no outro, e o que era só implicância — respiro fundo — Camila, eu seria hipócrita se dissesse que não consigo viver sem você. Eu consigo. Consegui por seis anos, e você

também. Mas eu *não quero viver sem você*. Por favor, diga que você também não quer.

Ela me olha por alguns segundos.

— Não, eu não quero.

Seguro sua cintura com mais firmeza, empolgado e aliviado por sua resposta.

— Então vem cá. Vamos ficar juntos de uma vez, porra. A gente *tá* atrasado seis anos.

— E então vamos voltar a sermos nós mesmos? — sua pergunta sai engasgada e eu sorrio, porque essa também é minha maior vontade e eu estou ansioso por isso há exatamente seis anos.

— *Não vejo a hora disso.*

CAPÍTULO 10

QUEM DESDENHA QUER COMPRAR

Camila

Decidi que tomar um banho era uma boa para colocar meus pensamentos em ordem antes de me juntar a Daniel novamente. Suas palavras reverberavam em minha cabeça e eu precisava de um pouquinho de privacidade para pesar os prós e os contras do que ele está, indiretamente, me oferecendo. Uma trégua. Nossa amizade de volta. Um envolvimento entre nós.

Por mais que eu queira isso, me sinto confusa porque não é algo que aconteceu gradualmente. Até poucas horas atrás eu acreditava realmente que nós dois nos odiávamos, e agora eu descubro que ele agia exatamente como eu pelo mesmo motivo: para disfarçar os verdadeiros sentimentos.

Deus do céu!

Deixo a água cair em meu cabelo e fecho os olhos, pensando em tudo o que pode acontecer se eu apenas... Deixar rolar. Solto um suspiro intenso, porque sei que isso é besteira. Pensar demais sobre isso é besteira. Eu sei exatamente o que eu quero, *e eu o quero*. Quero tentar, porque sei que se eu não fizer isso, vou me culpar pelo resto da vida. Porque a verdade é muito simples: mesmo meu coração estando partido em dois, é por Daniel, que mesmo quebrado, ele continua batendo.

Saio do chuveiro, enxugo meu cabelo e coloco um vestidinho leve. Antes que eu abra a porta do banheiro, minha mão para na maçaneta ao ouvir o som de um violão vindo de dentro do chalé. Fecho os olhos, e fico ali, parada, absorvendo nota por nota que atravessa as paredes de madeira do lugar e chegam de forma quase dolorosa aos meus ouvidos. Reconheço a música e apesar de não ser uma música triste, eu a acho dolorosa porque ela fala muito sobre nós dois.

*“De sonhadores
a inimigos*

*Você tá indo
Vai me deixar aqui perdido?
‘Cê já contou pros seus amigos de nós?
No chão do quarto com nossos vícios
É coisa pura
De tanto amar virou loucura
De tantas brigas, amargura entre nós
Errei, larguei, não nego, não
Mas lembra do que eu disse, então
Amar é muito melhor que ter razão
Luta por mim, desiste não
E lembra do que eu disse, então
Amar é muito melhor que ter razão”*

Sorrio com a última frase e finalmente enfio os pés nos chinelos, pronta para sair do banheiro. Passo as mãos de forma nervosa nos meus cabelos molhados e a língua sobre meus lábios, respiro fundo e finalmente abro a porta. Ando até ele, e quando nossos olhares se encontram, ele continua cantando, olhando diretamente para mim:

*“Joga tua verdade toda na minha cara
Mas antes de ir embora eu te impeço, para
E me beija com raiva, me beija com raiva
Como fodemos o maior amor do mundo?
Sei lá se esse é o nosso ultimo segundo
Então me beija com raiva
Me beija com raiva...”*

O som do violão se interrompe, e ele ergue o olhar diretamente para mim. Sem camisa e usando apenas um short de malha, consigo novamente ver suas tatuagens, que combinam perfeitamente com o visual todo e me obrigo a lembrar de perguntar mais tarde o que cada uma delas significa, já que agora eu acho que posso. Tento não olhar para a barriga de tanquinho, nem para as veias pronunciadas de seus braços fortes, mas é para exatamente tudo isso que meus olhos automaticamente vão. Quando finalmente nossos olhares se encontram e se sustentam, ele não sorri para mim, e nem eu para ele. Assim

como muitas das nossas melhores conversas, nos falamos em silêncio absoluto.

Caminho até ele e me sento ao seu lado, e ele coloca o violão de canto. Sem falar nada, ele me puxa para si, de frente para ele, encaixando meu corpo entre suas pernas, e enlaçando minhas costas com seus braços fortes, ele repete a pergunta da música:

— O *Jão* mandou perguntar como fodemos o maior amor do mundo, hein? — e quando elas finalmente chegam aos meus ouvidos e ganham significado, eu começo a rir. Ele arregala os olhos, sem entender e então a crise de riso aumenta, me fazendo curvar meu corpo e esconder meu rosto em seu peitoral perfeito. Rio tanto que as lágrimas escorrem, e eu sei por que estou fazendo isso.

— Nós somos tão idiotas, meu Deus — eu finalmente consigo dizer entre as risadas e então quem começa a rir é ele.

— Somos mesmo, não é? — quando ele finalmente parar de rir junto comigo, diz o que eu também estou pensando — Tantos anos desperdiçados por besteira — sei que ele não está se referindo ao que fez comigo como uma besteira, mas sim todas as vezes que pudemos resolver isso e não aproveitamos. A gente podia ter conversado tantas vezes.

Novamente, ficamos um bom tempo em silêncio, enquanto seus olhos me analisam lentamente, como se ele quisesse gravar cada mínimo detalhe de mim, enquanto seus dedos delicadamente acariciam meu rosto.

— Posso te pedir uma coisa?

Confirmo, meneando a cabeça, sutilmente.

— Tenta confiar em mim de novo? Eu prometo que dessa vez não vou te decepcionar.

Fecho os olhos e prendendo a respiração, faço algo que eu nunca achei que faria novamente. Eu assinto.

Assinto porque eu quero isso. Quero confiar nele novamente.

Não preciso estar de olhos abertos para saber que ele sorri quando faço isso. Eu conheço cada uma de suas reações. Sua mão desce um pouco, e seu polegar roça levemente meu lábio, em um carinho cheio de

promessas que faz meu coração acelerar. Inspiro com dificuldade, ficando consciente do quanto estamos próximos. É um pouco estranho estar assim com ele, mas ao mesmo tempo é maravilhoso. Gostaria de saber o que dizer para que aquele dia, anos atrás desapareça. Para que de alguma forma, nós recuperemos todos os anos perdidos. Mas quando seus lábios tocam os meus novamente, percebo que não é de palavras que nós dois precisamos.

Um toque, um beijo, suas mãos em mim, sua voz em meus ouvidos tem um efeito muito melhor.

Daniel espalma sua mão grande em minhas costas, me puxando ainda mais para ele, fazendo nossos corpos roçarem de uma forma sensual, e encurta a mínima distância entre nós, reduzindo-a a nada, antes que eu possa me afastar. Mas eu não quero me afastar. Na verdade, eu nunca quis tanto estar tão perto dele. Perto dele, em cima dele, embaixo dele. Fundida a ele.

Estremeço e fecho os olhos, mordendo os lábios em expectativa quando ele corre as mãos sob as alças do meu vestido lentamente e arrasta até a minha clavícula. Daniel planta um beijo suave entre meus seios antes de puxar o tecido leve pela minha cabeça, me deixando somente de calcinha. Seus dedos macios roçam meus quadris e brincam com a beirada da renda, enquanto aguardo em expectativa o que ele vai fazer. Quero que ele me guie. Que me mostre como gosta, como me quer.

Quando seus dedos escorregam por minha pele e finalmente tocam meu ponto de prazer, eu gemo baixinho enquanto vejo os olhos dele se acenderem ao perceber o quanto estou molhada para ele.

— Caralho, que tesão você é — ele diz, com a voz rouca. O clima romântico sai um pouco de cena, dando lugar para o fogo que nos consome e de uma forma bem sacana, ele leva seus dedos molhados com meu prazer direto para a boca, saboreando como se fosse o melhor doce do mundo. Mordo o lábio, achando a visão excitante demais para minha sanidade e então me esfrego em seu colo, buscando atrito — Seu gosto é mil vezes melhor do que tudo o que eu sonhei...

— Tá falando demais — resmungo, muito excitada — Anda logo, Daniel — digo, sem saber exatamente de onde veio isso. Não costumo ser assim tão exigente e faminta com ninguém com quem eu transe, mas Daniel com apenas um toque despertou um vulcão dentro de mim. Uma vontade inegável de fazer e experimentar tudo o que ele quiser me mostrar.

— Uau, Camilinha, você é safada — ele diz, rindo, e com apenas um movimento, troca nossas posições, me colocando embaixo dele. Depois, pega uma das minhas pernas e a encaixa em seu quadril, me abrindo de uma forma que qualquer movimento dele esfrega exatamente no meu principal ponto de prazer.

— E você é um idiota. Um idiota gostoso, mas um idiota. — provoco, brincando, mas isso parece apenas acendê-lo ainda mais.

— Sabia que a ciência comprava que uma safada e um idiota fazem o melhor tipo de sexo do mundo? — ele pergunta enquanto mergulha seu rosto em meu pescoço, mordendo minha orelha devagar, me deixando louca.

— Ah, é? — resfolego, porque parece que minha mente está confusa de tanto desejo — Nunca ouvi falar.

— Vem cá que eu te provo, então.

Não tenho certeza de como responder, então simplesmente obedeço meus instintos e puxo sua nuca para um beijo que vai de zero a cem em um segundo.

Depois disso, tudo se torna um borrão de sensações. Sinto suas mãos por todos os lugares do meu corpo, e seus lábios me beijam por toda parte enquanto a onda de prazer que me invade aumenta a cada segundo, me levando para um lugar onde não existe passado, não existe nossas brigas, não existe nada além de eu e ele, assim, conectados.

Puxo seu short de malha para baixo e não me surpreendo ao notar que ele está sem cueca por baixo, e completamente pronto para mim. Demoro alguns segundos analisando seu material e é impossível conter a risadinha que se forma em minha garganta. Mesmo sem saber por que eu estou rindo, ele ri também, mas meio contrariado.

— Não é muito educado rir quando um cara tira a roupa para você, *princesa*. Ego masculino é uma coisa tão frágil — ele diz, enquanto sua mão vai diretamente para seu pau, subindo e descendo, em um carinho obsceno, como se ele quisesse de alguma forma provar o quanto é majestoso. Como se realmente precisasse, pelo amor. O garoto é um monumento. Por um momento fico perdida na imagem, desejando que seja minha mão ali ou até mesmo minha boca, mas ele puxa meu rosto para cima, prendendo seu olhar no meu de uma forma sexy e dominadora. Quando olho para seu rosto, ele está com a sobrancelha arqueada, como quem diz “não tem motivo algum para você rir disso aqui”, e não tem mesmo. O pau de Daniel combina com ele, porque é lindo. Puta merda.

— Só me lembrei do dia que eu te chamei de grosso e você me respondeu daquele jeito idiota — esclareço.

— Tá só confirmando que eu tinha razão, não é?

— Totalmente — desisto de tentar negar o óbvio. É um pau e tanto mesmo.

Ele ri da minha resposta e volta a me beijar enquanto eu agora roço meu corpo no seu, começando a perder o pudor. Seus dedos se encaixam no tecido da minha calcinha e ele a desce sem tirar a boca da minha nem por um segundo. Depois de alguns malabarismos, me vejo finalmente totalmente nua em seu colo, mas isso não parece estranho. Na verdade, parece quase natural.

Ele estica a mão e alcança sua carteira, que está em cima da mesinha ao lado da cama e meu pulso acelera assustadoramente, porque sei o que ele está pegando e o que está prestes a acontecer. Ele segura o pequeno pacotinho laminado e sustentando meu olhar no seu, o rasga com o dente. Ouvir barulho da embalagem se abrindo torna tudo isso real, e quando ele finalmente desce o material por seu pau, sei que isso realmente vai acontecer, e o medo me assalta. Tudo o que eu sempre quis está acontecendo, e eu estou apavorada e cheia de medo.

Do que especificamente, eu não sei, mas estou.

— Ei, tudo bem? — ele acaricia meu rosto, me trazendo para a realidade do momento. Assinto com a cabeça e tento dar um sorriso, mas ele sai meio falho. Sei que ele entende o que está acontecendo comigo, porque percebendo meu receio, em vez de vir para cima de mim com tudo e assumir o controle, ele se encosta à cabeceira da cama e me puxa para cima dele, me dando o comando da situação.

— Sobe em mim, vem — sua voz sai rouca pelo desejo e sem deixar minha cabeça dominar novamente a situação, eu monto em seu colo, me ajeitando. Engolindo em seco, sinto quando ele delicadamente segura seu pau e me ajeita, me penetrando devagar.

— Uau, a gente nem precisou de preliminar — digo, a voz falha e rouca.

— Minha preliminar é você — ele beija meu ombro e arrasta a boca por minha pele — A gente tá nessas preliminares há seis anos.

Concordo, porque é verdade e então desço, centímetro por centímetro, controlando o quanto receber dele a cada movimento. Gememos juntos, e quando ele já está todo dentro, arfo, segurando em seus ombros, enquanto ele me prende firmemente pela cintura, para me ajudar.

— Caramba... — é a única coisa que consigo dizer ao sentir que estou completamente preenchida por ele. Meus músculos internos apertam seu pau e ele solta um gemido gutural, enquanto se mexe junto comigo.

Tiro as mãos de seus ombros e as deslizo por seu peito, sentindo sua pele, explorando seu corpo. Depois, toco as maçãs de seu rosto e enfio os dedos por dentro de seu cabelo bagunçado e macio, puxando para trás conforme ele entra e sai de mim e sinto a necessidade crescer de forma assustadora a cada investida.

Não foi preciso mais do que isso para Daniel aprofundar o beijo, deslizando sua língua para dentro da minha boca, mordendo, chupando em um beijo avassalador.

Suas mãos saem de meu quadril e em seguida para em minha cintura, me dando sustentação para também me mover sobre ele, enquanto ele me puxa para si, fazendo seu pau deslizar por um ponto muito específico dentro de mim, um ponto que me estremece, desmonta e arrepia de uma forma que nunca aconteceu antes.

Daniel me levanta e desce com força, como se eu fosse leve como uma pluma, arrancando de mim um suspiro de surpresa que se perde rapidamente no momento. O instinto entrou em ação, então apoio as mãos em seu peito, e começo a me mexer, exatamente como ele quer que eu faça, e sei que faço certo, porque o sorriso que ele dá é quase imoral de tão satisfeito.

Cada célula do meu corpo se contrai a cada estocada dele dentro de mim, e pela primeira vez em uma relação sexual, não há nem uma ponta de decepção ou dúvida, como sempre acontece quando estou com outros caras. Aqui, com Daniel, não dá nada além de sensações incríveis que me fazem sentir que estou no lugar certo, com a pessoa certa, e, pela primeira vez, completamente no controle.

Há uma liberdade em estar com ele que eu nunca experimentei na vida, e por isso me entrego ao momento, de uma vez por todas. Fecho os olhos enquanto ele sussurra coisas em meu ouvido, que eu preciso me concentrar para entender. E quando eu entendo, o que parece impossível, acontece: o momento melhora.

— Você é maravilhosa. Eu esperei isso por tanto tempo, que você nem faz ideia — ele sussurra em meu ouvido com a voz safada, mas então ele suspira e sua voz se transforma quase em meiga e arrependida — Me perdoa por tudo o que eu te fiz, por favor. Eu prometo que vou ser melhor, por você, eu vou ser melhor... — arranho forças para tirar minha mão de seu peito e subir até seu rosto, então coloco meu dedo indicador sobre seus lábios, deixando claro que ele não precisa se desculpar por mais nada. Pelo menos, não agora.

— Nós dois erramos, nós dois vamos ser melhores — digo e ele concorda, voltando a me beijar com força.

Essa necessidade cega é nova para mim, pois nunca me senti assim em toda minha vida. Subo e desço sobre ele num ritmo vigoroso, mas que não me satisfaz. Preciso de mais. Mais dele, mais disso, mais de nós.

Percebendo o que estou sentindo, Daniel segura minha bunda e deita meu corpo sobre o seu, me movimentando de modo que além de entrar e sair de mim, ele também esfregue meu clitóris sobre sua pele, me dando um novo tipo de prazer e alcançando níveis de satisfação que eu nem sabia que existiam.

Sinto meus seios sendo esmagados contra seu peito forte. Ele é tão viciante que não penso duas vezes em me inclinar e passar meus lábios por onde eles alcancem. Beijo sua boca, seu queixo, seu pescoço e percebo que sua pele está quente sob meus lábios. Nós dois estamos pegando fogo, suados, escorregadios e ainda estamos apenas no começo. Os batimentos cardíacos de Daniel martelam contra meus seios, e quando levanto a cabeça um pouco e vejo seu rosto, sou capturada por uma expressão deliciosa de prazer. Sua mão se enfia entre nós e seus dedos percorrem o caminho entre minhas dobras molhadas, esfregando no pontinho certo. Sou pega de surpresa por sua boca que suga meus lábios, e por alguns segundos, fico assim, tomada de sensações: ele me estocando, me esfregando e me beijando ao mesmo tempo. Tudo é tão intenso que o orgasmo é rápido em chegar e me pega quase desprevenida.

— Daniel, eu vou... eu vou — tento falar, mas não consigo e ele termina a frase por mim.

— Goza para mim, Mila. Goza no meu pau — não preciso mais do que essas palavras para soltar um grito agudo de prazer e tombar sobre ele, enquanto uma onda de felicidade pura atravessa meu corpo. É quase como alívio, como se depois de tanto tempo, eu tivesse permissão de sentir algo delicioso como isso.

Nunca tive tanto prazer com outra pessoa.

Continuo caída sobre seu peito, e ele afaga minhas costas, ajeita meu cabelo, tirando-o da minha testa e me beijando. Meu sexo se contrai, apertando seu membro rígido. Antes que eu consiga pensar muito, ele me vira na cama, subindo por cima de mim. Ajeita minhas pernas em volta de sua cintura, se afundando em mim novamente.

Ainda estou tentando recuperar o fôlego, quando ele começa a se mexer, subindo e descendo, rápido e fundo, suas estocadas me preenchendo e me fazendo agarrar-me a seus braços fortes, porque a sensação de estar caindo de um penhasco é viva. Meu corpo está tonto de sensações.

— Porra, eu sou completamente apaixonado por você — sua boca se afunda em meu pescoço e depois desce para meu ombro, onde ele morde delicadamente — Eu nunca

mais quero sair de dentro de você. Nunca mais. Diz que a gente vai fazer isso para sempre.

Eu rio de sua espontaneidade, mas sinto o mesmo que ele. Quero isso para sempre. Quero sentir-me assim para o resto da vida.

Beijo seu pescoço de novo e afundo minhas unhas em suas costas, quando o prazer chega pela segunda vez para mim, e dessa vez, sei que vamos gozar juntos. O corpo de Daniel treme em cima do meu e eu vou junto, me agarrando a ele, enquanto ele me aperta tão forte que quase sinto falta de ar.

E quando finalmente nossos corpos se acalmam, eu me toco de que isso precisa durar. Nós fomos feitos para ficarmos juntos.

Porque nada nunca será tão bom quanto o que acabamos de experimentar.



— Então é isso que as pessoas chamam de sexo de reconciliação? — Daniel diz, regularizando a respiração, enquanto eu tiro o cabelo suado e grudado em minha testa e respiro fundo, testando se eu ainda lembro pelo menos meu nome.

— Elas realmente têm razão, não tem? — viro-me abruptamente para ele e digo, mas sei que sim, porque todas as partes do meu corpo doem de tanto terem sido provocadas, chupadas, mordidas e lambidas ao longo de um tempo que eu nem fiz questão de contar.

— Nesse caso foi um combo. Sexo de reconciliação... *comigo*. Não tinha como dar errado — ele fala rindo, e eu

rio junto, dando um tapa em seu ombro. Antes que eu consiga falar mais qualquer coisa, ele me puxa para cima dele, esticando meu corpo por cima do seu, me segurando pela bunda. Enquanto uma de suas mãos aperta com força meu traseiro, a outra corre por minhas costas, em um carinho relaxante e gostoso. Encaixo o rosto em seu pescoço e inalo a mistura perfeita de seu perfume com nosso suor pós-sexo e sinto meu corpo finalmente acalmar, como se tivesse achado seu lugar.

— Você é presunçoso demais.

— Eu sou realista. Não me culpe por isso — ele beija meu cabelo de um jeito tão carinho que me faz ter certeza de que ele está só brincando.

Escondo o sorriso contra seu peito e fico ali deitada, sentindo-me feliz, ainda atordoada pelo nosso momento de amor. Pela nova sensação de paz entre nós. Beijo seu pescoço enquanto ele acaricia meus ombros, delicadamente, sem objetivo quando uma dúvida me vem á mente, e eu ergo o rosto para falar com Daniel.

— Será que nossos pais vão ficar muito surpresos de ver que a gente se entendeu?

Ele ri alto, deixando claro que sabe de alguma coisa que eu não sei.

— Como você é inocente, Mila — franzo o cenho e então ele aperta meu nariz, como faria com um filhotinho fofo — É óbvio que essa história de eles fazerem eu te dar carona foi um plano. Eu já desconfiava, mas meu pai me confessou ontem, quando liguei para ele. Você acha mesmo

que seu pai, coruja do jeito que ele é, ia perder a oportunidade de ir te buscar? Eles só queriam obrigar a gente a ficar sozinhos por algumas horas.

— Eu devo agradecer a eles, então? — aperto os olhos, ainda me sentindo confusa.

— Me diz você — ele diz baixinho e me beija, começando lentamente, acariciando meus lábios com os seus. Sinto sua língua me invadir e o tesão volta a correr por todo meu corpo, e mesmo sem saber como é possível sentir tanto desejo assim, sendo que acabamos de transar, me deixo levar e gemo baixinho, enquanto ele morde meu lábio inferior e acaricia meu pescoço, colocando uma leve pressão em nosso contato, me fazendo ficar tonta de vontade.

Quando ele finalmente me solta, me olha e eu sorrio, tendo minha resposta na ponta da língua:

— É, *eu devo agradecer muito.*

CAPÍTULO 11

AMOR COM AMOR SE PAGA

Daniel

— Ei, você se tocou de uma coisa? — dou um gole no meu suco de laranja e sorrio. Estamos sentados no meio da cama, tomando o café da manhã, que eu pedi para entregar no chalé. Ela está de frente para mim, indefectivelmente linda vestindo apenas minha camiseta do *The Score*, calcinha e meias, uma delas furada, inclusive. O cabelo está uma bagunça, os olhos inchados e cheios de olheiras pelas poucas horas de sono, mas quem liga? Até virada do avesso essa criatura conseguiria ser bonita. Pode ser bruxaria? Pode. Mas também pode ser a paixonite enclausurada há seis anos podendo enfim ser demonstrada.

— Do que? Do fato de que estamos há algumas horas sem nos ofender? Eu sei, é estranho pra mim também, mas acho que a gente se acostuma. Se você sentir muita falta, eu te provoco e você retruca, pelos velhos tempos — ela pisca sem vergonha e eu rio alto.

— Não, *maloqueira. É Natal!* — me levanto de onde estou, pisando perigosamente entre a bandeja e indo até ela. Derrubo Camila na cama, e deito-me por cima de seu corpo

contemplando seu sorriso do tamanho do mundo, enquanto ela lambe os dedos cheios de geleia de morango. Limpo uma marquinha do doce no canto de sua boca com minha própria língua e prossigo — Não sou o papai Noel, mas tenho um brinquedo bem legal para você passar o tempo.

— Tão ridículo. É de nascença ou fez cursinho? — ela tomba a cabeça, me analisando e querendo rir, e eu confesso que gosto dessa provocação. Camila Capeta até que faz falta.

Abaixo-me e lhe dou um selinho, tentando ser o adulto da relação, já que segundos atrás eu falhei miseravelmente na tarefa.

— Com tudo o que aconteceu, a gente nem se tocou que já é dia 25.

— Verdade. Nossos pais vão nos matar, a gente perdeu a ceia, e pelo horário, vamos perder o almoço também.

— Na verdade, acho que eles já esperavam por isso — beijo seu rosto novamente — Acho que o nosso feriado vai ser aqui na cama.

— Sem problemas por mim — ela diz, mais do que depressa.

— Então... — olho dentro dos seus olhos cintilantes de felicidade e suspiro, dizendo a frase que eu me neguei a falar desde que brigamos anos atrás — Feliz Natal, princesa.

Ela beija minha boca e dá um brilhante sorriso.

— Feliz Natal, príncipe.

E é exatamente assim que me sinto. O sapo que foi beijado pela princesa e virou príncipe. E por ela, eu viro o que for. Transformo-me no que ela precisar, apenas para estar com ela. Porque agora que eu sei como é a sensação de ter Camila nos meus braços, sei que nunca mais posso viver sem isso.

Saio de cima dela e pulo da cama. Vou até o sofá onde nossas malas estão e tiro um embrulho de lá, com um laço bem feito. Viro-me para ela e com um sorriso amarelo, estendo o pacote um pouco amassado.

— Eu tenho um presente para você. De Natal — quando seus dedos magros envolvem o pacote, ela ergue os olhos sem entender e eu sorrio, ainda sem graça — Abre, vai.

Ela desembrulha delicadamente enquanto minha inquietação aumenta, chegando a níveis alarmantes, querendo pular e rasgar o pacote de uma vez só para ela ver logo o que tem dentro. Quero saber o que ela acha do presente que escolhi com tanto cuidado. Em todas as outras vezes, eu tive que fingir que não reparava em suas reações para não entregar o que eu fazia.

Quando seus olhos caem no presente, ela me encara, completamente surpresa.

— É um Littmann Classic III — ela olha melhor, atenta a

cada detalhe do estetoscópio, encantada — Um Black Edition — eu confirmo e então seu rosto ganha uma ruguinha de dúvida — Mas... como você sabia que a gente ia se resolver?

Dou de ombros.

— Eu não sabia.

— Então porque você comprou? O que ia fazer com ele se a gente não voltasse a se falar? — ela caminha de joelhos pela cama até chegar onde estou, esperando minha resposta. Engulo em seco e sei que fico vermelho com a confissão que vou fazer, mas uma hora ou outra ela iria saber, de qualquer forma.

— A mesma coisa que eu fiz com todos os outros presentes dos anos anteriores. Eu ia pedir para os meus pais fingirem que também era um presente deles — quando digo isso, automaticamente sua mão vai para a correntinha de ouro em seu pescoço, como se ela soubesse imediatamente a que estou me referindo.

— Essa correntinha...? — as palavras saem fracas de sua boca e então eu pego a minha própria no pescoço, e seguro-a entre as mãos.

— Comprei junto com essa minha. A sua é de ouro, a minha é de prata. Na sua tem uma estrela brilhante, e na minha... — viro-a para que Camila leia a frase entalhada: *“Deixe sua luz brilhar”*. — Você é luz, e eu sei que você ainda vai brilhar muito na vida de outras pessoas por meio

da sua profissão. Comprei porque sempre achei que era uma forma da gente ficar mais perto, sei lá — eu engasgo — É bobagem minha.

Ela ergue sua mão, acariciando meu rosto.

— Não é bobagem sua. Eu amo essa corrente. É o presente que eu mais gostei de ganhar nos últimos anos. E agora que sei que foi você, eu gosto mais ainda — seu sorriso branco é encantador.

Pego o pingente de estrela entre os dedos, examinando-o exatamente como fiz no dia que comprei.

— Quando eu o vi na loja, tinha certeza de que você ia gostar.

Ela derrete, mas logo em seguida um sorriso curioso nasce no canto de sua boca, e ela pergunta de forma travessa:

— Quais foram os outros presentes, hein?

Dou risada.

— A maleta importada de canetas, marca textos e post its, a coleção de livros sobre anatomia, o jaleco bordado à mão... — respiro fundo para falar o último item — E o contato para sua viagem ao Malawi era meu... *Não do meu pai*. Fui eu que consegui a viagem para você.

Primeiro, ela fica estarecida e não fala nada, depois de alguns segundos, apenas me abraça. O abraço mais gostoso, puro e verdadeiro e eu a abraço de volta. Passo as mãos por

sua cintura e a trago para bem junto de mim. Ficamos assim alguns minutos, em absoluto silêncio, até que ela se desenrosca de meu aperto.

— Você confia tanto em mim assim? Confia tanto no meu desejo de ser médica?

— Mila, desde que éramos crianças, você sempre estava enroscada no estetoscópio do seu pai e no jaleco da sua mãe... Suas bonecas, *todas*, ou eram médicas ou pacientes, os ursinhos sempre tinham um final triste a cada operação que você fazia neles... Se isso não é algo que nasceu com você, eu não sei mais o que pode ser.

Ela respira fundo, mas sinto um leve tremor em sua voz ao confessar o que seu coração guarda.

— Eu tenho tanto medo, Dani. Tanto medo de não ser uma médica como meus pais são, de não conseguir terminar essa faculdade, de não ser boa o bastante — seus lábios tremulam e sei que ela está confessando o que pensa ser uma fraqueza — De desperdiçar a chance que o universo me deu por incompetência.

Decido quebrar o gelo:

— Olha, eu não sou muito bom com conselhos, mas se quiser um comentário sarcástico, estou aqui.

Ela ri e eu fico satisfeito, porque era essa a intenção. Ser um babaca, às vezes, não é de todo ruim. Às vezes serve com o propósito de distrair quem a gente ama.

— Tô brincando — Enrolo uma mecha de seu cabelo entre os dedos e

então tenho uma ideia — Mas eu acho que sei o que pode te ajudar. No meio desse ano, eu fiz uma entrevista com a Denise Damaceno...

— A maior especialista em Oncologia do país? — pergunta, estupefata.

— Sim, ela até foi mentora do Doutor Lorenzo...

— Do Doutor Lorenzo Leone! — completa minha frase, animada, e eu rio da empolgação.

— Exatamente, bom, acho que não preciso te explicar quem ela é, pelo jeito. Enfim, você sabe como ela é exigente, e para conseguir a mentoria com ela, é muito difícil. Ela escolhe os mais aplicados, sempre.

— Você conseguiu?

— Consegui porque sou esforçado em tudo o que eu me proponho a fazer, Mila, mas não porque eu realmente queira isso. Eu ia começar o ano que vem — então abro um sorriso e digo, lembrando-me de repente de contar a novidade — Mas ontem, enquanto você dormia, conversei com meu pai e disse a ele que eu queria fazer música, não medicina. Ele entendeu, exatamente como você disse que ele entenderia, e por isso eu decidi que vou trancar o curso. Vou atrás do que eu quero para mim. Estar com você aqui me abriu os olhos do quanto eu posso perder na vida por não ter coragem de assumir o que eu quero, e eu não quero perder mais nada por medo, nunca mais.

— Eu estou tão orgulhosa — ela dá um pulinho e bate palmas, me abraçando — Mas o que da Dra Denise tem a

ver com isso?

— Posso conversar com ela, e tentar uma entrevista para você, para quando for a sua época de tentar. Eu posso usar as cartas “*ela é mil vezes melhor do que eu*” e a infalível e verdadeira: “*ela é mulher e mulher é sempre superior*”.

— E se ela não gostar de mim? Não me achar boa o bastante? — rói a unha, nervosa, o medo estampado em seu rosto angelical.

— E se ela gostar, Mila? E se ela não te achar boa, e sim excelente? A gente só vai saber se tentar... Olha, eu estou aqui para te ajudar. Do meu jeito torto, mas tô, Mila. Eu consigo a entrevista e daí para frente é com você. Você se vira porque eu sei que você é capaz — deixo isso bem claro porque não quero, nunca na vida, que se ela conseguir isso, ache por um segundo que me deve alguma coisa. Porque ela não vai dever. Ela é perfeitamente capaz de conseguir realizar todos os seus sonhos sem dedo meu ou de ninguém, porque essa garota é a porra de uma vencedora. Sempre foi. Sempre será.

— Promete que vai dar tudo certo?

— Prometer eu não posso, Mila. Mas posso te garantir que vou estar do seu lado mesmo que dê errado.

Ela sorri com minha resposta, e depois respira fundo, testando os prós e os contras, então eu seguro os dois lados de seu rosto e digo, tentando ser incisivo:

— O meu pai sempre diz que ninguém pode construir por nós, as pontes que a gente precisa atravessar na vida. Só vai, princesa. Só vai, constrói e atravessa essa porra, porque você pode.

Ela sorri, mordendo o lábio.

— Sabe? Quando você não está sendo um idiota, você até que é bem legal.

Inclino-me e beijo sua boca.

— Acho que já estava na hora, não é?



— Posso te perguntar uma coisa?— Camila ergue a cabeça que está pousada em meu peito e eu abro os olhos, piscando. Estou quase dormindo, porque o dia de natal está preguiçoso e a gente decidiu por unanimidade não sair desse chalé nem se o apocalipse zumbi chegasse. Tomamos café da manhã na cama, transamos mais uma vez, tiramos um cochilo e agora estamos aqui, largados, aproveitando a preguiça que nos consome. Sou um cara agitado, que sempre está procurando alguma coisa para ocupar a cabeça e o corpo, mas aqui com ela eu descobri um novo e insuperável hobby: *deitar abraçadinho*.

Piegas, eu sei. Mas eu descobri que gosto de ser assim.

— Claro, manda ver — viro-me meio de lado e então ela começa a traçar os dedos sob os desenhos no meio do meu peito.

— O que significa? — seu dedo para bem no meio da tatuagem e seus olhos se erguem até os meus, atentos. Remexo-me um pouco incomodado, mas assim como aconteceu com os presentes que eu dei e nunca contei, acho que está mais do que na hora dela saber sobre a marca que eu levo comigo.

— É a data que eu te beijei e estraguei tudo. Tatuei no meio do peito para que toda vez que eu me olhasse no espelho, me lembrasse da idiotice que eu fiz.

Ela ergue o corpo na cama imediatamente. Seus olhos se arregalam e ela fica de boca aberta.

— Você tá falando sério?

— *Tô*. Eu *tava* bêbado quando fiz, é verdade, mas a intenção era verdadeira. Só precisei do álcool para me dar uma forcinha. Mas o significado não é só uma punição. É também a data do nosso primeiro beijo, de qualquer forma. Tem um significado legal também — sorrio, porque ela está terrivelmente assustada, mas não tem nada demais. Fiz porque quis fazer. Fiz porque era importante para mim. Fiz por que tinha dinheiro e o tatuador tinha horário. As pessoas pensam demais sobre coisas que não precisam de sentido, só de sentimento — Você gosta mais de mim agora que sabe o significado? — arrisco, puxando ela de volta

para meus braços, enroscando-a em meu corpo.

— Eu não sei o que pensar — ela balbucia.

— É porque você pensa demais, princesa.

— Culpada — ela sorri.

—Então para de pensar e me beija — subo por cima dela, e enrosco minha perna na sua, aprofundando o beijo — Me beija e confessa que estava morrendo saudade disso, morrendo de saudade da gente.

— *Ah... Não muito* — ela ri com desdém, seus cabelos espalhados pelo lençol branco e a barra da minha camiseta enroscada em sua barriga, me dando mais visão de sua pele.

Belisco seu mamilo por cima do tecido e ela geme, baixinho, tentando se controlar.

— Não é o que parece — mordo seu lábio, devagar — Nem o que seu corpo diz.

— Não é? — ela continua provocando — Tá bom vai, até que eu senti um pouquinho — sua mão desce até minha cueca e quando seus dedos se insinuam por dentro do tecido, eu me arrepio inteiro.

— Para quem não estava com saudade, você tá animadinha demais, não acha? E pela terceira vez...

— É porque apesar da marra e das piadas muito, muito ruins, você até que é *bonzinho* de cama — seus olhos cintilam malícia e seus dedos finalmente envolvem meu

pau, me deixando louco com a provocação.

— Tá mexendo com fogo, Mila — esfrego meu corpo contra o seu, louco por contato — Vai acabar se queimando.

Ela morde o canto da boca quando segura a barra da camiseta com as duas mãos e a puxa por cima da cabeça, ficando nua e deixando os seios perfeitos ao alcance da minha boca faminta.

— Ah é? — ela arremata, me dando o aval que eu precisava para começar tudo novamente, pela terceira vez — *Então pode vir quente que eu estou fervendo.*



— Uau — Mila cai de costas na cama, respirando fundo, tentando regularizar a respiração. Eu estou da mesma forma, pensando seriamente se meu pau vai aguentar o tranco desse fim de semana. Não que eu esteja reclamando — *e realmente, realmente, não estou* — mas eu nunca poderia imaginar que seria dessa forma: a cada olhar, a cada palavra, a gente já está se engalfinhando na cama como dois malucos.

— Acho que uau é sua nova palavra favorita — me viro para ela, e ela faz o mesmo, puxando o lençol, cobrindo parcialmente sua nudez. O que é uma besteira, porque em

pouco tempo tenho certeza de que sou capaz de saber, de cor e salteado, o que tem em cada canto do corpo dessa garota.

E meu Deus, ela é perfeita.

A perfeita mais imperfeita que eu conheço e tudo bem. Gosto dela desse jeitinho, cheia de manias, grosserias, erros e acertos. Nariz empinado e ansiosa, com um coração lindo e cheio de sonhos, mas também rancorosa para caralho, porque tudo isso junto é ela. E a verdade é que eu a amo, exatamente como ela é.

— Nossa palavra favorita, você quer dizer. Até agora pouco era você que estava falando: “*uau, Mila, isso mesmo, bem aí...*”. — gargalho porque ela tem razão. Era exatamente as palavras que eu estava dizendo agora pouquinho.

— Continua nesse ritmo que eu vou morrer de desidratação — puxo seu nariz e ela franze o rosto, toda bonitinha — Você ainda acaba comigo, mulher.

Ela dá de ombros, com um sorriso grudado no rosto.

— Melhor eu do que outra — dá a língua para mim, e então eu me toco de uma coisa. Com tudo o que está acontecendo entre nós de ontem para hoje, falei muitas coisas: pedi desculpa, assumi alguns erros, mas o principal eu ainda não disse. Não disse o que eu realmente sinto por ela.

— Não tem outra, Camila — minha voz sai mais séria do que eu esperava e o sorriso no rosto dela vai morrendo,

lentamente — Não tem e nem vai ter outra enquanto você quiser que eu seja seu.

Percebo que seu peito estremece e ela engole em seco. Ensaia uma ou duas vezes, mas as palavras não saem da sua boca e eu acho um pouco de graça. Ela não está sabendo reagir a essa conversa, mas eu não vou deixa-la fugir. *Eu nunca mais vou deixa-la fugir.*

— Por quê? — ela finalmente cria coragem e pergunta.

As três benditas palavras pinicam minha língua, martelando minha cabeça sem parar. Estar com ela aqui, nesse momento, tendo essa conversa, é como um sonho se tornando realidade, já que eu ensaiei isso tantas e tantas vezes, sozinho no meu quarto. É bem sentimental e até um pouco ridículo, mas eu sempre sonhei com um “felizes para sempre” para mim e Camila, exatamente como nos livros românticos que ela tanto ama. *Não que eu tenho lido cada um dos títulos que vi ela segurar na mão ao longo dos anos apenas para saber o que a agradava, longe de mim.*

Acho que nosso momento finalmente chegou.

— Porque eu te amo.

— Para. Você não pode falar isso — ela dá uma risadinha sem graça enquanto ajeita a barra do lençol sobre os seios, sem saber o que fazer com as mãos. Seu rosto está vermelho como brasa e sua respiração se torna mais rápida. Pelo amor do pai, que essa menina não tenha uma crise de pânico bem agora.

— Posso sim. Claro que eu posso. Tanto posso que vou falar de novo — me viro de lado e me apoio no cotovelo, olhando dentro de seus olhos — Eu

amo você, peste.

— Só tá falando isso porque quer me comer.

Dou uma rápida olhada por seu corpo, de forma maliciosa e então ergo a sobrancelha, divertido.

— Camila?

— Hã?

— Eu já te comi —ergo três dedos no ar — **Três sensacionais VEZES**— eu rio e ela ri junto, jogando a cabeça para trás. Então se ergue de novo, e morde o canto da boca, de uma forma safada, como se estivesse encantada com nosso momento de amor totalmente fora do comum.

— Droga, verdade.

— E eu ainda vou continuar dizendo que te amo, porque é real.

Seu rosto se entenece e seus olhos se enchem de lágrimas, mas não faço nenhum comentário sobre isso porque sei que ela não gosta de ser pega quando está vulnerável. Conhecê-la tão bem vai me ajudar nesse relacionamento, com certeza.

Ela passa as mãos tremulas por meus braços enquanto eu relaxo sob seu toque e quando sua respiração volta ao normal, ela se inclina, selando sua boca na minha brevemente. Depois, se afasta levemente e diz, *finalmente*:

— Eu também te amo, peste. Te amo de verdade.

Rio, entre aliviado e confuso com as declarações nada comuns. Como somos *românticos*.

— Meu Deus, nós somos um desastre, não somos? — ela gargalha, se referindo ao nosso romantismo torto, pensando exatamente como eu, quase como se lesse minha mente.

— Mas não é o melhor desastre?

— Sem dúvida — então ela para de rir e solta o que eu não imaginava ouvir dela — Foi por isso que você mentiu falando que a carreta só ia ser tirada no dia seguinte? — estaco na hora. *Porra, ela sabe disso?*

— Eu queria ter tempo de consertar as coisas — então me toco de uma coisa, e franzindo o cenho, faço a pergunta que não quer calar — Se você

sabia, porque não me colocou contra a parede?

Ela dá um sorrisinho de canto, e então diz, calmamente:

— *Por que talvez eu quisesse consertar as coisas também.*

Epílogo

DEUS ESCREVE CERTO POR LINHAS TORTAS

Véspera de Natal, 07 anos depois.

Camila

Ando pela ala de internação pediátrica, verificando todos os quartos e os leitos e fazendo anotações sobre os pacientes. Sorrio sempre que paro para conversar com uma mãe ou com uma das crianças, tentando ao máximo ser positiva e simpática, porque por mais que não seja a melhor coisa trabalhar na noite de natal e ficar longe da minha família e amigos, com certeza ainda é pior para eles, que são obrigados a estarem aqui por força das circunstâncias.

Eu tenho saúde, e quando meu turno terminar, poderei voltar para casa e para os meus, que estarão de braços abertos me esperando. Tenho tanto para ser grata, então reclamar nem passa pela minha cabeça, e grande parte da maturidade que eu ganhei foi trabalhando com essas pessoas e sentindo na pele o quanto minha vida é boa perto daqueles que sempre estão à beira de perder o que mais importa.

Paro ao lado do leito 502 e sorrio para o menininho deitado na maca. Ele está brincando com um caminhão de bombeiros novinho que ganhou mais cedo do projeto de Natal que visitou o hospital, enquanto sua mãe, extremamente cansada, foi vencida pelo sono e dorme encolhida na poltrona ao lado. Provavelmente quando acordar se sentirá culpada por ter adormecido antes do filho, porque é isso que as mães normalmente fazem: se culpam por tudo, até pelo que não é culpa delas. Eu ainda não sou mãe, não sinto isso na pele, mas trabalhando com mães todos os dias, posso dizer com propriedade que elas sempre querem carregar o mundo nas costas e assumir para si, todas as responsabilidades dele.

Passo a mão pela cabecinha raspada do menino, e sussurro baixinho:

— Ei, Pedrinho. Vamos cobrir a mamãe? — ele acena balançando a cabecinha e então sorri enquanto me vê deitar a manta levinha sobre o corpo

de sua mãe. Depois que faço isso, puxo uma cadeira e me sento ao lado do leito, anotando algumas informações na prancheta, tentando ao máximo fazer com que isso pareça uma conversa normal, não um amontoado de perguntas chatas na noite de Natal — Abre a boca para a tia Camila ver uma coisinha — peço, e ele atende prontamente. Depois, apalpo seu pescoço, suas costas e debaixo de seu maxilar, procurando linfonodos, mas de um jeito sutil que mais faz parecer cóceguinhas desajeitadas. Rabisco mais algumas informações, e então deixo a prancheta de lado para dedicar alguns minutinhos a ele.

— As náuseas melhoraram? — pergunto e ele balança a cabeça em afirmativo. Nem preciso explicar o significado dessa palavra, afinal, ele está aqui há tanto tempo que já se familiarizou com todos os termos, mesmo sendo uma criança tão pequena. Sei que ele não quer conversar, pois provavelmente está se sentindo muito cansado pela última quimioterapia, há dois dias. A boa notícia é que com o passar dos meses e a cada exame, ele se mostra melhor e eu acho que teremos uma vitória aqui, muito em breve.

E é por isso que eu amo tanto o que faço. Porque, por mais difícil que seja acompanhar o desgastante processo em busca da cura, quando ela vem, faz tudo valer a pena. Saber que uma criança poderá voltar para casa, para a escola, para sua família e amiguinhos faz todo o esforço, sofrimento, sono, cansaço e estresse, valer a pena em sua totalidade. Toda vez que eu assino uma alta com lágrimas nos olhos, me sinto como uma super heroína e essa sensação, não há absolutamente nada que pague. E com certeza, essa sensação, não há noite de Natal trabalhada que me tire.

— Toc, Toc — reconheço a voz de imediato e me viro em direção à porta, enquanto Pedrinho e eu sorrimos abertamente ao ver Daniel parado ali. Com um jaleco branco enfeitado com flores de plástico, retalhos coloridos de roupa, a cara pintada com um nariz de palhaço vermelho e um chapéu cheio de estilo na cabeça, meu marido aparece fazendo uma careta na porta, enquanto Pedrinho ri abertamente — É aqui que está acontecendo uma festa de Natal... *do pijama*? — Ele pisca para meu pequeno paciente que chacoalha a cabeça positivamente.

Então ele tira o violão de trás das costas, onde o escondia, e começa a cantarolar uma canção de Natal animada, trazendo vida para o quarto até então quieto. Por um momento, eu me permito esquecer os prontuários, as quimioterapias, os medicamentos e até as notícias ruins que terei que dar

amanhã para algumas famílias, e me permito cantar e bater palmas enquanto admiro o homem que eu mais amo no mundo fazendo o que ele realmente nasceu para fazer: *cuidando das feridas da alma de alguém. Um trabalho tão importante quanto o meu, porque não há corpo sem uma mente sã.*

E eu não poderia estar mais orgulhosa.

Entre minha residência e os curtos períodos em que eu ia para o Malaui com o voluntariado, Daniel e eu nos vimos poucas vezes. Ele estudou música no conservatório de Tatuí, em São Paulo, bem longe de mim, e poucos feriados coincidiram para que passássemos juntos. O que poderia ser a receita para um desastre absoluto, só serviu para que ficássemos ainda mais próximos, afinal, se seis anos de um ódio mal fingido não fizeram nosso amor se dissipar, não seriam os anos fazendo o que amávamos e felizes com nós mesmos que iriam destruir tudo o que construímos juntos. Acho que no fundo, o que as pessoas não entendem, é que é disso que o amor verdadeiro é composto: uma boa luta para estar junto, compreensão e aceitação do outro, felicidade em ver o companheiro crescer e ser feliz consigo mesmo. Todo o resto é posse, e isso nunca combinou muito com nós dois.

Depois do show de Daniel, saímos para fora da ala pediátrica e paramos no corredor. Respiro fundo e abro um enorme sorriso diante dele vestido com sua roupa de *médico-palhaço*.

— Feliz Natal, meu amor — ele sorri, me estende uma flor de plástico, tira o nariz vermelho e se inclina para me beijar. Dou risada antes de encostar minha boca na sua, mas quando o faço, me sinto a pessoa mais feliz do mundo. É isso que Daniel faz comigo desde que voltou para minha vida: ele me faz feliz.

— Obrigada por ter vindo ficar comigo aqui em plena noite de Natal — sorrio, passando as mãos por seus braços.

— Você é minha família. Natal é dia de passar com a família — ele tira o chapéu cheio de flores de plástico e faz uma medida — E sua mãe mandou vários pratinhos para nossa ceia. Quando você tiver um minutinho para pausa, me avisa, vamos para nossa comemoração nos fundos do hospital.

Rio.

— Não vejo a hora.

— Eu estou muito orgulhoso de você, Doutora Camila Duarte Ventura.

Você está exatamente onde sempre quis estar, e não importa se é Natal, Páscoa ou Carnaval, eu sei que é aqui que você sempre vai preferir estar. E eu também estou, *porque sempre vou preferir estar onde você está.*

Enxugo uma lágrima de emoção. Há muitas formas de pedir desculpas por um erro cometido, e ao longo dos anos, Daniel me mostrou cada uma delas, e eu também fiz minha parte por saber que nunca fui propriamente uma flor que se cheire em relação ao que tivemos anos atrás. Mas o melhor pedido de desculpas que se pode dar e receber de alguém é a mudança de comportamento, e nisso nós dois fomos muito bons. Crescemos, amadurecemos, descobrimos nossas vocações e libertamos nossos sentimentos. Eu acredito em segundas chances. Talvez nem todos as mereçam, mas eu acredito. Ele mereceu. Eu mereci também.

— Eu te amo.

Ele me beija.

— Não mais do que eu te amo.

— Quer apostar? — pergunto, e ele franze o cenho, depois dá um sorriso de canto provocativo, e eu já sei o que ele vai dizer:

— Quero, ué. *Você nunca ganha mesmo.*



Daniel

— Hoje faz sete anos que eu te mostrei todas as minhas músicas de amor — digo enquanto enfio a colher de pudim na boca, de costas para Camila. Ela joga a cabeça para trás e ri, mas depois fica quietinha, provavelmente relembrando o momento, assim como eu.

“— *Essa eu fiz para todas as vezes que ouvimos Kiss juntos — estico o papel em sua direção e ela o pega, como se fosse algo precioso demais. Enquanto seus olhos correm pelas palavras, sua boca fica entreaberta, como se ela estivesse impressionada. Não sei se com a minha doidera, ou pelas palavras. Talvez pelos dois — Essa eu fiz pro dia do nosso beijo malsucedido...*

— *Pro dia que você foi um babaca?* — ela pergunta com um risinho de

canto, sendo maldosa de propósito. Claro que isso não mudaria da noite para o dia.

Pego o bolo de folhas rabiscadas e me sento ao lado dela, em minha cama, enquanto passo os olhos por cada uma das composições, que dias depois de nos resolvermos, eu decidi mostrar para ela. Queria que ela tivesse certeza de que todos esses anos, eu pensei sobre ela a cada maldito dia. De verdade.

— Essa eu fiz pro dia em que decidi fazer a tatuagem, e essa eu fiz sem nenhum motivo aparente... só porque eu estava com saudade mesmo — digo, dando de ombros e então ela me olha, toda boba.

— Você fez praticamente um álbum para mim, Daniel Ventura.

— Talvez dois ou três — retruco, porque é verdade. Então mexo em cada uma das folhas e vejo uma especial. Estendo para ela, que pega e me olha, curiosa, querendo saber o motivo antes mesmo de ler a letra — E essa eu fiz para todos os Eu te amo que eu nunca te disse... Essa eu fiz pro nosso amor.
”

Tanta coisa mudou para nós nesses anos que se seguiram. Nunca na vida achei que estaria aqui, casado com Camila, fazendo pequenos shows e compondo músicas muito bem pagas para artistas de renome. Não é o que eu quero ainda, quero escrever para que um dia eu possa cantar minhas próprias músicas, mas eu aprendi que na vida, é um passo de cada vez. Também nunca imaginei que, na véspera de Natal, eu estaria comendo a ceia em um corredor, vestido de palhaço e com um violão na mão, cantando para crianças que precisam de mim e da Camila muito mais do que nossa própria família. Não é um Natal tradicional, mas ainda acho que não poderia ser mais perfeito, porque exatamente como meu pai me disse em um Natal, anos atrás, esse é o significado da data: estar com quem amamos.

Nosso futuro, *esse futuro*, não é algo que planejamos. Sempre achei que seria um médico como meu pai, mesmo contra minha vocação. Também nunca pensei que seria, um dia, marido da Camila.

Toda a minha vida planejada caiu por terra, para depois se transformar em algo com mais sentido e muito mais precioso. Ainda não temos filhos, mas sei que um dia eles virão, e terão muito orgulho da nossa caminhada.

Ainda de costas para minha mulher, alcanço suas mãos no chão e

entrelaço nossos dedos.

— Quer voltar para lá e conversar com mais algumas crianças? — pergunto e me viro, encontrando seu sorriso de médica ansiosa.

— Por favor.

Quando ela levanta, viro seu corpo para o meu, e mesmo com o rosto todo pintado, beijo sua boca a fazendo rir e sussurro em seu ouvido as palavras que eu nunca canso de dizer, nunca:

— Te amo, peste.

Ela sorri, porque sim, não perdemos esse hábito.

— Te amo mais.

E por mais que a gente lute há anos para descobrir qual dos dois ama mais, a verdade é que nunca vamos saber, porque amor como o nosso não é do tipo que se mede por palavras. Afinal, a gente precisou de muito mais do que isso para chegarmos até onde chegamos.

As pessoas procuram desesperadamente o amor, sem saber que o amor não é uma procura.

O amor é *encontro*. Ou *reencontro*.

E mesmo depois de tanto tempo perdido, *Camila e eu nos reencontramos*.

Fim

Agradecimentos

Gostaria de agradecer à minhas queridas leitoras e leitores, sejam do Wattpad, da Amazon ou dos meus livros físicos. Vocês fazem todo o esforço valer a pena, sempre.

Agradecer à Denise, por ser a beta e a primeira pessoa a ler essa história e dizer: “vai que dá pé!”, mesmo sabendo que eu estava morrendo de medo de ela não ser aceita pelo meu publico, já que é um pouquinho diferente das coisas que normalmente escrevo.

As meninas do meu coração , Becca Pessoa, Natalia Saj, Clyra Alves e Letti Oliver, que correram nos quarenta e cinco do segundo tempo para me ajudar a lançar essa história. Obrigada por serem quem são, e por estarem comigo.

As maravilhosas leitoras do grupo de Whatsapp, que ouviram cada surto, que xingaram o Daniel com força e vontade e que me ajudaram a batizar esses dois idiotinhas. Somos uma família! Uma familiazinha maravilhosa da qual eu amo fazer parte.

A minha família, meus amigos que também são família, ao meu marido e ao meu filho. Vocês são minha força todos os dias.

A vocês, todo o meu amor,

Cássia Carducci

